

**A** 466578

POEMAS PORTUGUEZES

Luz J. J. J.

LIVRARIA  
CASTRO  
E SILVA  
LISBOA

13094

PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



2017 Feb 13 13094 231

LIVRARIA  
CASTRO  
E SILVA  
LISBOA

13094

PROPERTY OF

*University of  
Michigan  
Libraries*

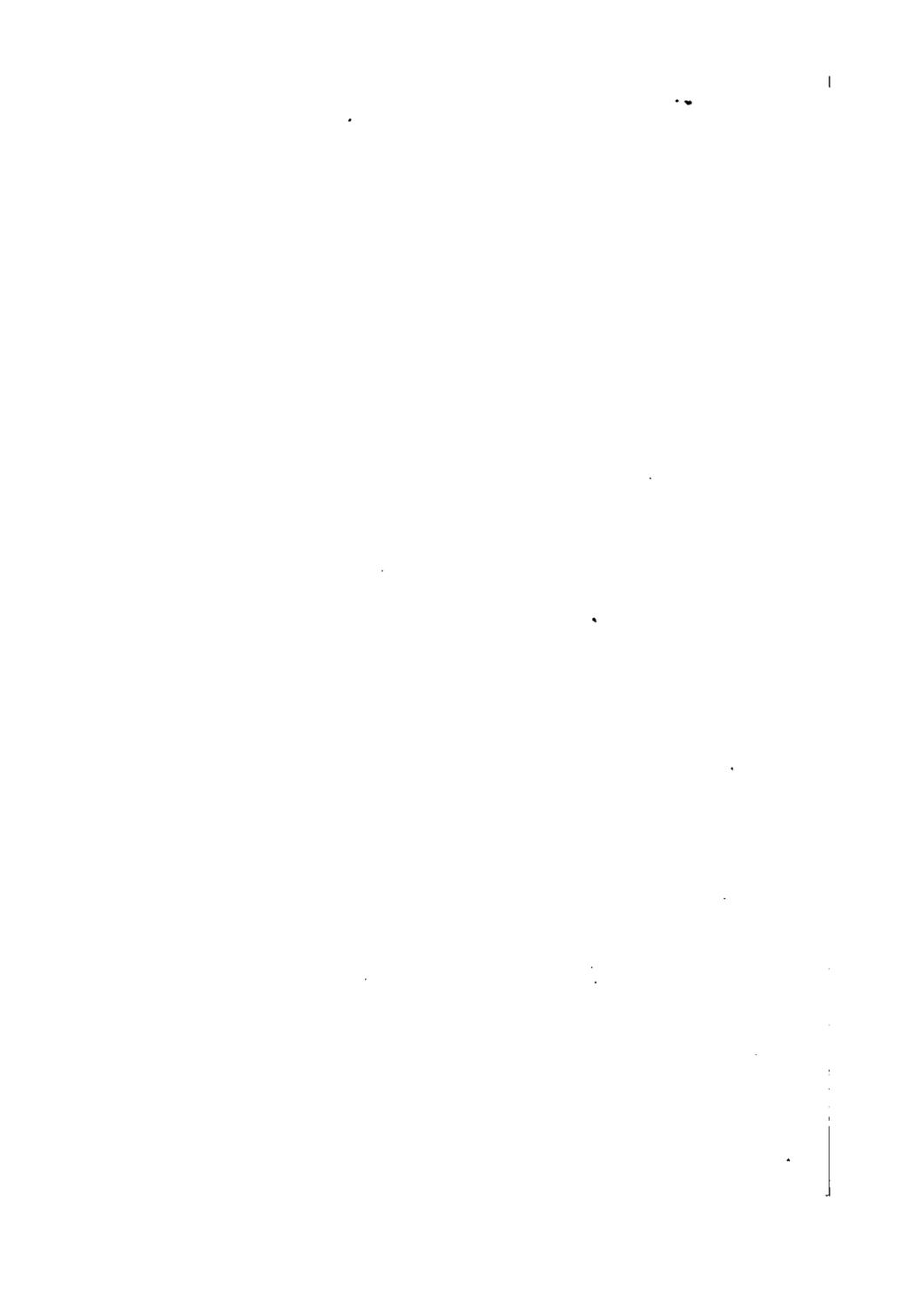
1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

100 F 13 1394 23



# POEMAS PORTUGUEZES



LUIZ OSORIO

---

POEMAS  
PORTUGUEZES

*CONTOS E APOTHEOSES*

1884-1889



LISBOA  
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

—  
1890

869.8  
0833 p. v.

---

*LISBOA*  
**Typographia e Stereotypia Moderna**  
*11 — Apostolos — 11*

---

647828-176

AO SENHOR

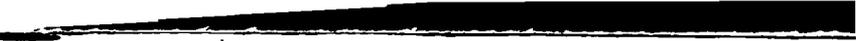
PINHEIRO CHAGAS

.

.

.





Vereis amor da patria não movido  
De premio vil.....

CAMÕES.



E se o Prologo não é mui apontado, quem quer se faz juiz pera condenar por elle toda a obra.

FR. LUIZ DE SOUZA.

Teria eu vinte annos, quando o sr. Pinheiro Chagas, publicando no antigo *Diario da Manhã* uns versos meus que recebera de Coimbra, (hoje incluidos no meu primeiro livro), os acompanhava de palavras de bastante agrado, com a mesma rasgada franqueza, com que elle de ha muito estimula todos os novos; — a franqueza sempre espontanea do seu largo e generoso character, e naturalmente robustecida na consciencia dos que sentem que já não perdem o seu logar, pela chegada de outros.

Illudiu-se nas qualidades que me attribuía, mas permaneceu o motivo do meu reconhecimento.

Esta e outras circumstancias, de desinteressada e

antiga sympathia e de elevada consideração tambem, que me prendem ao sr. Pinheiro Chagas, (apezar das nossas poucas relações), determinaram-me o anno passado a offerecer-lhe o primeiro livro que publicasse, depois da calamidade que o ia prostrando, e em volta da qual pairou, até ao seu completo restabelecimento, a mais larga e viva dôr que hoje podia inspirar a perda d'um homem no meu paiz.

Quasi perdôo a mão do anarchista que, no desvaivamento do seu golpe, e em meio da sociedade portugueza anemica, logrou pôr de pé a dignidade nacional, offendida na pessoa d'um athleta honrado e infatigavel!

Afastadas as paixões politicas, que não têm logar n'um livro de arte, creio que reflecto hoje, no publico testemunho do meu respeito, o sentimento geral e unisono que então se levantou.

\*  
\*   \*  
\*

Dos meus versos ultimamente escriptos, pareceu-me poder destacar um livro que, sem cançar pela monotonia de assumptos demasiado semelhantes, conse-

guisse todavia imprimir uma nota accentuadamente nacional no geral das suas paginas.

*Uma lingua é a chave d'uma nacionalidade*, — affirma, n'um dos seus livros, um escriptor francez eminente; só repete o que antes d'elle, por diversas fórmas, têm dito dezenas de publicistas. E eu accresco que a lingua que não esquece, para objecto da sua litteratura, os assumptos nacionaes, é uma lingua que se préza a si e ao paiz a que pertence.

Longe de mim o dizer que não deva o poeta, se tem folego e alentos para isso, tratar tambem os assumptos onde palpita a alma da Humanidade.

Não ha theorba mais levantada do que essa.

Disse Goethe: — «Esta expressão: uma *litteratura nacional*, — não tem hoje grande sentido; chegou o tempo da *litteratura universal*.»

Tem sido e será este sempre o ideal de todos os grandes espiritos. O ideal na litteratura, correspondente ao ideal na politica. Com a differença de que aquelle pode realizar-se, em parte: este, nunca.

Portanto, em these, pelo que respeita ao ideal litterario, perfeitamente de accordo.

Em hypotese, e muito particularmente na situação geographica, historica, e de fraqueza organica em que nos achamos, nada demove a convicção que per-

filho da necessidade d'uma litteratura nacional accentuada, caracterisadissima.

A menos que queiramos submeter-nos ao suicidio collectivo; e eu prefiro o suicidio individual.

Accredito que a grande sombra do poeta allemão concordaria commigo n'este ponto.

Enthusiasta como sou (e me não envergonho de o ser) da terra onde nasci: tudo o que tenda a *individualizar* o meu paiz, conquistando-lhe, quanto possível, maior direito de viver, encontra em mim um sincero e verdadeiro fanatico.

Fosse este livro um dos porticos, embora acanhado e mesquinho, que provocasse as atenções de outros poetas, para a larga e radiante estrada, que mal tentei, e de bom grado me sumiria eu completamente na sombra, para dar logar a essa cohorte de trabalhadores de maior vulto.

Ninguem veja aqui a vaidosa presumpção d'um *iniciador*: seria errada, mas não existe.

Devo todavia observar que, toleravel ou má, é esta, de meu conhecimento, a primeira collecção de contos em verso que apparece entre nós.

A alma portugueza, desnordeada e ferida, por milhares de motivos que não cabe discutir aqui, necessita hoje d'um refugio. Esse refugio vae procural-o o

poeta nos seus versos. Assim se explicam algumas paginas indignadas que se encontram na primeira e, sobretudo, na segunda parte d'este livro.

Demais, em todos os tempos a litteratura reflectiu a sociedade em que se criou.

Deixo aqui estas palavras, talvez muito pessimistas, porque sinto a necessidade de aproveitar a mais honrosa, embora modesta tribuna de que disponho, para affirmar com tristeza todas as minhas funestas apprehensões ácerca da sociedade portugueza actual, e o mais ingenuo e sincero enthusiasmo dos meus sentimentos civicos.

Quem me lêr, e não concordar commigo, póde levar-me, pelas intenções que me inspiram. E se alguém taxar esta preocupação patriótica de falsa, pueril, e estéril, responderei que terá ella ao menos a vantagem de ser inoffensiva.

\*

\*      \*

Exceptuados tres ou quatro d'estes contos, que pertencem meramente á minha imaginação, a grande maioria d'elles tem sempre um fundo de verdade; e

alguns aproximam-se muito da narrativa de factos por mim conhecidos.

Para descançar o espirito do leitor, n'uma série de poesias um pouco extensas, inclui na segunda parte do livro algumas composições lyricas, que me pareceu poderem, mais de molde, subordinar-se ao titulo.

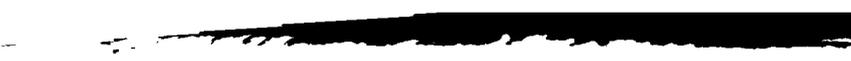
E' evidente que a *apotheose* póde abranger os homens, como póde abranger as idéas.

Julguei convenientes estas palavras, para evitar qualquer motivo de reparo.

Se a critica séria se dignasse apontar a este livro os defeitos que não pude evitar-lhe, teria prestado ao escriptor modesto, que não tem largas pretensões, mas não deseja viver da falsa benevolencia, o maior serviço que elle pode merecer-lhe.

Lisboa, 7 de maio de 1889.

LUIZ OSORIO.



PRIMEIRA PARTE

---

OS CONTOS



## A MALDIÇÃO

---

*de Fernandes Costa*

---

Atraz tornou as ondas, de medroso.

CAMÓES.

Eram tres rapagões que o mar tragara ;  
Tres atletas da velha e santa guerra  
Do trabalho n'aldeia, — o braço e a terra.  
Manhã vibrante e clara.  
Foi n'um domingo — « Ao mar ! Vamos ao mar ! »  
E na manhã castissima de festa,  
Rude, leal, sincera,

Os tres heroes a rir, fugindo ao lar,  
Deixam do campo a longa paz honesta,  
E entram na jaula provocando a fera.

Protegidos na cinta d'um rochedo,  
Tentam nadar... Avançam vagarosos  
Rompendo o mar, nos braços musculosos...  
Sonha o gigante... O velho adormecido  
Sonha lendariamente algum segredo,  
E a rumurar um canto dolorido  
Vem rolando na praia, a custo e a medo...  
Subito, alonga o mar um grito enorme!  
E ennovellando a tunica disforme,  
E rugindo no ventre insaciavel,  
E abrindo as fauces e rangendo os dentes,  
Arrancou um gemido formidavel,  
E levou na ressaca os tres valentes.

Mas como o doido em extasi dormita  
Na sombria visão quasi infinita,  
E gosta de embalar as illusões  
Na rajada do sul,  
Não quer um peito nú, gelado e morto,

Quer engulir sangrentos corações  
Como na taça ao velho rei de Thule ;  
Por isso, ao outro dia, exausto, absôrto,  
    Como alguém que desmaia,  
Na clara dobra d'uma onda azul,  
Vomitou os cadaveres na praia.

Fômos vêr o primeiro. O sol queimava ;  
E, no leito mordente das areias,  
Ennegrecido, roxo, esfarrapado,  
    — Ludibrio da tormenta, —  
    O athleta inda escutava,  
Desabrochando um riso desbotado,  
A mesma voz confusa e somnolenta,  
O mesmo rouco uivar das alcateias,  
O mesmo canto vago das sereias  
Que o seduzira a elle, — o desgraçado !

Mal em volta do morto me acercara,  
E um murmurio subtil que se atropella  
Como o tumido arfar d'uma ceara,  
E um clamor de chagal, que se arremessa,  
Vinha avançando e caminhava d'alto...

Era a longinqua voz d'uma procella.  
Erguemo-nos de salto,  
E levantámos todos a cabeça.

Era a mãe d'esse athleta escarnecido,  
Que sacudindo a onda que a continha,  
N'um immenso rugido,  
E avançando feroz, febril, represa,  
A' proporção que o mar se lhe avisinha,  
Mediu de longe o mar convulsamente,  
E com sorrir de heroica magestade  
Foi caminhando vagarosamente...  
Mas ao fitar o morto, n'um gemido  
De noite, de tufão, de tempestade,  
Correu na praia allucinadamente,  
E abrindo a vista accesa  
Cahiú sobre o cadaver de repente  
Como um tigre cahindo sobre a preza.

A dôr suprema tambem é selvagem :  
Quando as mães imprecando a Providencia,  
N'um desespero altivo e sacrosanto,  
Debalde imploram,

Têm os uivos da fera por linguagem ;  
Porque o chorar é quasi irreverencia,  
A' flôr do rosto não borbulha o pranto,  
As mães não choram.

Abraçada ao cadaver que sorria,  
Vão lá saber o que elle lhe contava,  
Ou o que a pobre santa lhe dizia,  
Ou no que a alma d'elle inda sonhava !

Era um murmurio brando  
De caricias, de affectos, de ternuras,  
Que se evolava, só de quando em quando,  
D'aquellas duas largas sepulturas.

O que uma alma disse, á outra unida,  
A' rir e a' conversar,  
Sente-se apenas uma vez na vida,  
Não se pode contar.

Eram como se fossem dois proscriptos  
Já perdidos, e ao cabo das viagens  
Abraçados em mundos infinitos,  
Regressando de inhospitas paragens.

Descerrava-lhe os olhos já sem brilho,  
Passeava-lhe a mão na roxa face,  
E segredava, respondendo ao filho,  
Como se elle tambem lhe segredasse.

E como agora o labio mais sorria,  
Porque os olhos da mãe o contemplavam,  
A mãe, cheia d'esp'ranças,  
Imaginava que elle a entendia! ..

Eram dois innocentes que brincavam,  
Eram duas crianças.

Floriu aquelle sonho alguns minutos.  
Quando a velha se ergueu, de olhos enxutos,

---

Fitou de novo o mar, petrificada,  
E alçando os punhos, n'attitude extranha,  
Tinha a expressão do olhar transfigurada,  
Como o Christo, prégando na montanha.

Avançou para o monstro enorme, infrene,  
- E, na postura tragica e solemne,  
    A velha em convulsão,  
Lançando ao mar a longa vista ardente,  
Ergueu os braços furiosamente  
E despediu-lhe a sua maldição !...

    E eu vi, distinctamente,  
O monstro, que avançava galopando,  
Nas desvairadas coleras supremas  
D'um desgrenhado e furioso Orlando,  
Retrahir-se no salto a medo, uivando,  
Como um forçado preso nas algemas ;  
    Erguer-se redivivo,  
Arrancando um rugido mais profundo,  
E cahir hesitante e pensativo,  
Envergonhado, afflicto, e gemebundo.

Ante a explosão d'aquella dôr antiga,  
Mais luminosa e alta do que os astros,  
Como um leão que o domador fustiga,  
O miseravel caminhou de rastros...  
O mar! O immenso mar!

E triste, e lamentoso, e supplicante,  
O mar, o immenso mar,  
Rolou n'areia a juba triumphante  
E foi lamber-lhe os pés a soluçar!

O mar! O immenso mar!...

E desde então, e todas as manhãs,  
Andrajosa, colerica, faminta,  
Coberta já de cans,  
Sombria, inexoravel,  
A velhinha, na sua voz extincta,  
Amaldiçoa o monstro formidavel.

---

## OS VELHINHOS

---

*(A Trindade Coelho)*

---

.....Na fronte calva  
Que o sol tostou e que enrugaram annos,  
Ha um como fulgôr sereno e santo.

A. HERCULANO.

I

E bom tempo, afinal! Foi no jardim botânico.  
O Mondego embalava a sua eterna queixa,  
E o dia, para mim, tinha um calor vulcanico.

Tudo quanto o passado e a luz primeira enfeixa  
Ao sanctuario azul, que eu guardo na memoria,  
Não sei que orvalho bom no coração me deixa!

Vamos vêr se recordo esta singela historia :  
O tempo vae correndo, a vaga não descança,  
E a saudade, eu bem sei, é chamma transitoria.

Juventude primeira, ó fulgida criança !  
Quem me dera inda vêr-te, ó deusa fugidia,  
Beijar-te ainda a rir essa doirada trança !

E o tempo vae correndo, a vaga não descança...

## II

Não sei que meiga luz de longe acaricia  
A cabeça dos dois sympathicos velinhos  
Que ao pallido fulgôr do sol poente eu via.

Na funda téla azul chilravam passarinhos;  
O sol vinha tombando, as arvores tremiam,  
E eu, involto na capa, ia fitando os ninhos.

A's vezes, lirios bons dentro de mim floriavam;  
Eu ia caminhando, alegre e distrahido,  
E passava.. e sorria aos velhos que sorriam.

---

Outras vezes, a sombra aerea d'um gemido,  
— Uma anciedade immensa, a que ninguem resiste,  
Erguia na minh'alma um echo adormecido.

Eu ia vacillante, acabrunhado e triste;  
No chão silencioso, as folhas que tremiam  
Perguntavam-me a mim onde é que a vida existe.

Dubio rumor de sons, que ao longe se perdiam,  
Echoava no meu peito; eu ia caminhando,  
Cortejava.. e sorria aos velhos que sorriam.

E sempre ao meigo véo do sol poente e brando  
Quando passava além, n'aquelle mesmo banco,  
Eu encontrava os dois velhinhos conversando.

Sempre do occaso extremo ao derradeiro arranco,  
Sempre no doce olhar a mesma luz cançada,  
Sempre na bocca triste um riso bom e franco.

As capitas irmãs, de côr esverdeada,  
Os capuzes iguaes, mal acenando ao vento;  
E ambos revendo em paz a ultima jornada.

Tudo aquillo evolava um ar pulverulento,  
E dava-me, ao passar, a vaga e extranha ideia  
De vultos monacaes, fugidos d'um convento.

E que tom distrahido aquella vista alheia  
Estendida em redór não desparsia em tudo,  
Da luz d'um outro ideal já repassada e cheia !

Que noite de luar! Que sonho de velludo !  
Que paz immensa e calma e que silencio ethereo!  
Como esse olhar tão longo era eloquente e mudo !

Jornaleiro feliz d'um mundo azul, aereo,  
Eu tinha-me habituado áquelles companheiros,  
A'quella dôce paz que vem do cemiterio.

Já eram meus irmãos aquelles dois romeiros ;  
E, quando um hom sorriso o nosso olhar trocava,  
Que mundo não se abria aos tres aventureiros !

Parece que outro céo já por alli pairava :  
Já ninguem cortejava aquella extranha gente,  
E nenhum conhecia a gente que passava...

De uma vez, uma velha, em cujo olhar pendente  
Mal se via accordada a ultima centelha,  
Parou, sorriu-lhes muito... e caminhou tremente

Sorriram todos tres; e olhando a luz vermelha  
Do sol, que descambava, eu disse então commigo :  
— Bem sei... do velho mundo outra reliquia velha !...

E bom tempo afinal, ó calmo sonho antigo !  
N'aquelle idyllio bom passaram bem tres mezes,  
E ainda quando o alcanço o meu olhar bemdigo !

Tão longe, ó Deus, lá vae, se penso n'isto ás vezes !

## III

Mas um dia passei e vi no banco um só.  
O ar pezava chumbo. Era de chumbo o céu.  
O vento, em redemoinho, ia varrendo o pó.

Cortejei : não me viu ; sorri : não respondeu.  
Mais avincada a fronte, o aspeito mais tristonho ;  
E sobre aquelle olhar tinha passado um véo.

Nunca sequer tentei rasgar-lhe o véo do sonho,  
Quer eu passasse em dia aziago e merencório,  
Quer immerso na luz d'algum clarão risonho.

Erguia a vista ao céu o velho semi-morto...  
E eu murmurava então, cheio de imenso dó:  
— « Já deve estar cansado e busca além um porto...

«E' tempo!... O velho mundo!... Uma reliquia só!...»—

## A PERDIZ

---

(*A Ferreira da Silva*)

---

Que elle é ministro do Deus vivo, e como  
tal *encarregado de espalhar a paz na terra.*  
.....

Em tão desanimadôra crise, espanta a per-  
tinacia do padre.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

### I

O cura amigo e o sachristão, — compadre,  
Tinham-se erguido pela madrugada:  
Somno ligeiro, a carne atormentada,  
Era preceito lá da Santa-Madre.

Por uma quelha tortuosa e estreita,  
Mal rompia a manhã, seguiam ambos  
Para entoar sagrados dithyrambos  
A um bom licôr da ultima colheita.

O santo cura da visinha aldeia  
Assignalara o dia principesco  
Para abraçar, no hosanna gigantesco,  
Os dois irmãos da luminosa ideia.

## II

Iam seguindo a rir, pela azinhaga;  
E á dubia luz da hora matinal  
Viram cortando o vasto sobreiral  
A fôrma ondeante d'uma sombra vaga...

Era o *Manoel da Mó*, calcando o solo  
Com passinho pequeno e sorrateiro,  
Espingarda na mão, olho brejeiro,  
Polvorinho e correia a tiracollo.

— «Olé, Manoel, que madrugada é essa?  
Não fujas... Ouve lá!... A modos!... Hum!  
Pois olha que eu não faço mal nenhum;  
Onde vaes tu, rapaz? Tamanha pressa!» —

— «Viva, só padre João! Ninguem tem medo!  
Falhou-me hontem além uma perdiz,  
Lá em baixo na eira... por um triz...  
E vou com alma, a vêr se a pilho cêdo.» —

— «Pois vae, vae lá com Deus. Nós tambem vamos,  
Eu, e aqui o compadre sachristão,  
Agarrar um famoso perdigão  
Que tem n'um pipo o meu collega Ramos.» —

## III

E lá foram a rir pela azinhaga.  
Mas, ao transpôr o dorso d'uma encosta,  
Viram, fugindo em direcção opposta,  
A sórma ondeante d'uma sombra vaga...

Era a *Maria Azenha*, toda em festa,  
Que estugava o passinho á *truca-truca*,  
A rodilha de ourelo sobre a nuca,  
E um braçado de roupa n'uma cesta.

— «Eh! lá, Maria! A que demonio vaes,  
Minha casca de noz, meu diabrete?  
Quem te pegou á perna esse foguete,  
E te fez madrugar, como os pardaes?» —

— «Ora, só padre João! Quem tem saude...  
A mãe trabalha em todo o santo dia...  
Mal vae á gente se a não allivia;  
Vou lavar esta roupa, além, no açude.» —

A rapariga atrapalhou-se um pouco:  
Já n'aldeia rosnavam d'uns amores  
De lavadeiras e de caçadores...  
E o cura a modo que se fingiu mouco.

— «Adeus! Que a Santa Virgem te proteja!  
Nós... A virtude, minha filha... — Lérias!  
Vamos tirar o ventre de miserias.  
Que assim o manda a Santa Madre Igreja.» —

---

E lá foram chorando á luz opaca ,  
Do sol, que vinha revirando os olhos,  
A virtude que pisa um mar d'escolhos,  
E o *puro amor* da natureza fraca.

## IV

N'aldeia amiga, os dois-irmãos devotos,  
Com *te-deums* de rezas enigmaticas,  
Glorificaram, em ferventes praticas,  
O bom licôr dos ideaes ignotos.

Ergueram psalmos á sagrada vinha,  
Fizeram preces pelo môsto santo,  
E o sachristão acolytava em pranto  
N'uma convicta e larga ladainha.

E quando, á tarde, serenou a bôda,  
Os vigarios do Christo, irmãos, ungidos,  
Abraçaram-se muito commovidos,  
Abençoando a humanidade toda.

E voltaram os dois ao lusco-fusco.  
Mas, ao entrar no vasto sobreiral,  
O sacristão, que se arrastava mal,  
Sorriu-se e fez um movimento brusco :

— «Que me diz á cachopa, ó meu compadre?» —  
E olhando o irmão, trombudo e cabisbaixo,  
E abanando a cabeça como um çacho,  
— «Que soberba perdiz!» — rugiu o padre.

## V

Meia hora depois de separados,  
Tendo quasi engulido um padre-nosso.  
O bom prior dormia como um poço :  
Era o somno dos bemaventurados.

E via a rir, na phantasia em lava,  
Como na chamma de fornalha ardente,  
Um rubro cangirão phosphorescente,  
E uma enorme perdiz, que o contemplava,

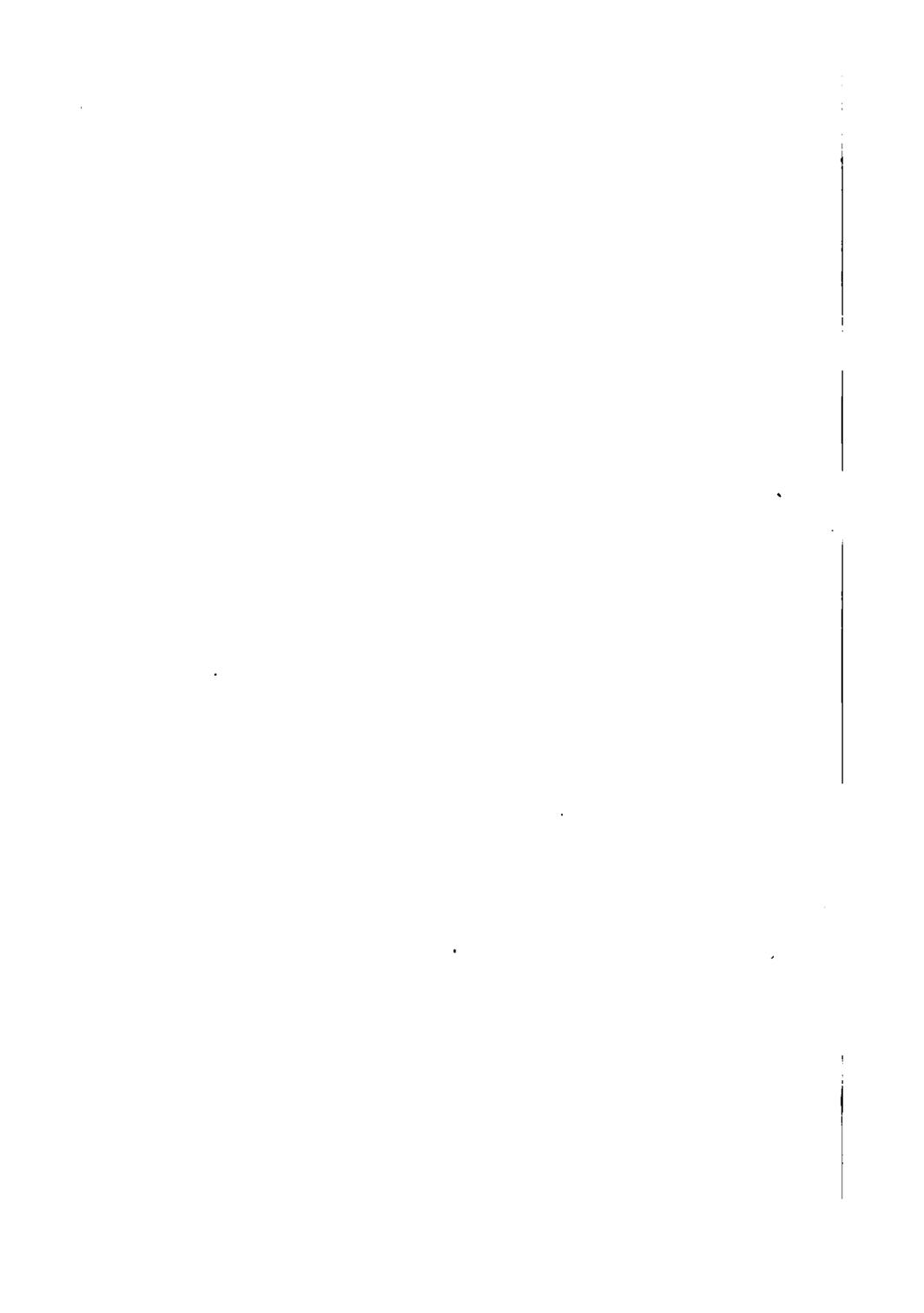
E lhe mettia o bico, ardendo em braza,  
(O que elle achava muito original)  
No seu labio carnudo e sensual  
Como o da *Antonia* que lá tinha em casa.

E viu depois uma arma engatilhada,  
(Com que deu um tremendo cavacão)  
E um bregeiro e travesso perdigão  
Que soltou uma enorme gargalhada.

Depois, erguia os adiposos braços  
N'uma lamuria rouca e dolorida,  
Té que a perdiz fugia espavorida...  
E deixava-os cahir, como dois massos.

Mas apanhava sempre (é curioso!)  
Quando elle ia abraçar a tal perdiz.  
Um beliscão na ponta do nariz  
Que o deixava perdido e furioso...

E o reverendo uivava entre gemidos...  
— Era o *Manoel*, — o perdigão malvado!  
Que sorria com riso agaiatado,  
E lhe piscava uns olhos delambidos.



## O VOLUNTARIO

(*de Fialho d'Almeida*)

Oh ! que não sei de nojo como o conte!

CAMÕES.

Eu d'esta gloria só fico contente

Que a minha terra amei e a minha gente

ANTONIO FERREIRA.

Elle era um velho altivo: alto, apumado e sêcco.  
Apenas a cabeça um pouco lhe pendia.  
Como se cada olhar lhe produzisse um echo,  
A vista era profunda, um tanto vaga, e fria.  
Bigode farto e branco. A cabelleira ondeada  
Que em curvas naturaes vinha lamber-lhe os hombros,

Dava a nota geral da estriga prateada :

— Era o gelo, era a neve a dominar escombros.  
O aspeito bronzeado. E o seu perfil austero,  
Quando cortado á luz d'um raio, — o desespero,  
Accordando-lhe os mais reconditos arcanos,  
Rasgava ao militar, batido pelos annos,  
Á sombria mudez d'esse homem irascivel,  
Uns laivos de bondade e uma expressão terrivel.

De uma vez, que o julguei mais desannuviado,  
Acerquei-me do austero e intrepido soldado  
E a mêdo, ousei pedir-lhe a accidentada historia  
Da sua vida . . .

O velho, arrancando á memoria  
Um doloroso grito, arqueou o sobreceño,  
De salto pôz-se em pé, o olhar illuminou-se,  
Altivo como o sol, cortante como a fouce,  
E mergulhando em mim o longo olhar ferrenho,  
E a juba sacudindo, audaz, da côr do linho,  
Ouçamos o que disse o velho pergaminho :

## II

— « Eu devia ter já dezeseis annos feitos;  
O corpo que hoje tenho; Ah! Quem me dera então !

Eu tinha ao riso alegre os meus pulmões afeitos,  
Altivo, como um rei; forte, como um leão.  
Deixando o lar paterno ao saque dos francezes,  
Vivia com meus paes em Coimbra, havia mezes.  
Acolheu-nos piedoso, e cheio de bondade,  
Um velho professor da Universidade;  
Conhecia meu pae; tinha mulher, e tinha  
Uma filha, um botão de roza, uma avesinha,  
Meiga, candida flôr castíssima, — Cecilia,  
Que era o confôrto, a paz e o enlevo da familia.

## III

Correu tudo a principio á maravilha, tudo.  
A saude era ferro, o somno era velludo,  
E, para maior paz d'essa familia honesta,  
Os francezes, galgando a encostá de mansinho,  
Succumbidos talvez, perdidos no caminho,  
Haviam-se deitado a dormir a sésta.  
Mas, se nos dá o Céu que o mal se transfigure,  
O que não ha, de certo, é bem que sempre dure.  
Um dia, amanheceu febricitante a esposa;  
A filha desolada, a santa, a virtuosa  
Velou, no dia inteiro, em volta do seu leito;  
(Tossiu aqui o velho e carregou o aspeito)  
Seguiu-se um outro, e outro, e ao terceiro dia,

Mordida pela febre, a filha succumbia.  
Lavrando pertinaz n'aquella vista accesa,  
Cravou a garra adunca: — era a segunda presa.  
E, tres dias depois... (onde isso agora vae!)  
A panthera avançou: cahiu de cama o pae.  
Jaziam tres no leito; e nós, tres enfermeiros  
A lutar com a morte ao pé dos companheiros.

## IV

Correm dias assim. A febre aguda insiste.  
Pouco tempo depois, n'uma manhã bem triste,  
Ouvem-se ao largo, ao longe, os rufos do tambor,  
E entre as imprecações e os gritos de pavor,  
O choro angustiado ouvido tantas vezes:  
— «Os francezes, meu Deus, lá veem os francezes!»—  
A historia vae aqui...

Minutos decorridos,  
Entrou n'aquella casa a horda dos bandidos.  
Começa aqui a historia... Esta cabeça exhausta  
Já não reproduz bem esse episodio horrivel;  
Tenho presente a hora escura, aziaga, infausta.  
Mas o que a choldra fez... Meu Deus! Isso é incrível!  
Todo o bando avinhado, a vista chammejante,  
O gesto descomposto, a gargalhada alvar.  
Convulsa como o rir de algum febricitante,

Sangrenta como o tigre ou como o jaguar.  
Galgaram de roldão, e devassaram quanto  
Podesse restrugir n'um mar que se despenha . . .  
(Quando me lembro d'isso, — e já lá vae ha tanto!  
Não ha rancor ou raiva ou odio que eu não tenha !)  
Range a primeira porta . . . arrombam essa porta ;  
Encontram n'um lençol a esposa semi-morta,  
E chovem em tropel, como leões famintos,  
A saciar na presa os mais crueis instinctos !  
Treme a segunda porta . . . arrombam-n'a tambem,  
E, depois do agravo e da violencia á mãe,  
A miseravel choldra, a lubrica matilha,  
Entrou no outro quarto e deshonorou a filha !  
Meu pae tinha cahido ao golpe d'uma c'ronha,  
E o velho, ardendo em febre, o pobre velho honrado,  
Tranzido de pavor, coberto de vergonha,  
Foi cuspidado na face, e vilipendiado !  
Salvei-me apenas eu, fugido n'um quintal.  
Fui cobarde e fui vil, sei que fui desleal,  
Mas o pejo, a vergonha, a minha dôr foi tanta  
Que eu bem cara remi essa fraqueza, ó santa !  
Desde então, que uma esp'rança ao meu olhar não brilha . .  
Ora, eu devo dizer que amava muito a filha.  
Chegou a noite ; eu quiz dormir e não podia ;  
Ao romper da manhã, entrei no quarto e vi-a.  
Que horrivel dôr, meu Deus, e que martyrio atroz ! ..  
Fitou no meu olhar um longo ôlhar feroz,

---

Sentou-se . . . quiz fallar . . . depois tentou sorrir,  
Estendeu para mim a dextra supplicante,  
E, n'um grito estridente, enorme, horripilante,  
Cahiu convulsionada a soluçar e a rir . . .

Eu fugi como um doido. Errei no campo, á toa.  
Fiz depois muita morte e muito sangue vi,  
Mas, alma que eu vinguei! ó sombra! tu perdoa,  
Que eu nunca vi soffrer como eu então soffri.  
Vi lobos, fiz-me lobo. Ao voltar á cidade,  
Ouvi dizer: — «Além! Alistam voluntarios!» —  
E tigrino e feroz e cheio de anciedade,  
E convulso e febril e desvairado e ardente,  
— «Ah! bandidos da honra! Ah! biltres sanguinarios!» —  
Corri como um perdido onde alistavam gente,  
E, minutos depois, um nome era alistado . . .

Tempo velho! Até hoje, aqui me tem soldado!

V

Depois . . . (o que eu soffri! ha mais de sessenta annos!)  
Misérias, privações, amargos desenganos,  
A maldita explosão da guerra fratricida . . .

---

E fui galgando o tempo e consumindo a vida !

Seis mezes n'um segredo... O crime ? nem eu sei !  
Cinco annos n'um presidio... A lei ? a mesma lei !  
Depois, o frio, a fome, o sangue derramado...  
Que noite ! e que viver ! que sonho atormentado !

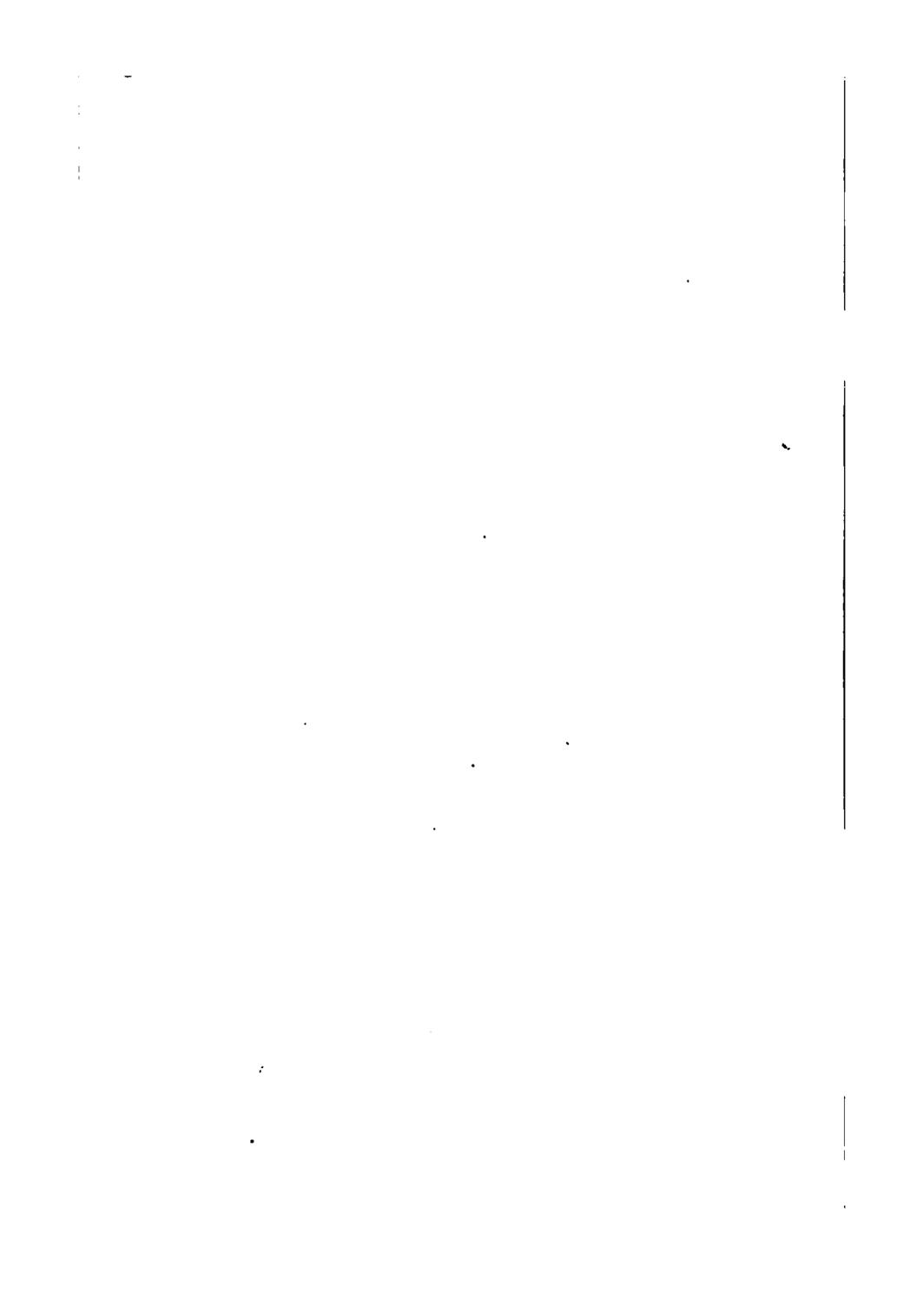
Mas... deixar tudo o mais ! A historia aqui termina.  
O mais tinha de ser, já era a minha sina.  
Desde aquella manhã, sei lá dizer se existo !  
Pedi-me a minha historia... a minha historia é isto ! —

—«E sua mãe?... Seu pae, quando voltou a si?»—  
—«Não sei, rugiu o velho, eu nunca mais os vi.»—  
—«E á martyr?... tambem não?»—Deu um gemido rouco,  
Tossiu, voltou a cara, e murmurou : — «Tão pouco.»—

Sentou-se o velho após. Franziu o sobreceño,  
Cravou no pavimento o longo olhar ferrenho,  
E a juba sacudindo, audaz, da côr do linho,  
Calou-se.

E mais não disse o velho pergaminho.

---



## AMBO

---

*(A Antonio Feijó)*

---

...erguia-se até lhe assentar as mãos no seio,  
recebia ganindo brandamente as caricias, e lam-  
bia-lhe as lagrimas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

### I

Era uma vez uma velhinha pobre  
(D'estas que riem já convulsamente,  
Mas ante as quaes a gente se descobre,  
Como ante a morte, — irresistivelmente.)

Vivia só n'uma pequena aldeia,  
E mendigava pelas cercanias,  
Não tinha almoço e nunca tinha ceia,  
Era o açoite d'essas ventanias.

Cesta no braço e uma sacola aos hombros,  
Lá ia a triste pelos barrocaes,  
Como um phantasma dominando escombros,  
— Sombra que passa pelos vendavaes.

Era um rafeiro a companhia unica  
D'essas longinquas excursões de morte,  
Quando a tormenta distendia a tunica,  
Quando bramia o temporal mais forte.

Cosida, ás vezes, junto ao velho amigo,  
— Meigo animal de pêlos amarellos,  
Ella contava o seu viver antigo,  
E elle sonhava n'esses dias bellos.

E ainda assim ella exhauria fézes,  
Quando esgotava essas recordações;  
Os paes... a morte... a guerra dos francezes...  
Tanta amargura, e tantas illusões!

---

Morto o marido!... E em luctas mais recentes,  
(O olhar tomava uns apagados brilhos)  
Dizia a triste, erguendo as mãos trementes,  
Depois dos paes tinha perdido os filhos!

## II

Mas, como o arbusto, do tufão lascado,  
Ancioso bebe a seiva das raizes,  
Ella bebia a vida no passado,  
E elle sonhava em dias mais felizes.

Toda anichada n'um cantinho escuro  
Da estreita loja onde fazia o lar,  
Fitava absôrta a negridão d'um muro,  
E elle—sentado, sem pestanejar.

Depois cahia amodorrada, extincta,  
Do lasso corpo ao livido abandono,  
E ambos cahiam na algidez faminta,  
E ambos dormiam d'esse mesmo somno.

Inda a manhã lá vinha adormecida,  
Já elles iam pelos campos fóra,  
Rojando a cruz da sua negra vida,  
E madrugando muito mais que a aurora.

Se a tempestade rebramia horrenda,  
E soluçava n'amplidão distante,  
Ella — era a imagem do judeu da lenda,  
E elle — era a sombra do lendario errante.

E, se algum sopro da nortada fria  
Vinha rolando uma oração plangente,  
Elle tremia, quando ella tremia,  
Mas caminhava inexoravelmente.

Se ella vergava para o chão, de bruços,  
Erguia o velho a vista, de repente,  
Meiga, profunda, raza de soluços,  
Mas caminhava inexoravelmente.

E assim corriam pelo mundo inteiro,  
Bebendo fel, e triturando abrolhos,  
Ella e o cão — o velho companheiro,  
Meigo animal de vellutinos olhos.

## III

Mas de uma vez, era no inverno, o vento  
Gemia afflicto e soluçava em ronco,  
Abria as azas, como n'um lamento,  
E regougava um *de profundis* bronco.

Involta apenas n'uma saia escassa,  
Ella seguia a miseravel faina,  
Como um bândido á luz da lua baça,  
Como um asceta involto na sotaina.

Prende-lhe a saia uma cruel rajada,  
Quando vencia a proxima ladeira,  
Treme, vacilla, cae desamparada,  
E despenhou-se pela ribanceira. . .

Dias depois, quem por ali passasse  
Talvez do alto adivinhara tudo :  
A velha — morta, e carcomida a face,  
E junto — o cão, imperturbavel, mudo.

O rio, em baixo, avolumára de agua;  
Saltara o pão da miseravel cêsta;  
E, todo immerso na profunda magoa,  
Dizia o velho: — «a minha tumba é esta.» —

Ella sondava as solidões da morte;  
Elle: — humilhado, junto ao seu altar;  
Ella vencia finalmente a sorte;  
Elle: — sentado, sem pestanejar.

Mas tinha frio — e não sentia o frio,  
Mas tinha somno — e já não via o chão,  
Mas tinha sede — e já não via o rio,  
Mas tinha fome — e não boliu no pão.

---

## NHÔR ABBADE

(*A Raphael Bordallo Pinheiro*)

E era corvo, que criava,  
E peçonha que escondia.

RODRIGUES LOBO.

### I

*Nhôr* abbade era velhote  
D'uns oitenta bem puchados;  
Tinha um soberbo capote,  
E um somno dos meus peccados.

Vivera, quando rapaz,  
Na vida mais regalada  
De que um beirão é capaz,  
Se traz a alma lavada.

E a alma do *nhôr* abbade  
Foi sempre (que a benza Deus!)  
Um modelo de bondade  
E uma alavanca dos céos.

Fresca, transparente e clara,  
Como a agua, quando cáe,  
E percorre uma ceara  
Sem perguntar onde vae.

Aberta, orvalhada e franca,  
D'um bom humôr juvenil,  
Como uma camelia branca  
Florejando ao sol de abril.

Sem a menor impostura,  
Rindo em todo o santo dia,  
*Nhôr* abbade era um bom cura,  
Fazendo o bem que podia.

E na fé d'um vivo crente,  
Dado á vinha com amor,  
Cavava galhardamente  
Na vinhaça do Senhor.

---

Côr de sangue, ou carne crua,  
E cara de lua cheia,  
Já farto de carne sua,  
Entrara um pouco n'alheia.

Risonho, bondoso e velho,  
Riginho que era um regalo,  
E ahi tendes, n'esse espelho,  
O cura de quem vos fallo.

II

Guardava o bom cura em casa,  
Como um coelho na lapa,  
Debaixo da sua aza,  
Uma sobrinha guapa.

Sobrinha, dizia o cura,  
Posto que alguém contestasse:  
Nunca fui metter na lura  
O furão que investigasse.

Mas quem a meada topa,  
Do tal segredo na trilha,  
Descobria que a cachopa  
Era filha . . . d'uma filha.

Fallava assim com disfarce  
A bôcca d'uma visinha,  
Que, não tendo em que occupar-se,  
Tanto fura . . . que adivinha.

Mas aqui era maldade,  
Grande calumnia, repito ;  
Uma filha ? o nosso abbade ? !  
Não senhor ! Não acredito !

Admittia o padre em caza  
Um tal fulano Barrêto :  
Cada olho como braza,  
E um grande bigode preto.

O rapaz era um farçola,  
Teria vinte e dois annos,  
A labia d'um mestre-escola,  
E emfim uns olhos maganos.

N'essas noites de janeiro,  
Mal a noite adormecia,  
Barrêto, useiro e veseiro,  
Punha uma capa... e sahia.

*Nhôr* cura já não passava  
Sem Barrêto á hora justa :  
Matar vicio que se crava  
Na extrema velhice, custa.

Pouco depois, ao borrarho,  
O parsinho conversava,  
E, no mais dôce agasalho,  
O cura tosquenejava.

III

Rispida noite de inverno.  
A agua, em tôrva anciedade,  
Corria que era um inferno  
Do beiral do nosso abbade.

O vento, em largo assobio,  
Varrendo o passal e a horta.  
Fazia um damnado frio,  
Coando a frincha da porta.

Tremia, como avesinha  
Que tiritasse no gelo,  
A luz escassa e mesquinha  
D'um candieiro amarello.

Só um resto de conforto  
Dava a brazeira cançada,  
Como um derradeiro porto  
D'aquella noite alagada.

Involto no seu capote,  
Muito emôchado a um canto,  
O nosso cura velhote  
Dormia que nem um santo.

E os outros dois á brazeira,  
Emquanto o velho dormia,  
Cochichavam de maneira  
Que mais ninguem percebia.

---

Que diriam, que diriam  
N'essas noites inclementes?  
Vão lá saber que diriam  
Aquelles dois innocentes!

Os olhos fitos nos olhos,  
Mão enlaçada na mão...  
Que negro pizar de abrolhos!  
Onde aquellas almas vão!

No emtanto, o nariz pendido,  
Da rubra côr da cereja,  
Roncando como um perdido,  
*Nhôr* abbade tosqueneja.

E á tibia luz indecisa,  
Se a ventania augmentava,  
Sempre, n'altura precisa,  
Fervia beijoca brava.

E ambos, em doce cochicho,  
Davam, brincando no quarto,  
Beijoca de criar bicho,  
E beliscão que te parto.

E sempre o mesmo fadario !  
Que o santo cura da igreja,  
Tendo aos pés o breviario,  
Tosqueneja, tosqueneja.

A's vezes, eram protestos  
Que mais ninguem percebia,  
Porque o peito d'ella, em éstos,  
Hesitava... e succumbia.

Outras vezes ella, arfando,  
N'aquella noite desfeita,  
Córava e, quasi chorando,  
Negava a promessa feita.

Que mêdo, Senhor! Que noite !  
Então, quasi se abraçavam...  
Era quando, em negro açoite,  
Os lobishomens cantavam.

E talvez que os dois pombinhos  
Se unissem mais carinhosos  
Porque sendo innocentinhos,  
Sim... talvez fossem medrosos...

Ouvem-se afinal dez horas,  
O bom cura nem boceja ;  
Sonhando em novas auroras,  
*Nhôr* abbade tosqueneja.

A sobrinha estremecida  
Vae accordal-o assustada ;  
Vem o adeus, a despedida,  
Dez horas ! Hora aprazada.

Que seria que depois  
Se passou n'aquelle instante?  
Ao despedirem-se os dois  
Barrêto sahiu radiante.

Talvez a cara risonha  
Disse... que direi eu?  
Que n'essa noite medonha  
Barrêto afinal... venceu.

Prometteria a sobrinha  
Que abrindo a porta ao quintal,  
Logo pela manhãsinha...  
Em summa, — coisas e tal?..

## IV

E assim correram tão leves  
Longas noites de invernias,  
Tão carinhosas, tão breves,  
Emquanto o cura dormia!

Ai! Sempre o mesmo fadario!  
Que o santo cura da igreja,  
Tendo aos pés o breviario,  
Tosqueneja... tosqueneja...

## V

Corre um anno, de mansinho...  
Corrido um anno, que tinha?!  
O abbade tinha um sobrinho  
Que era filho da sobrinha.

E até dizia o Barrêto,  
(Uma enormissima pêta)  
Que o pequeno era bisneto,  
Porque era filho da neta.

1

Vertical line on the right side of the page.



## AS ROZEIRAS BRANCAS

---

(Ao João Galvão)

---

E oh ! que lindas são, que amores  
As minhas flôres !

.....  
Esta alma que muda e fria  
Nem sabe se existe já.

GARRETT.

### I

Foi n'uma tarde agreste e dolorosa,  
Quando eu sahia do pomar florido,  
Que um soluço da briza rumorosa  
Veio acordar-me os echos d'um gemido.

---

Duas rozeiras brancas, n'esse dia,  
Que se avistaram n'um jardim, distantes,  
Atravessavam pela aragem fria  
Estas palavras, como dois amântes :

— «Eu tenho dó de ti, disse a primeira,  
Quando enfeito de verde o meu cabelo,  
Tu, desmaiada, ó minha companheira,  
Trajas da côr da morte, — o amarello !

Depois, tambem, eu cubro-me de branco,  
No mais puro setim que nunca viste ;  
O meu sorriso é jovial e franco,  
E o teu sorriso é desbotado e triste.

As minhas filhas, — peregrinas aves  
Da mais nitente e perfumosa neve, —  
Beijam a mãe de ondulações suaves,  
De arôma e luz, como ninguem já teve.

E as tuas, magras, ó desgraçadinha,  
Como tocadas pelo mal da peste,  
De que se queixam ? qual a mão damninha ?  
Que dôr é essa, e que tormento as veste ?

---

Quando, em teu peito e doloridos flancos,  
Todo o perfume e toda a côr se perde,  
Vê minhas filhas, — alfinetes brancos,  
Que eu cravejei no meu toucado verde !

Vivo opulenta na ramagem humida,  
Em toda a seiva que os meus braços têm,  
E a bacia que vês é larga e tumida  
Para criar as minhas filhas bem.

Mas magoa-me o vêr-te abandonada  
N'um dilúvio de pranto e de soluços...  
O' minha pobre irmã desamparada,  
Que dôr te inclina para o chão, de bruços ?" --

## II

E a tremulosa irmã enfezadita,  
N'outro gemido igual ao que eu ouvira,  
Arrancou da sua alma de precita  
Estas endeixas, como quem suspira :

— «Amortalhada n'um recanto escuro,  
Corre-me a vida já sem arrebol,  
Guarda as minhas raizes este muro,  
Mas não tenho calor, nem tenho sol.

Este membrudo vegetal que avança  
A mergulhar-me n'uma sombra vaga,  
Vae-me sugando a derradeira esp'rança,  
Rouba-me a luz, que a natureza alaga.

E este alpendre que vês, e que me cobre,  
N'um carregado e tenebroso véo,  
Leva o ultimo dom de quem é pobre,  
Rouba-me a agua, que me vem do céu.

As minhas filhas! Como empallidece  
Na lucta heroica o meu sagrado empenho!  
A clara luz do sol já não me aquece!  
Agua pura do céu! eu não n'a tenho!...» —

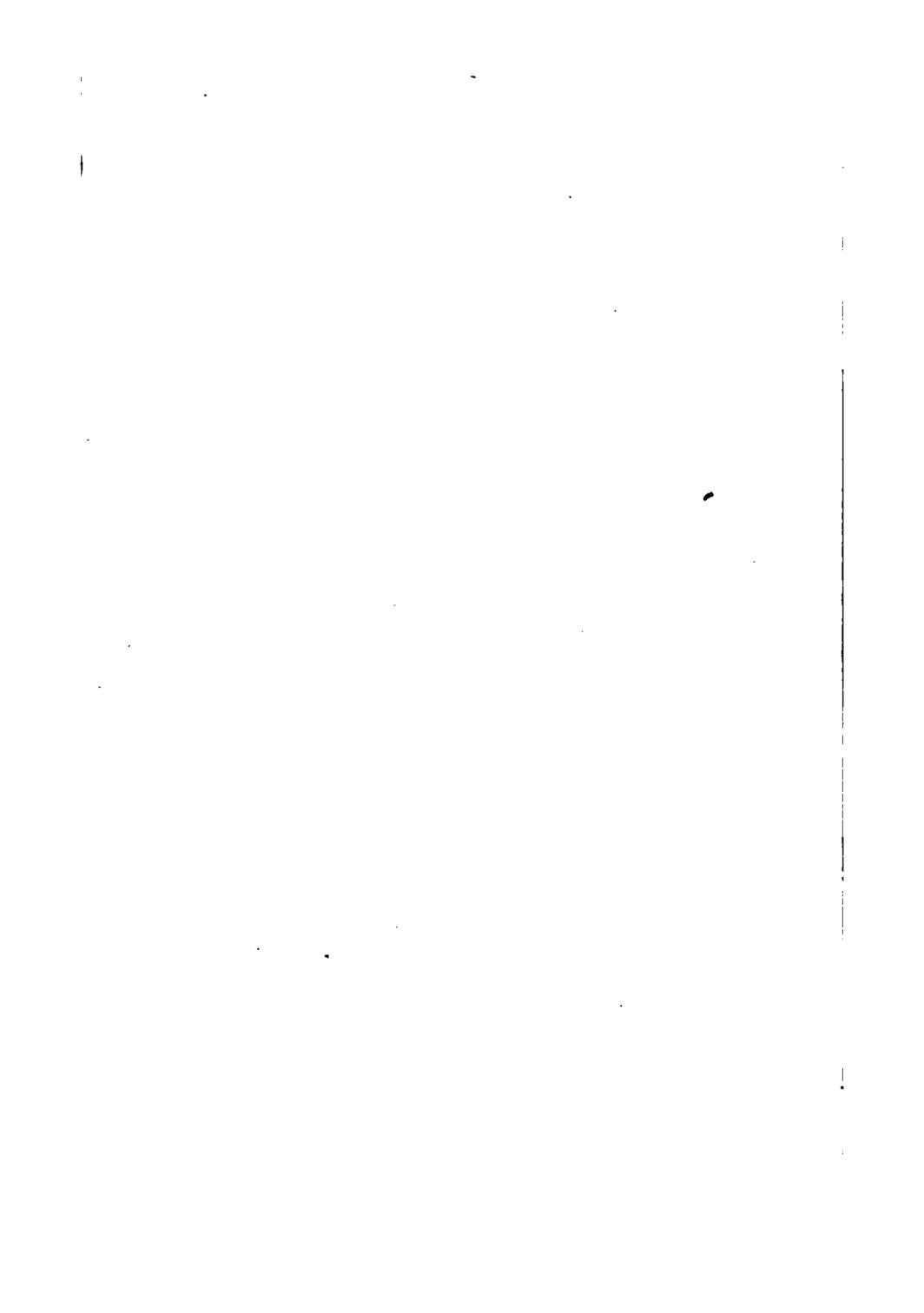
Ouviu-se o rouco soluçar da morte,  
Cruzou um vento de sinistro agoiro,  
E, no concavo Azul, altiva e forte,  
Vi-te passar a ti, ó meu thesoiro!

## III

O' minha branca e milagrosa fada,  
Eu tenho o sol e tenho a agua perto!  
De ti floresce a eterna madrugada,  
De ti chove o maná do meu deserto.

O' minha rola, ó pudibunda, ó casta!  
Não me castiga Deus... Porque será?  
Ando orgulhoso e o teu amor me basta!  
Onde o meu pobre pensamento irá!

Aurora minha, e minha santa magoa,  
Porque será que Deus me não castiga?  
— Agua pura do céu... tu és a agua!  
O' clara luz do sol, — Deus te bemdiga!



## O TESTAMENTO D'UM REI

(*de Luiz de Magalhães*)

Taes palavras tirou do experto peito.

CAMÕES.

### I

Um dia, um velho rei de barbas muito brancas,  
Vendo que ao seu olhar iam faltando os brilhos,  
Que a morte ia affincando as rijas alavancas,  
Um grave e austero rei disse á mulher e aos filhos :

— «Sinto que vou morrer; preciso despedir-me.» —  
E como um patriarcha elucidando a Lei,  
E com voz natural, serenamente firme,  
Meditabundo e triste, assim fallou o rei :

— «A ti, doce mulher e companheira minha,  
Cuja saudade enorme ainda me seduz,  
Eu deixo-te mulher, eu deixo-te, rainha,  
Um beijo imenso e triste e uma pesada cruz.

Uma cruz! Um sarcasmo! O esquecimento em vida!  
Olha que vae abrir-se outra ridente igreja  
Onde irá reboar, na lage adormecida,  
Todo o hosanna de fel, que ao pé de ti rasteja.

Todo es se mar febril que te osculava as plantas,  
De aromas infamado e de sutis miragens,  
Irá mais uma vez, como outras vezes, — tantas!  
No largo manto azul banhar outras paragens.

Um beijo imenso e triste! O povo ri, de certo!  
Pois quem viveu tão alto, (oh! doloroso engano!)  
Póde lá ter no peito o coração aberto  
A um sentimento bom, profundamente humano?!

A mais negra montanha, a quem de longe a observa,  
Parece um longo, adusto e arido barranco,  
E, no emtanto, lá cresce a verde alfombra,— a herva,  
E a torrente lhe banha o pedregoso flanco.

Que foste má rainha, ó companheira estoica,  
Se o povo, em grita enorme, um dia t'ó disser,  
Resigna-te na paz d'uma constancia heroica,  
E vinga-te, a final, sabendo ser mulher.

Cala a faminta voz na choça e no turgurio;  
Cobre n'um bom sorriso os pequeninos entes:  
Olha que vale bem o manto mais purpureo  
O manto que agasalha e veste os innocentes.

E a ti ó novo rei, ó filho meu primeiro,  
A sombra tumular que a minha noite adensa,  
Prostrando no redil o velho pegureiro,  
Cedo te deixa pae d'uma familia immensa.

E' alta e grande e nobre esta missão. Cumpril-a,  
Eis o tormento enorme e a gloria immarcessivel:  
(Dizendo, o velho rei abria na pupila  
Os ultimos clarões d'uma anciedade incrivel.)

Na crista da montanha aonde tu nasceste,  
Anda a Miséria a rir, batida aos quatro ventos,  
Beija-lhe emtanto a face um resplendor celeste,  
E o sol jorra a cachões e tem deslumbramentos.

Guarda bem alto, ó filho, a sombra de teus paes.  
Seja o sceptro do amôr o teu fulmineo sceptro.  
E que não veja um pôvo erguido aos temporaes,  
No rei,—um rei maldito, e no teu braço,—um espectro.

Se um largo e vasto ideal emfim te aquece e banha,  
Sorri-te da perfidia ao venenoso travo,  
Como soberbo e nú, do alto da montanha,  
Sorri aos vendavaes o medronheiro bravo.

O rei é sempre um pae. Se o rei não adormece  
N'um criminoso mar da candidez de arminhos.  
Para arrancar do chão a sazoadada messe,  
A corôa d'um rei tambem floreja espinhos.

Oh! Se um grito de horror quebrar o meu descanso,  
Se o reino meu cahir n'um tenebroso inverno,  
Deus me perdôe, ó filho, a maldição que lanço,  
Mas caia sobre ti a maldição do inferno.

E, se um hymno de paz, do concavo do espaço,  
Manso e manso orvalhar a minha lage escura,  
Consinta Deus que eu possa, alevantando um braço,  
Abençoar-te, ó rei, da propria sepultura.

E possa, em todos vós, ó meus amados filhos,  
Como n'um rio avança o pequenino seixo,  
Como no ar se expande o arôma dos junquinhos,  
Florir eternamente a benção que vos deixo.

Eu morro... Abram-me alem essa janella... A jorro!  
Assim .. O ar e o sol... O claro dia... Assim!  
Chamem toda essa gente... Ó Deus piedoso, eu morro!  
Grandes, ministros meus, a minha côrte, emfim.» —

## II

Ent ra banhada em pranto a côrte do monarcha.  
Cada face retrata a alvura do fençol;  
Cada genuflexão a lividez lhe marca  
De quem rasteja sempre e nunca fita o sol.

— «Grandes do reino, ouvi, ó vós, ó meu conselho!  
Paira sobre a minha'alma a sombra dos cyprestes:  
E antes d'ella se abrir do céo no curvo espelho,  
Eu quero-vos deixar tudo o que vós me déstes.

Não queira Deus que eu suba aos pés do immenso throno  
Deixando atraz de mim rugidos infinitos ;  
E vá depois cahir no meu eterno somno,  
Ouvindo sobre a terra imprecações e gritos.

O delicado incenso, — a flaccida Lisonja,  
— Uma tunica vã, de lantejoulas rica —  
Ahi vos deixo emfim essa faminta esponja,  
Para captardes bem a graça de quem fica.

A risonha Mentira, o perfumado Embuste,  
Todo esse ambiente azul que em meus palacios ande,  
Eil-o, senhores meus, ainda que vos custe !  
Eu sei que a vossa alma é generosa e grande.

A Calumnia, — essa nodoa, esse degrau infame !  
Ahi fica tambem, não vos olheis inquietos,  
Porque, sepulto o pae, de novo se derrame  
Da geração do filho ás gerações dos netos.

Se algum odio vos morde, e vos ficou impune  
O objecto d'esse fel, que ahi supplica inermé,  
Aproveitae, frui o sol que vos reune,  
E' preciso esmagar inteiramente o verme.

De que audacia tenaz, de quanta irreverencia,  
De que abjecções tão vis, de que milhões de alardes  
Em que tudo exultava, excepto a Consciencia,  
Não precisastes vós, antes de aqui chegardes!

Como é que dentro em vós não lucha o nojo e o frio,  
Se, por virdes tão alto aqui fazer o ninho,  
A fidalga isenção, o pundonor e o brio,  
Quasi tudo ficou exausto no caminho?!

Nem vós sabeis o que ha de horrendo e de execravel  
No procurar, em meio de horrivel escuridade,  
Uma — verdade austera — a joia inestimavel,  
E tão raro encontrar, Senhor, uma verdade!...

Sou réu: — corda ao pescoço; eis-me ante vós descalço;  
Pequei, arrependi-me: eu fiz o mais que posso;  
Connivente, e pizei um sólo adusto e falso;  
Mas nada levo emfim, de quanto seja vosso.

Eia, senhores meus! A principal riqueza  
Que vos floriu no berço, ahi vos fica a rodos...  
Deixai-me emfim dormir na paz da Natureza...  
Subi... cresci... voae... multiplicaee-vos todos! —

## III

Inteiriçou no leito os membros alquebrados,  
O velho e grande rei, como se fôra morto,  
Abriu languidamente os olhos enturvados,  
E quedou... n'um scismar profundamente absorto.

---



---

## NO LAGO

—  
(*ca Alberto Braga*)

—  
Que effeitos são os que sinto,  
Serão effeitos de amor?

DIRCEU.

Uma historia pequena e bem singela.  
Phantasias de dois enamorados  
Que em meigo e claro scintillar de estrella  
Eu encontrei na sébe d'uns vallados.

Lobriguei de manhã, d'entre o silvedo  
Onde chilrava alegre um passarinho,  
O mais gracioso e timido segredo  
N'este suave e doce bilhetinho :

\*

\* \*

— «Hontem, filhinha, quando te assentaste  
N'aquelle velho banco, ó fulva messe,  
Remordicando a pequenina haste  
D'um arbusto gentil que nos conhece,

Quando eu via, no lago palpitante,  
As nuvens, pardacentas, como rolas,  
(Porque eu tenho um pensar extravagante,  
E umas originalidades... tolas)

Mal tu sabes no que eu pensava, linda,  
Quando os patinhos iam fluctuando,  
A' morna luz d'aquelle tarde infinda,  
No argenteo espelho, que tremia arfando.

Vou confessar a extravagante ideia  
Que eu embalei nas tuas loiras tranças,  
Aos primeiros clarões da lua cheia,  
Quando via brincar essas... creanças.

Mergulhavam na água, de repente,  
E, quando vinham lá das ondas cérulas,  
Saccudiam o liquido escorrente  
Que deslisava em pequeninas perolas.

Depois corriam, caminhando unidos,  
Inflando as azas, como quatro velas,  
E eu... lá ia affagando os meus sentidos  
Na curva ideal d'umas imagens bellas.

Mas quando os dois faziam piruetas,  
Fincando um pé, e davam cabriolas,  
Eu sentia uma ancia... umas venetas...  
(Parece até que tinham dentro molas!)

Ia subindo em mim como que um flato,  
Uma tontura estranha... um não sei quê...  
Uma vontade enorme de ser pato!  
(Sendo tu pata, filha, já se vê.)

Todo o meu corpo enchia-se de pennas,  
Todo o meu coração era de brazas,  
E eu, só contigo, nas manhãs serenas,  
Cortando o lago, ia batendo as azas.

E eras tu só a minha companheira  
N'este desejo meu tão insensato,  
Que eu nem posso explicar d'outra maneira,  
— Esta vontade enorme de ser pato!... —

\*  
\*   \*

Aqui, de pranto um perenal diluvio  
Com largas manchas apagava a tinta  
Que elle traçara em amoroso effluvio  
N'uma serie de linhas quasi extincta.

Deixei de novo o timido segredo,  
Aquelle doce e meigo bilhetinho,  
Na madresilva casta do silvedo  
Onde chilrava alegre um passarinho.

E no dia seguinte, á mesma hora,  
Na coróla da flôr meio escondido,  
Mal no seu carro despontava a aurora,  
Vi este ancioso e dulcido gemido :

— Ora é notavel a coincidência,  
E curioso isso que tu me dizes;  
Quando fiquei n'aquella somnolencia,  
Contemplando os patinhos tão felizes,

Mal tu sabes no que eu pensava, lindo!  
Ia seguindo a esteira luminosa  
Que elles no manso lago iam seguindo,  
Como se fosse aragem buliçosa.

Depois, cahi n'uma abstracção tão vaga,  
Quando os vi a fazerem cabriolas!..  
Ai, dulcissima ideia que me afaga!  
(Será possivel que tivessem mólãs?!)

Como esta ideia inda a sorrir me abraça!  
Quando os vi, meu amor, darem beijinhos  
Com tal meiguice e com tamanha graça  
Como fazem no ar os passarinhos,

Sendo tu pato, filho, (os demonicos!)  
Nem posso dar a minha ideia exacta...  
Era uma ancia de pennas e de bicos...  
— Uma vontade enorme de ser pata! —

Depois, sonhava coisas tão bonitas!  
Por onde iria o pensamento meu!  
O céu de Deus é de visões bemditas,  
Ah, mas eu gosto mais d'aquelle céu!

E, se me encanta a flôr que se reclina  
Na superficie liquida de prata,  
Eu gosto ainda mais da pequenina  
Que apparece de baixo... e se retrata.

Todo esse mundo vacillante e vago  
Que ora se apaga, ora se vae criando,  
Obedecendo ás vibrações do lago,  
Dá-me vontade de viver sonhando.

Aquelle céu todo arrendado em verde,  
Mixto de leite e meigo tom ceruleo...  
(Ai como est'alma em divagar se perde!  
Meu doido amor, encanto meu, ó Julio!).

Como era boa esta metamorphose!  
Sendo tu pato, filho... (Oh! insensata!...)  
Ai, mas que febre de metempsycose!  
Ai, que vontade enorme de ser pata!... —

\*  
\* \*

Fechava assim, tão pezaroso e triste,  
Esse grito de mágoa e desalento  
Que inda em minh'alma enamorada insiste  
Esta pergunta que baloiça o vento :

Se tu és *Paolo*, e tu mulher, *Francesca*,  
Porque será que Deus não ouve e attende  
Esta supplica doce e pittoresca  
De duas almas que um soluço prende?

Deixei na sébe aquelle arrulho ardente,  
E murmurei: — Senhor! Dois passarinhos,  
E um só desejo casto e innocente!  
Gostam da agua, e querem ser patinhos!..

---





## OS DOIS BANDIDOS

(VELHO CONTO ARRAIANO)

---

(do João Pinto)

---

Verdade diz o rifleiro  
Que adivinha o coração,  
E no mal inda mais certo.

RODRIGUES LOBO.

Os dois bandidos eram muito amigos.

N'aquella extranha vida accidentada  
De maldição, de morte e de perigos,  
D'uma grandeza d'alma extravagante,  
Nenhum curvara a fronte ensanguentada.

Nenhum fugira ao gladio triumphante,  
Nem do fogo das balas ao chuveiro,  
Sem de antemão ter salvo o companheiro.

De uma vez, n'um recontro mais renhido,  
Do capitão a affronta era fatal  
Se o formidavel braço d'um bandido  
Não detivesse o golpe d'um punhal.

Anthero, o capitão, foi generoso :  
Na primeira sortida mal travada,  
Em defeza do irmão cahiu na estrada :  
Pagou com sangue, o capitão brioso.  
E estas proesas foram repetidas.

Os dois bandidos eram muito amigos :  
— Já se deviam largamente as vidas.

## II

Ora... ficamos n'isto.

Eram antigos,  
Largos, profundos, ideaes, ardentes,

---

Os amores do bravo capitão  
Com uma bella morena de olhos quentes.

Um sorriso de paz, na maldição !

A restea de luar, que em noite escura,  
Atravessando as grades da prizão,  
Vinha banhar-lhe a sua desventura !  
Bemdito sejas tu, Amor sublime,  
Que o teu véo d'esperança a tudo cobre !  
Que sorris por igual ao rico e ao pobre,  
E que abrigas no manto o proprio crime !  
As tuas mãos, Amor, são bemfazejas ;  
O' sublime ideal, bemdito sejas !

O capitão amava. A rapariga  
Foi desleal, foi vil, e foi cruel ;  
Cuspiu na paz d'essa amisade antiga,  
E apaixonou-se um dia por Leonel.  
Leonel, o outro bandido, quiz fugir,  
E sabe Deus a guerra que travou !  
Bebeu, rugiu... não pôde resistir !

O bandido tambem se apaixonou.

## III

Correu bem no silencio um largo mez.  
Mas o instincto afinal já despontava;  
Altas horas da noite, de uma vez,  
Ao pallôr do luar que se entornava.  
O altivo capitão foi ver a amante;  
Ia convulso e triste, — impenetravel;  
E ao dobrar d'uma esquina, palpitante,  
Carregado e sombrio, inexoravel,  
Estacou de improviso, ardendo em lava!

Assomara ao portal, no mesmo instante,  
O velho irmão de quem desconfiava!...

Disfarçou e fugiu.

Ao outro dia,  
Quando emfim, na revôlta companhia,  
Se mediram de pé os dois rivaes,  
Entr'olharam-se a rir, felinamente,  
E rugiram após, como chacaes.

Mas... reinava afinal a hypocrisia.  
Eram velhos amigos, — nada mais ;  
Retrahiram na vista o raio ardente,  
Acingiram na cinta os dois punhaes,  
E travaram das mãos, — alegremente !

Aprasou-se o trabalho. A caravana,  
Quando o sol despedisse um riso amargo,  
Era de marcha para muito largo,  
N'outra missão caritativa, humana.  
Sacratissima gente, honrados povos,  
Que incendiados n'um amor profundo,  
Vivem prégando uns evangelhos novos,  
E repartem o hem por todo o mundo !

Era ainda aprasada outra missão ;  
Mas ficavam Leonel e o capitão.

.....  
E ficaram os dois.

O sol tremia,  
Soluçando no vasto descampado ;  
Todo o largo horisonte se tingia

D'um purpureo listrão alaranjado...  
Recortavam o céu timidas aves,  
Baixava a sombra tenebrosa, eterna...  
Leonel e o capitão seguiam graves  
E penetraram ambos na caverna.

Querem mostrar aos seus irmãos distantes  
Que morderam o pó, como gigantes.

## IV

Eil-os n'um vasto boqueirão escuro ;  
O pavimento é humido, escorrega.  
A candeia no tecto; e, junto ao muro,  
Os despojos da ultima refrega.  
Sobre a meza de pedra um bacamarte;  
Cinturões e punhaes por toda a parte.  
— «Vamos, o teu punhal!» — «Eia ! A punhal !  
Sempre foste leal, serei leal.» —  
Disse Leonel, e sopezando as mantas  
E arrancando da cinta os dois punhaes,  
E reprimindo um grito nas gargantas,  
Avançaram a rir, os cannibaes,  
E rangeram os dentes, como feras...

Tinham formado o salto de pantheras.  
Recuando de novo, e avançando,  
E retrahindo as laminas fataes,  
Para de novo as imbeber com furia,  
Caminhavam a rir, bramindo, uivando ...  
Manava o sangue na caudal purpurea;  
E, das largas feridas gotejantes,  
Crescia a força para os dois gigantes !

Que prodigio ou milagre fôra esse,  
Que, depois que a tormenta se travasse,  
Nem um só golpe havia que doesse,  
Nem punhalada havia que matasse?!  
A mão faminta apunhalava á tôa...  
E, mordidos de raiva, ardendo em sêde,  
Arrancaram um salto de leôa,  
Arremessando as facas á parede...

E á luz mortiça da candeia accêsa,  
Os bandidos de pé, desesperados,  
Despediram um grito de surpresa...

E rolaram no chão, ennovellados !...

## V

Quando os outros bandidos, de roldão,  
Invadiram o sorvedoiro enorme,  
Inda corria o sangue pelo chão,  
E rolava no sangue um vulto informe.

Mas ninguem mais apagaria nunca,  
Na dupla face, o riso alvar dos bobos...

Tigres, rasgavam com a garra adunca,  
Lobos, mordiam, como fazem lobos.

Tinham vivido sempre atormentados  
Na maldição, na morte, e nos perigos;  
E deviam morrer inda abraçados,  
Porque os bandidos eram muito amigos.

---

# MARGARIDA

(*oA Columbano Bordallo Pinheiro*)

Versos, gemidos, lagrimas e fiores.

BOCAZE.

## I

Coitadinha, a costureira!  
A pequenina cecem!  
Vivia n'uma trapeira,  
Ella, a mãe, e mais ninguem.

Tinha uma carita pallida,  
D'onde a sua alma inquieta  
Buscava, — dôce chrysallida,  
Voar emfim, — borboleta.

Rosto oval e pequenino,  
Olhar azul, côr do céu,  
E um tom delicado e fino...  
Era todo o rosto seu.

Airoso o porte e singelo,  
Testa ampla, inteligente,  
Fitinha azul no cabelo,  
E um tudo-nada indolente.

Franzina, um olhar funesto,  
Uma expressão de bondade,  
E um vestidinho modesto  
D'extrema simplicidade.

Indolente !... Coitadita !  
Logo ao romper da manhã,  
Sentada á janellasita,  
Cosia com todo o afan.

E depois, em todo o dia,  
Lá ficava aquella alminha !  
O peito já lhe doía...  
Mas era tão pobresinha !

## II

Vivia, mesmo fronteiro,  
N'outra vivenda ideal,  
Um artista sem dinheiro,  
Mas d'um talento real.

Era um pintor quasi obscuro,  
Vendo, n'um sonhar eterno,  
Uma aurora no futuro,  
E no presente um inferno.

De gloria immensa faminto,  
Quando arrancava da gôrra,  
Como um bebado d'absintho  
Cahia em larga modorra.

Depois do descanso, — um orvalho,  
Punha a gôrra, a sua amiga,  
E voltava ao seu trabalho,  
Áquella immensa fadiga.

Nunca o pintor descobrira  
Que além defronte morava  
Essa de olhos de saphira  
Que já quasi, ó Deus! o amava.

Essa a quem, mal distrahido,  
Nenhum rapaz estouvado  
Orvalhou, compadecido,  
N'um só olhar estrellado.

Pensava ella: — «Que mágoa!  
Viver assim n'um deserto,  
E nem uma gota de agua!  
E' sina minha, de certo!

Castigo, se algum mereço,  
Murmurava com tristeza,  
Porque será que estremeço?...  
Castiguem a natureza!» —

E olhando o largo horisonte,  
Que o sol em chuveiro inunda,  
Encostava a mão á fronte  
N'uma tristeza profunda.

---

Pedir a alguém que nos ame !  
E' coisa tão natural :  
— Pedir ao sol que derrame  
Um raio n'um tremedal !

Desgraçado de quem vive  
Nas trevas d'immensa noite  
Sem encontrar, no declive,  
Um olhar que o seu acoite !

E, n'um impeto nervoso,  
Apertava contra o peito  
Um sonho azul e formoso  
Que lhe tombava desfeito.

Triste de quem, dia findo,  
Chega ao tumulto gelado,  
Sem poder dizer, sorrindo  
— «Sim, amei, e fui amado !» —

E repetia : — «Que mágoa !  
Viver assim n'um deserto.  
E nem uma gota de agua !  
E' sina, meu Deus, de certo !» —

## III

Mas de uma vez que o pintor  
Da sua trapeira a viu,  
Por sympathia ou por dôr,  
Olhou... olhou... e sorriu.

Desde então, algumas vezes,  
Quando os d'ella o presentiam,  
Como dois largos arnezes,  
Os olhos d'elle fulgiam.

— «Senhor! que deslumbramento!  
O' Deus, que immensa alegria!  
Que aneio, ó Virgem! que alento!» —  
Margarida repetia.

— «O orvalho que o céu tão doce  
Ao cardo faminto deu,  
Tambem alguém já m'o trouxe,  
Já tenho orvalho do céu.

Nem já sou tão desprezível,  
Tão miserável, assim,  
Que não tenha, Deus! (é crível?)  
Quem descance o olhar em mim!

Que força que eu sinto agora!  
Já não morre o meu impenho!  
Senhor! Como é grande a aurora!  
Que imensa alegria eu tenho!

Que força no meu trabalho!  
Como eu vivo d'um sorriso!  
Bemdito sejas, orvalho!  
Deus t'ó pague, paraizo!

## IV

E d'essa hora, a costureira,  
No seu castíssimo goso,  
Galgando a manhã inteira,  
Trabalhava sem repouso.

E depois, no dia todo,  
Se ardente febre a queimava,  
Deixal-o ! Do mesmo modo  
Trabalhava, trabalhava.

Todo o santissimo dia  
Redobrou aquella alminha !  
Doia o peito, doia . . .  
Mas era tão pobresinha !

E era tão grande a coragem  
Que a tomava, ó Deus ! agora,  
Quando, n'aquella voragem,  
Via de longe uma aurora !

Que o pintor da gorra amiga,  
Por distracção, passeiando,  
N'aquella immensa fadiga,  
Olhava, de quando em quando ;

E depois, cançado, absorto,  
Se a olhar de longe a via,  
Como em placido conforto,  
Parava em frente . . . e sorria.

---

---

Quem lhe dissera que o manto  
Do seu olhar distraído  
Ungia de orvalho santo  
Um coração dolorido !

## V

Manhã doce e purpurina.  
Rompendo a janella em festa,  
Entra a luz adamantina  
Pela trapeira modesta.

Como alguém que o muro espreite,  
O jasmineiro da frente  
Espalha as urnas de leite  
No ar perfumoso e quente.

Céu azul, profundo e largo !  
Primavera re florida !  
Nem corta um soluço amargo  
Esta epopeia da vida.

E' tudo uma ancia de seiva,  
Um mar de vida espumoso;  
Cada folha, cada leiva...  
Hymno immenso e grandioso!

A costureira agoniza.  
Sentada ao pé da janella,  
Aspira de longe a briza,  
E julga ver uma estrella.

O pintor extenuado  
D'essa batalha do mundo,  
Sombrio, inerte e pesado,  
Dorme n'um somno profundo.

Agoniza a costureira.  
O' sonhos, voae, parti!...  
Mais uma vez, derradeira,  
Olha a janella... e sorri.

E em frente á meiga janella,  
E olhando o céo, tão risonho,  
Diz — «Meu Deus! n'aquella estrella,  
Quero viver do meu sonho!» —

---

Pouco depois, rumurante,  
Cortando o ar dolorido,  
Ouviu-se apenas um instante  
Um doce e flebil gemido.

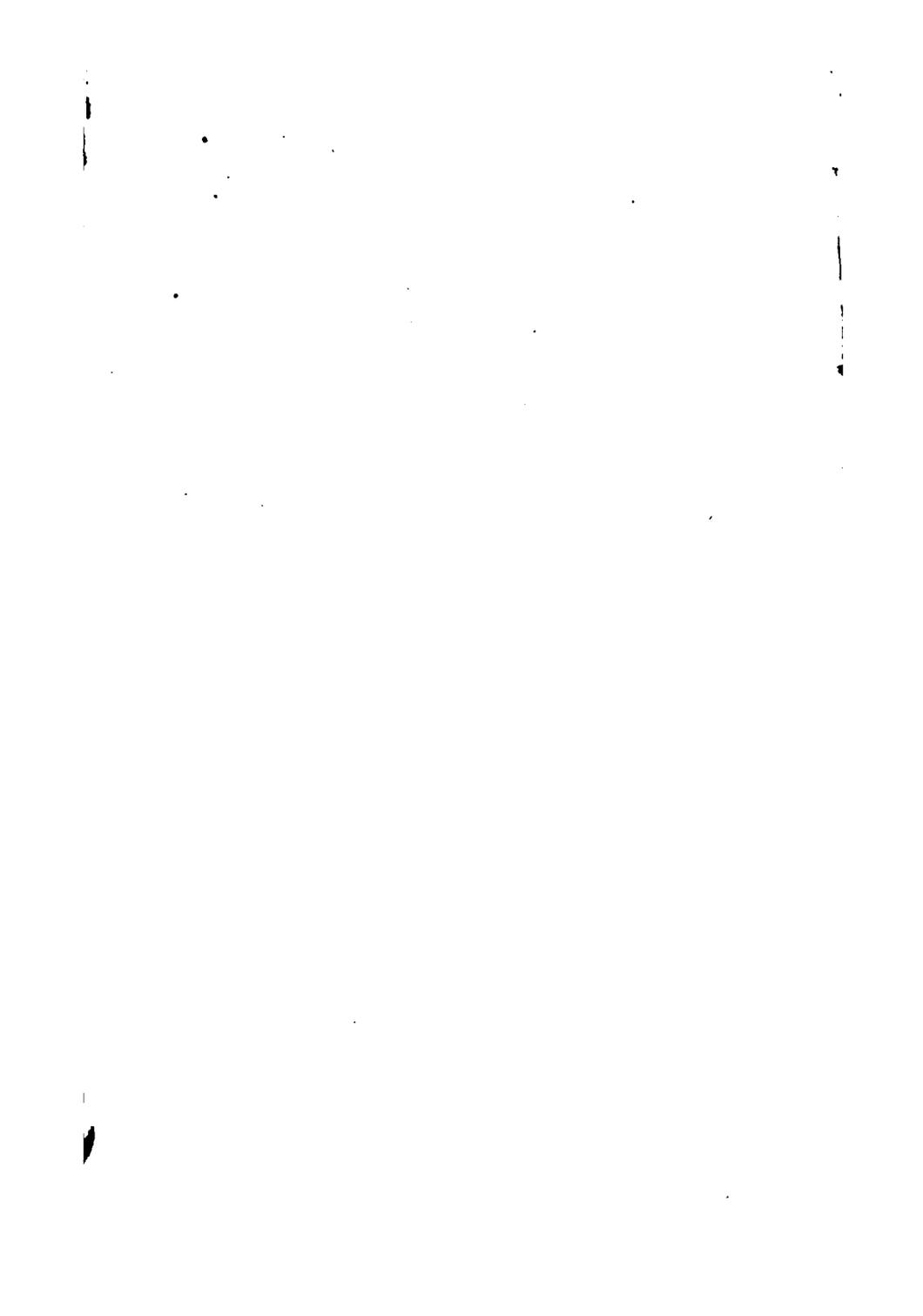
E a mãe, que em ancias olhava  
Aquella existencia breve,  
Julgou que a filha sonhava...  
Tão linda! e branca de neve!

## VI

Ficou-se a rir e a sonhar,  
Os olhos no azul bemdito...

E morreu, cravando o olhar  
No céu azul infinito.

---



# O CASTELLO DE FARIA

(D'UMA NARRATIVA DE ALEXANDRE HERCULANO)

---

(Cão João Abel)

---

Mas esta gloria não ha hoje ahi  
uma unica pedra que a atteste.

A. HERCULANO.

Por cada pedra d'aquella forta-  
leza arriscarei um filho.

J. FREIRE DE ANDRADE.

## I

No Minho, na região dos horisontes bellos,  
Muito proximo á antiga villa de Barcellos,  
A grimpa alevantando ás solidões do céu  
Toda immersa no azul d'um luminoso véo,

A terra dominando e dominando o mar,  
— Monge petrificado em fundo meditar,  
Perdido na verdura immensa do horisonte,  
Sonha, piedoso e triste, um solitario monte.

Por longo tempo, ao frio, ao sol das primaveras,  
A's lagrimas da noite e ao riso das manhãs,  
Um castello real de bem longinquas eras  
Sobre elle ergueu convulso as torvas barbacans.

De ha muito que o castello, ás gerações passadas,  
Do arcaboço rendeu as ultimas ossadas.

Testemunha fiel d'um singular prodigio,  
Nem d'elle resta agora o minimo vestigio!

## II

Reinava D. Fernando, o fraco rei versatil;  
E Castella assaltava as portas de Lisboa.  
A alma da nação, tal como a luz, vibratil,  
Extranha, esquiva flôr, que se retrae com pejo,  
Estremecia toda, — a alma heroica e boa!

O Adiantado gallego, aproveitando o ensejo,  
Congrega a sua gente, invade o alto Minho,  
E sem que alguém se opponha ao seu fatal caminho,  
E semeando o terror em derredor de si,  
Atravessa a região dos horisontes bellos,  
Chega, sinistro, quasi aos muros de Barcellos !  
D. Henrique Manoel sae-lhe a terreiro aqui.  
Travou-se a pugna brava ; e nós fômos vencidos ;  
Na sanguinosa lucta, alguns fieis guerreiros,  
— Portuguezes leões, de assalto accommettidos,  
Caem na garra hostile, ficando prisioneiros.

## III

Do sombrio castello, o velho alcaide-mór  
Fôra tambem captivo. O luminoso espelho  
Da alma do heroe, turvou-se a um funebre pavor :  
Ficara, em vez do alcaide, um filho do bom velho :  
— Se, por amôr do pae, o filho entregaria  
O sombrio, o real castello de Faria ?

E assomou-lhe um ardil.

Pediú ao Adiantado  
Que o levassem ao pé dos muros do castello.

O filho amava-o, doído. E emfim, seria bello  
Que um filho resgatasse um pae desventurado.  
Não devia haver sangue, e nem um grito, um ai.  
Uma vez concedida a liberdade ao pae.

## IV

Como um guerreiro olhando a ultima manhã,  
Nuno Gonçalves é levado á barbacan  
Para exhortar o filho a que o castello renda.  
Vae tranquillo de si, na luminosa senda.  
Aprestam-se os heroes. Do alto das muralhas  
Vae despedir-se o fogo e a chuva das metralhas.  
Mas um arauto, avançando e destacando á frente,  
Deteve e suspendeu toda essa mó de gente.  
— «Moço alcaide!» — exclamou o arauto que avançava,  
Fitando o moço heroe que do castello olhava,  
«Teu velho pae, captivo e presa do inimigo,  
«Precisa de te ver e quer fallar contigo.» —  
— «Deus proteja meu Pae!... Dizei-lhe que eu o espero.» —

Travam-se o pae e o filho. O pae, em tom severo,  
Erguendo ao alto a vista, assim pergunta ousado :  
— «Sabes tu de quem é esse castello, ó filho,

Que orgulhoso de mim, e por teu proprio brilho,  
Em tuas mãos deixei, como um penhor sagrado?» —

— «Sei muito bem, meu pae, é um castello real  
Que a um só rei conhece, e rende vassalagem;  
A quem fizeste preito e honras de menagem,  
A El-Rei D. Fernando, ao rei de Portugal.» —

— «E alcaide, sabes tu quaes são os teus deveres  
De nunca abandonar esse dragão antigo,  
De não ser desleal e nunca te renderes

Entregando o castello ás mãos d'um inimigo?  
E de, quando o dragão se vá ruir em escombros,  
Inda uma vez tentar sustel-o sobre os hombros,  
Até que exangue, exausto e já desesperado,  
Lhe faça pedestal, ficando sepultado?

— «Ó meu Pae, eu bem sei!» — disse, abaixando a voz,  
O moço e bom alcaide, olhando em roda... e após,  
N'um tom mais baixo ainda: — «Em ti resvala e cáe  
Toda a sanha feroz d'esse inimigo, ó pae,  
Se apercebe que tu, com tanta irreverencia,  
Me aconselhas a mais heroica resistencia.» —

Mas o velho leal, fingindo não ouvir,  
Ativo erguéu a voz, com animo tranquillo,  
E olhando o filho, audaz tornou a repetir:  
— «Cumpre o meu voto bem, que é teu dever cumpril-o  
Alcaide do real castello de Faria!» —

E alçando, erguendo a voz que n'um trovão rugia :

— «Caias tu no fragor dos vendavaes eternos,  
«Gemas tu no vae vem d'essas tormentas rudas,  
«Fique a tu'alma negra e falsa como Judas  
«Interrada na chamma hedionda dos infernos,  
«Na hora em que o tropel odiento do inimigo  
«Transpozer os portaes d'esse castello antigo  
«Sem tropeçar no chão do teu cadaver quente ! . .  
«Maldito sejas tu inexoravelmente !  
«E alcaide, pensa bem no que de horrendo vae  
«Na maldição que atira a grande voz d'um pae!» —

— «Morra!» — gritou furioso e desvairado e cégo,  
Erguendo a espada ao céu, o almocadem gallego.  
— «Morra ! morra o villão que nos atraçouu!» —  
E a voz de— «morra o vil!»—de valle em valle echoou.

E á voz do chefe, erguendo o gladio das vinganças,  
— Como um Titan do Olimpo olhando os horisontes,  
Abéto que ao cahir faz oscillar os montes,  
O grande heroe cahiu, varado de cem lanças.  
E inda uma vez olhando as torvas barbacans.  
Ao despedir-se emfim do sol d'essas manhãs,  
Na extrema convulsão dos ultimos momentos,  
Ao cahir moribundo e ao rolar no chão,

A mesma voz clamou, atravessando os ventos :  
— «Alcaide e filho meu, defende-te, leão!» —

Nuno Gonçalves, louco, em volta das muralhas,  
Exhortava ao furor o archanjo das batalhas,  
E, na febre minaz da mágoa desconforme,  
Implorava, rugindo, uma vingança enorme.

## V

Luctaram como heroes. Bramiram como fêras.  
Como o fogo em galgão, da bocca das crateras,  
Todo o odio sedento, aos borbotões amargos,  
Jorrou, em sangue e fel, d'aquelles peitos largos.  
Bramia, em toda a febre, a raiva castelhana.  
Mas o filho do heroe, na mesma raiva insana,  
Ouvindo a voz do Pae ao resvalar no chão :  
«Alcaide e filho meu, defende-te, leão!»  
Insensivel á Dôr, á Fome e ao Canção,  
Bello cyclope audaz, feito de bronze e de aço,  
Semi-deus da Vingança em doida furia accesa,  
De assombro, avassalara a propria Natureza! .

Té que exausto, esvaído, o exercito inimigo  
Deixou, na gloria involto, esse dragão antigo.

## VI

Quando o dragão venceu, gritou de serra em serra  
Que o povo portuguez não quer morrer escravo . .  
E o moço alcaide foi, ao terminar da guerra,  
Levantado em triumpho e proclamado um bravo.

«Cumpre o meu voto bem, que é teu dever cumpril-o,  
Alcaide do real castello de Faria !»  
— Setta em chamma que foi, n'um rapido sibilo,  
Incendiar-lhe n'alma a Dôr que lá dormia.

E o bom filho do heroe, calcando a Dôr no peito,  
Sem chorar, sem tremer, sem um gemido, um ai,  
Como um lobo do mar aos furacões affeito,  
Cumpriu valentemente o voto de seu pae.

Mas o espectro do pae, sangrento, moribundo,  
Amortalhado em pó, alvo de injurias sevas,  
Pairava-lhe em redor no somno mais profundo,  
Repassava-lhe a alma; enchia-lh'a de trevas.

---

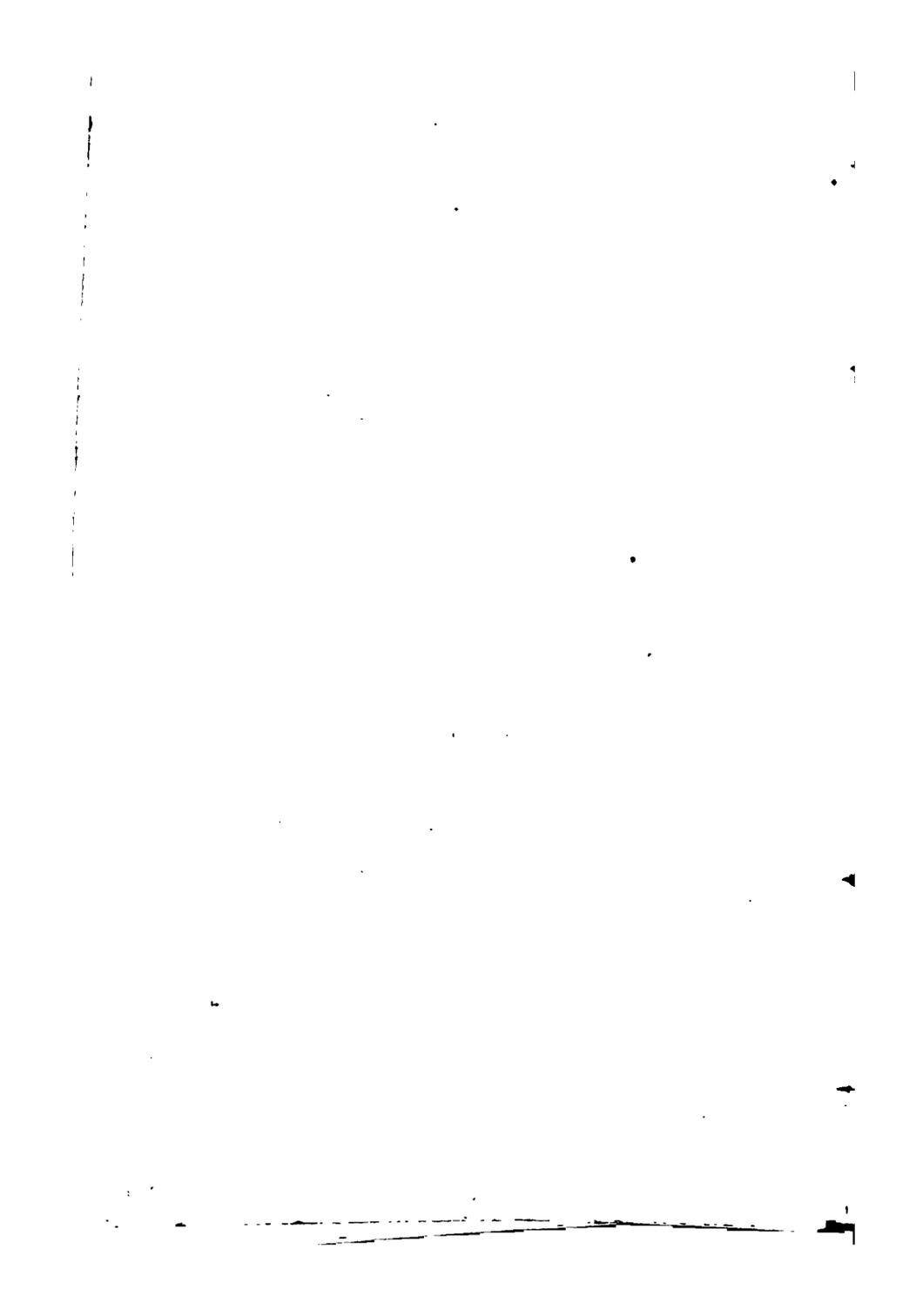
Pediu emfim a el-rei a demissão do cargo,  
E aos pés do altar depôz a altiva cervilheira,  
Para expungir o fel d'aquelle espectro amargo  
Que lhe vinha poisar de noite á cabeceira.

Foi na casa de Deus, deixando as transitorias  
Aspirações do mundo a branquejar-lhe ao longe,  
Que o guerreiro trocou o saio das victorias  
Pelo frio burel d'um visionario monge.

Talvez aquella sombra, aquelle espectro immenso,  
Vendo o ascetico frade em mil visões de louco,  
Por entre a escura noite e o furacão mais denso,  
Ameigasse, afinal, e lhe sorrisse um pouco.

E era involto em burel, com orações e pranto,  
Que o moço alcaide-mór a gloria agradecia  
De ter o pae lançado um fulguroso manto  
Ao seu nome e ao real castello de Faria.

---



## A HISTORIA DA VISINHA

(CONTADA A UM AMIGO)

---

(A Alberto Pimentel)

---

Se isto vae de foz em fóra...

BOCAGE.

— Aquella branca visinha  
Que eu via quando passava,  
E da leitura, á tardinha,  
Os olhos não despregava,  
Que namoros... nem um tinha!  
E andavam mais de uma duzia...  
Vi-a hontem macambuzia  
Todo o dia... —  
— Que seria? —

— Nem um tinha... no começo.  
Vem depois um primo d'ella,  
Que era bregeiro e travesso,  
Um piscanço, uma olhadela,  
Volta a pequena do avesso,  
E depois, meu caro amigo,  
Lá o resto é que eu não digo... —  
— A rapariga... —  
— Ha quem diga... —

— E a rapariga era seria.  
Eu passava... de vagar...  
Muita coisa... muita léria...  
Entrava na loja... a olhar...  
E quando ella vaga, etherea,  
Me fitava... (Que juizo!)  
Eu pregava-lhe um sorriso... —  
— E ella?... nada?... —  
— E ella... nada! —

— Depois, meu amigo, os fructos  
D'aquellas economias...  
Vende jornaes e charutos,  
Papelada, ninharias...  
Os ganhos são diminutos!

E julgou que tinha arrimo  
Com o tal senhor seu primo ! —  
— E elle então...  
O maganão !... —

— A principio bem... e passe;  
Elle de certo gostava,  
O tal senhor Lovelace,  
E, afinal, quem extranhava  
Que a prima tambem gostasse?  
Não vejo aqui desaforo;  
Em summa, tinha um namoro ! —  
— Era um ? —  
— Mais nenhum ! —  
— Se era um... —

— Ouve, espera e não te rias.  
Fez-se a pequena palreira;  
Livros?... Nem cheiro ! Folias,  
Muita léria, muita asneira;  
Passo lá ha quinze dias,  
E o que hei de eu ver, por meu mal? —  
— Já se vê, o mesmo?... — Qual !...  
Eram dois !... —  
— Ora pois ! —

-- Olha que a sonsinha engana ;  
Quem diria o que ella era ?  
Nem bolia uma pestana,  
E afinal. . . espera, espera,  
Passo lá esta semana  
Que hei de eu ver, não me dirás,  
Se és capaz? — Não sou capaz. —  
— Eram tres ! ! —  
— D'uma vez ? ! —  
— D'uma vez ! !

Mas hontem, vi-a tristonha ;  
Mudou um pouco de côr,  
Aborrecida, enfadonha,  
E aquelle botão de flor  
Já não ri, divaga . . . sonha . . .  
Que mudança ! E de repente ! —  
— Ella andava tão contente ! —  
— Fez-me pena  
A pequena.

Pobre da loira visinha  
Que eu via, quando passava,  
E da leitura, á tardinha,  
Os olhos não despregava !

---

Que namoros... nem um tinha!  
E andavam mais de uma duzia...  
Como eu a vi macambuzia  
    Todo o dia! —  
    — Que seria? —

— Os cabellos desmanchados,  
    Mais branca ainda, coitada!  
    Os olhos fundos, pisados,  
    E uma certa côr magoada...  
    A loirinha! Os meus peccados!  
    E sabes?... voltou a ler! —  
    — Muito deve ella saber! —  
        — Coitadinha  
        Da visinha! —

---

\_\_\_\_\_

## O SUICIDA

(do Gaspar Athayde)

Saudade! Gosto amargo de infelizes!

GARRETT.

1

De todos o mais velho. O nosso companheiro  
Fôra soldado em terra e fôra marinheiro:  
E, — bohemio feliz, — n'uma saudade eterna,  
Elle accordava ainda uns longes de caserna,  
Contando os nadas mil d'uma aventura fresca  
Que faz rir o estudante e rir a soldadesca.  
Nostalgico do mar, quando se erguia a brisa,  
Julgava inda sentir o vento, que agonisa,

Soprando no convéz, rangendo como arame,  
Mordendo eternamente as cordas do velame,  
E, chorando e gemendo occultas melodias,  
Galga de salto o azul, varrendo as maresias.

E ficou-lhe talvez da onda borrascosa  
A vaga inquietação da vida aventureosa.

Mas, como vôa e foge e se dissipa o fumo,  
O marinheiro audaz mudou tambem de rumo.

## II

Era estudante agora. A vida tem revezes.  
Acercava-se a gente em volta d'elle ás vezes,  
Estendidos no chão, capa traçada á ilharga,  
Livros em derredor... E a sua vida amarga,  
Febri!l, entusiasta, allucinado, ardente,  
A minima impressão, o minimo incidente,  
Os oasis do amor, as fundas amarguras,  
Tudo o revolto mar das suas aventuras.  
Tudo, tudo evocava, em sonhos redivivo,  
O soldado-estudante e o marinheiro-archivo!

Mas, do calix da vida o vinho é capitoso :

Dorme, no fundo azul, um filtro venenoso.

E elle, tonto de amor, n'um hausto agonisante,

Exgottou a cahir a taça inebriante.

Como esvaece o aroma á planta dolorida,

Esmoreceu-lhe a força e foi perdendo a vida.

Desertou-lhe a saude. Um ataque apopletico,

Arauto annunciador do seu viver cachetico,

Tolheu-o d'improviso. E o estudante viu-se

Triste, perdido e pobre. O ataque repetiu-se.

E, quando, bem mais tarde, elle se ergueu do leito,

Curvado como um velho e cavernoso o peito,

Vinha tremulo, exausto, o pulso congelado,

Rugoso, encanecido e desmemoriado.

Nem podia estudar ! Inexoravel sorte !

A doença, a miseria, o desespero e a morte !

### III

Veio o ultimo anno. As arvores floriam.

Cantava a Natureza. Os seus irmãos partiam.

Cortando e recortando a abobada dos céos,

Cruzavam-se no azul as novas andorinhas,

## V

Entrou um sacerdote. Aproximou-se tudo.  
O ministro da Fé, silencioso e mudo,  
Velha estola pendente, olhar sereno e triste,  
Onde existe a piedade e onde a virtude existe,  
Absorto, cabisbaixo, acabrunhado e grave,  
Caminha para o leito e diz-lhe em tom suave :  
— « Peça perdão a Deus, que é compassivo e doce. » —  
O enfermo estremeceu, a vista illuminou-se,  
E na avidez da Fome ao devorar a esmola,  
Beijou convulsamente a cruz da velha estola.

Depois, foi decrescendo o cavernoso ronco.  
A angustia serenou. Inteiriçou-se o tronco,  
A cabeça pendeu-lhe e congelou-lhe o sangue...

E elle ficou sereno, esvaecido, exangue.

De prompto, o velho irmão não pôde bem cumprir;

---

---

Mas foi baixando o somno áquelle corpo exausto,  
E o irmão valeu-lhe emfim, — o tenebroso Fausto!

Seriam dez da noite e conseguiu dormir.

## VI

O céo do outro dia amanheceu sorrindo.

E, quando, ao pôr do sol, o enterro ia subindo  
Pela enfesta que leva ao tardo cemiterio,  
O vento, a soluçar um cantochão funereo,  
Rastejando, e lambendo as folhas da avenida  
Vinha beijar-lhe ainda a face adormecida.  
Depois ia subindo e esvoaçando a medo,  
Como que a transmittir-lhe um ultimo segredo.  
E quando, emfim, rompeu a ramaria densa  
Das aleas, e se abriu na vastidão suspensa,  
Fui eu que ouvi alem, no largo da paisagem,  
O rouco trovejar da rude marinhagem ;  
Descobri no horisonte as mais remotas plagas,  
E, d'entre os escarcéos e o marulhar das vagas,  
Perdido n'amplidão d'abobada indecisa,  
Ouvi distinctamente o vento que agonisa,  
Soprando no convéz, transpondo as amuradas,

Uivando, rebramindo umas canções magoadas,  
E a chorar e a gemer estranhas melodias  
Galga de salto o azul, varrendo as maresiás...

## VII

Já nada d'isto lembra aos nossos companheiros ;  
Ameaçam ruína os velhos pardieiros  
E elles vão-se abrigar a outra sombra amiga...  
Eu vivo do Passado ! — eu sou a hera antiga ;  
E' lá que eu vou buscar, entre os sarçaes maninhos,  
As minhas illusões e os meus negros espinhos.

Longinqua projecção do meu viver faminto !  
Mortas excavações do meu sonhar extinto !

---

# O JURAMENTO

(DO NATURAL)

---

(Ao João Valente)

---

Na mesma idade nasceu  
N'esta aldeia uma Pastora,  
Que, para dotal-a o céo,  
Parece que empobreceu  
Todas quantas vejo agora.

RODRIGUES LOBO.

## I

Agosto. E' meio dia. O sol attinge o prumo.  
Sumiu-se pelo azul, espiralado em fumo,

Todo o fogo do lar, vivificante e calmo.  
O ambiente abrazador domina palmo a palmo.

O sol, — o velho rei, — na tunica robusta,  
Morde, comprime, escalda a natureza adusta.

O jornaleiro dorme. A terra hiante é um forno.  
Somnambulisa o ar um véo pesado e morno.

O cazal, — um botão que ao réz d'uma alea espreite,  
Sonha, á beira da estrada, um sonho côr de leite.

Sob o docel em flôr d'um jasmineiro branco,  
A flôr d'aquella casa, olhar aberto e franco,

Caminha, lesta e viva, em direcção á nora.  
Leva um cesto de roupa e quer laval-o agora.

Chegou. Depõe o cesto á ourela da agua estanque,  
E, minutos depois, cresce a caudal no tanque.

A lympha, que ao tropel e em jorro se desata,  
Lembra um diamante ao sol. E' uma fusão de prata.

---

---

Expõe, dobrando a manga, os braços nus, vermelhos,  
Aperta a breve saia aos tumidos joelhos ;

Pega n'uma camisa e vae banhal-a... Então,  
Levanta-se uma aldraba e surge um rapagão.

## II

(Esquecia dizer, confesso, na verdade,  
Que abria ao pé do tanque um dos portões da herdade.)

— «E's tu, Manoel? Que teima! olha, pois nem te via!» —  
— «Um *rai'* me parta a mim, se eu não te vejo um dia!

Tu podes não me ver, é esse o teu desejo ;  
Mas eu nem sei dormir, se um dia te não vejo ;

A modo que me foge a luz, em te não vendo,  
E nem me sabe a nada o pão que vou comendo!» —

— «Nem comer, nem dormir ! Mas que mania a tua !  
Verás que has de mudar . . . em se mudando a lua !» —

— «Se ao menos, quando eu passo, olhando triste, assim,  
Sorrindo, mal poisasse o teu olhar em mim !

Que eu te juro, Maria, á dôr que vae nos meus,  
Havias de render-te . . . ou eu não creia em Deus !

Um *rai*'me parta a mim, d'além d'aquella serra ! . . .  
Quinze dias, mulher ! . . . E o nosso olhar em guerra . . .» —

— «Só quinze ? olha, Manoel, lá me parece pouco.» —  
— «Quinze dias, mulher, ou dou commigo em louco.» —

— «A muito boa cara eu já topei, ouviste ?  
A olhar-me assim . . . assim . . . esbugalhada e triste,

E inda nenhum me veio direito ao coração.» —  
— «E' que ainda nenhum te quiz devéras, não ! . . .

---

Uma aposta! — «Uma aposta! E juro ser fiel!» —  
— «Pois bem, Maria, adeus!» — «Prometto, adeus, Manoel.» —

A laranjeira em flôr, que os via alem, da horta,  
Quedou-se pensativa, a rir baixinho, absorta.

E um vegetal antigo, uma frondente accacia  
Sacudiu agitada a petala violacea.

Maria, emfim, jurou! Quando o Manoel passar,  
A desdenhosa flôr tem de sorrir e olhar.

## III

Desde então, quando o heroe voltava do trabalho  
E ao cazal supplicava o promettido orvalho,

Um olhar, um sorriso, — uma luzente estrella  
Resvalava a tremer da ultima janella.

E Maria, — a fiel — a desdenhosa, a calma,  
Refrigerava assim um coração e uma alma.

Elle, o títan vencido . . . ella, a manhã primeira,  
A pomba que acenava o ramo de oliveira.

Correu, voou o praso entre visões serenas,  
Em que elle sonhou muito e ella brincava apenas.

Quinze dias depois, foi generosa ainda :  
Voltou, sorriu, olhou e appareceu mais linda.

Decorreu algum tempo, em que o Manoel passava  
E a Maria, já triste e pensativa . . . olhava.

Mas, quando ella sentiu chegado esse momento  
De haver emfim cumprido o heroico juramento,

Quando ella sentiu bem que o sonho ia acabar . . .  
Já não podia rir, já não podia olhar,

---

---

Quando viu que era um sonho,—um sonho, tudo aquillo!  
Refuiu-lhe uma onda ao coração tranquillo.

E uma tarde em que o sol, no horisonte baço,  
Tremia extenuado e morto de canção,

Uma tarde em que o véo da propria Natureza  
Tinha soffocações de mágoa e de tristeza,

Maria, a uma janella, a medo, e costurando,  
Murmurava baixinho :— «elle já vae tardando.» —

E apenas despontou, no fundo azul cinzento,  
O Manoel, que voltava, assobiando ao vento,

Indecisa, arquejante, o coração em fogo,  
Estremeceu, córou, e retirou-se logo.

Mas, quando viu perder-se ao largo o bom rapaz  
Que ainda longe e longe olhava para traz,

1

2

3

4

5

## UM MYSTERIO

---

(*de Manoel Gayo*)

---

Mas um velho de aspeito venerando.

**CAMÓES.**

Viviam sós n'aquelle sanctuario,  
— Mar insondavel de fataes arcanos;  
Elle seria quasi octogenario  
E ella devia ter vinte e dois annos.

Na estreita sala onde agoniza o velho,  
Em cheio esplende a clara luz do dia :  
Duas cadeiras, uma meza, um espelho,  
E em frente ao leito uma photographia.

Na meza antiga recostada ao muro,  
De pés em bojo e de senil castanho,  
Dormita, involta em polimento escuro,  
Uma boceta de lavor extranho.

E ao lado um Christo de visões bemditas,  
Rosto esvaído sobre os hombros lassos,  
Na postura das magoas infinitas,  
Cançado alonga os doloridos braços.

Arfa-lhe o peito. O doce olhar piedoso,  
Banhado, unguido n'um ceruleo véo;  
Em torno esparze, d'um clarão bondoso,  
Toda a meiguice que lhe vem do céo.

Respira em tudo o pequenino ambiente  
A santa paz harmoniosa e calma  
Que faz do somno aurora transparente  
E é como effluvio, emanação da alma.

A alma d'ella, porque a d'elle é noite.  
A d'ella é sonho transparente e vago,  
Elle é oceano em tenebroso açoite,  
Ella é silencio resignado, — é lago.

\*  
\*   \*  
\*

Quando sahiam, toda a visinhança  
Abençoava essa familia austera :  
Era um velhinho preso a uma criança,  
Um roble erguido pelo amor da hera.

Vae em tres annos que ninguem os via,  
Juntos, unidos e de braço dado,  
Sahir de casa ao resvalar do dia  
E a filha, — a noiva, — no maior cuidado.

E era de ver a dualidade extranha  
Que se casava na maior meiguice :  
Cada ruga do velho, — uma montanha,  
Cada feição da filha, — uma planice.

Cada ruga do velho ia accusando  
Dias e dias de profundas mágoas...  
Todo o conjuncto era oceano uivando,  
Um mar immenso de revoltas aguas.

Cada feição da filha era um exemplo  
Da paz tranquilla e monacal d'um crente;  
Tinha no rosto a santa paz d'um templo,  
Era um lago a dormir profundamente.

Depois de olhar essa tormenta brava  
Que era do velho a esplendida altivez,  
Parece até que a vista descançava  
Quando sorria áquella placidez.

Ultimamente o velho entontecido  
Via phantasmas na visão dos sonhos,  
Soffria insomnias, e o olhar varrido  
Tomava aspectos sepulchraes, medonhos.

Ia crescendo a alluvião tremenda  
D'esse maldito e desvairado enxame...  
«Ella exaurida após a lucta horrenda,  
Depois, o infame... ah! o infame, o infame!...»

N'essas febris apparições phantasticas,  
Pregava os olhos na photographia,  
E tinha a vista convulsões elasticas,  
Rasgava a noite e a solidão mordida.

---

E lá do fundo iam surgindo as bagas  
Do amargo pranto d'uma dôr intensa,  
Como se fosse o rebenatar das vagas  
Na funda rocha d'uma praia immensa.

E á luz escassa d'uma lamparina,  
Que involta em sombras desmaiada brilha,  
Rugia o velho: — «E' maldição divina!  
Reza por mim, por tua mãe, ó filha!» —

Olhava afflicto em derredor da caza,  
Fitava a medo a santa creatura,  
E cravava depois a vista em braza  
Por sobre a meza e na boceta escura.

Pairava a sphinge d'um silencio mystico,  
— Morto areal varrido pelos ventos, —  
No cofre extranho de lavor artistico  
Que elle guardava como os aventos.

Sombras talvez d'um grande crime inulto?  
Sangue de pomba ou de chacal? Mysterio!  
Provas, quem sabe? de martyrio occulto  
Na pedra raza d'algun cemiterio.

Remorsos? Não! Era um mysterio horrivel,  
Eram rugidos de insondaveis zelos;  
Eram visões d'uma tragedia incrível  
Que o turturava n'esses pezadellos.

Noites e noites decorreram n'isto.  
Quando morria a derradeira estrella,  
Fitava a filha o meigo olhar no Christo,  
E elle chorava sobre o peito d'ella.

\*

\* \*

Elle agoniza. O sol esplende a cheio,  
E em chuva de oiro no ambiente escorre;  
Quer ver o sol: é o derradeiro enleio  
Da luz que nasce para a luz que morre

Inclina a fronte ao cavernoso tronco,  
Arqueja afflicto em agonia horrenda;  
Cada soluço d'elle é como um ronco,  
Lembra o severo Adamastor da lenda.

---

Os olhos tentam devassar o Immenso  
Na barba em ondas que lhe afoga o peito...  
Reprime a filha o halito suspenso  
Afflicta, anciosa, em derredor do leito...

.....

\*  
\*   \*   \*

Quando o velho cahiu desamparado,  
Como um phantasma que se transfigura,  
Ergueu os braços para o céo lavado  
Cravando os olhos na boceta escura.

Nunca ninguem ao certo descobrira  
Que a ignota causa d'um soffrer tamanho  
A guardava, no fundo de saphira,  
O negro cofre de lavor extranho.

\_\_\_\_\_

## NO SEGREDO

(de Anselmo de Andrade)

E este misero ornato que me arrêa,  
De noute é camá, de manhã vestido:  
GARÇÃO (escripto no carcere).

A Doença, com mão finada abrange  
Os fatigados membros,  
E no âmago do peito as amarguras  
Vão assentar morada.

FILINTO.

### I

Eu era um liberal convicto, apaixonado.  
Sentara praça a rir, quasi criança ainda,  
E, d'uma aurora azul, n'aspiração infinda,  
Somnambulo da luz, — vivia allucinado.

Pairava então no reino, austera e rigorista,  
Intransigente e cega, a fé legitimista.

Consegui colligar, febris, aventureiros,  
Trinta collegas meus n'uma conspiração.  
Descobriu-se o projecto. Entrámos na prisão.  
O delator foi um dos nossos companheiros!

## II

Tinha eu pois commettido um grande e horrivel crime.  
Entrado no *segredo*, olhei em roda, e vi-me  
N'um calabouço negro, abobadado e frio.  
Estendi-me no catre e tive um arripio.  
Faltava o ar ali. Desciam negras, tumidas,  
Gottas de agua a correr pelas paredes humidas.  
Rasgando a fauce hiante em abrimentos duros,  
Gemia o mar, de encontro aos denegridos muros.  
A luz mal escoava um raio adormecido  
Que viesse espancar a sombra d'um gemido.  
E foi n'este covil, escuro, atroz, infecto,  
Que eu me puz a pensar, cravando o olhar no tecto.

Familia... juventude. . . ancia de liberdade...  
N'isto, um rumor sutil, cortando a escuridade,  
Veio acordar um pouco as minhas abstracções.  
Salto da cama e vejo, alem, n'um dos rasgões  
Que fendiam do alto o muro esburacado,  
Baixando ao pavimento escuro, esverdeado,  
Como um listrão que mexe, ondeia e se desdobra,  
Uma negra, uma extranha e formidavel cobra !

Recuei por instincto. A cobra colleou,  
Ergueu o collo altivo ao pé de mim, silvou,  
E sumiu-se afinal, no rastejar incerto,  
Por outro hoqueirão, quasi a meus pés aberto.

Dias depois, voltou á paz do meu jazigo.  
Quiz provar ao reptil que eu era um santo amigo.  
Ora eu tinha por dia, invariavelmente,  
Um pedaço de pão, que devorava ardente.  
Só um quarto de pão ! Se acaso era este o nome  
D'esse manjar de cães que me illudia a fome.  
Avancei, inclinei-me e esfarelei no chão  
Um pouco d'esse avaro e miseravel pão...

Entrou connosco a paz n'aquella obscuridade :

Travou-se a mais completa e extranha intimidade;  
Ficámos bons irmãos. Parece que a desgraça  
Ao triste e ao infeliz no mesmo aperto abraça.  
Ambos vêm, afinal, a vegetar na treva :  
O que rasteja muito e o que demais se eleva !

## III

E desde então, Senhor! Senhor! quem me diria  
Que um reptil vinha a ser a minha companhia!  
Mai a hora chegava, a extranha companheira  
Que eu, deitado no catre, ouvia com tristeza,  
Rastejando e silvando à minha cabeceira,  
Encontrava já posto o seu jantar na meza;  
Quasi diria até, no meu sonhar febril,  
Que eu ouvia fallar o misero reptil.  
Oh! mas não se imagina o doce orvalho, o bem,  
Quando eu imaginava ao pé de mim alguém!  
Minha mulher! Que dôr, que magoa e que afflicção,  
Quando soubésse que eu dormira na prisão!  
E o meu filho já quasi abandonado e só!  
Que desespero, ó Deus! Como eu fazia dó!

Uma bella manhã, accódo alegre, salto  
Da cama onde dormia o meu pequeno e — «Alto!» —  
Uma voz de prizão ao limiar da entrada.  
Minha pobre mulher, ficas desamparada!  
Quiz despedir-me... qual! Um grito inexoravel  
Respondeu na minh'alma á dôr in comportavel.  
Recalquei no meu peito as minhas vãs chimeras,  
E, como féra, entrei n'um fojo vil de féras.

## IV

Por isso, quando a cobra, esse reptil immundo,  
Ao longe, a collear, surgia lá do fundo,  
Apontando no escuro a lingua bi-partida,  
Repassava-me a alma essa visão querida  
Involta no fulgor d'um santo e casto brilho:  
— A mãe, tão nova ainda, ao pé d'um berço, — um filho!  
Que dias de torpor! Que noites de vigilia!  
Ver n'um reptil o meigo encanto da familia!  
Comprehende-se bem que eu tinha fome horrivel;  
Pois, o que é curioso e o que parece incrivel

E' que, se um dia acaso a cobra me faltava,  
Eu perdia a vontade e quasi não jantava!  
Tal era o meu sonhar, julgando-me entre os meus!  
E juro bem que vi, (se vi! oh! sabe-o Deus!)  
Quando o reptil comia á minha cabeceira,  
O rosto meigo e bom da pobre companheira  
Que eu deixara no mundo ao desamparo e triste!  
E quantas vezes viste, ó desgraçado, viste!  
O riso encantador do filho,—o ideal thesoiro,  
E lhe correste a mão pelos cabellos de oiro!

## V

Passaram mezes n'isto. O carcereiro, um dia,  
Traz-me o quarto de pão, sorri com ironia,  
E, passado um momento, o carcereiro volta;  
Leva-me ao tribunal uma severa escolta.  
E vejo em frente a mim, soberbo e triumphante,

O cobarde, o traidor, o vil denunciante.

Ora, eu vinha a gemer, como pizando abrólhos;  
Mal podia ver luz; uma das mãos nos olhos,  
Os sapatos na outra: os pés tinham-me inchado;  
E a miséria faminta, o reumatismo agudo,  
Grandes dores moraes, velha immundice, tudo!  
E o corpo sem dormir, de febre extenuado,  
Levou-me ao tribunal, n'este grilhão sem nome!  
Um triste horror, —a lama! um grande inferno, —a fome!  
E sentei-me esvaído assim no tribunal;  
Mas, apenas de longe encaro o official,  
Desvairo, e corro irado em direcção a um vulto...  
Pragas e maldições... Levanta-se um tumulto  
Indiscriptivel, doido, e uma selva de cronhas,  
Entre blasphemias mil e imprecações medonhas,  
Cai de tropel em mim, como um chuva enorme...

## VI

Só depois accordei na lobrega enxovia,  
Tendo a farda em rasgões, ensanguentada, informe;  
E inda a meu lado estava, ao pé de mim dormia

A minha arma fiel, na lucta desigual :  
Era o banco dos reos do infame tribunal.

Mas a minha amargura, a minha intensa dôr,  
Foi que ao voltar depois dô tribunal, exangue,  
Extenuado e roto e coberto de sangue,  
Quando, após o tropel e cégo de furor,  
Como se enfim guardasse ali o mundo inteiro,  
O sombrio, o severo e rude carcereiro  
Arremessou, violento, a ennegrecida porta,  
Quebrara ao meio a cobra...

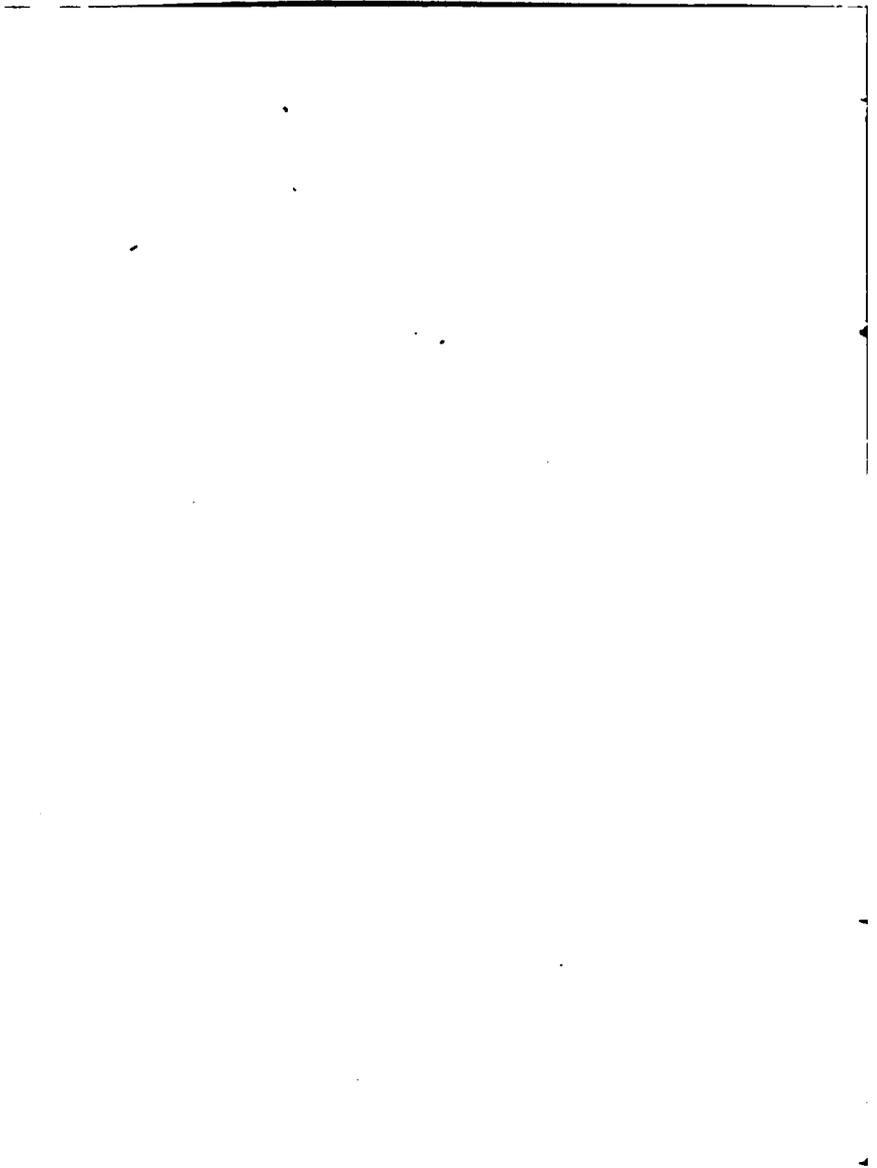
A cobra estava morta!

E eu Senhor ! que através de horriveis tempestades,  
Illudia com ella as minhas soledades,  
Ao ver-me triste e só ali, n'um catre vil,  
Tive saudade immensa, enorme... d'um reptil!

Inda um frio suor a minha fronte banha.  
E, (coisa singular, profundamente extranha!)  
Eu, que até esse dia ainda não chorara,  
Eu, que iria vender a minha vida cara,  
E cuspira na face ao homem execravel  
Que me dêsse um perdão indigno e miseravel,

---

Ao lembrar-me, tão só, do filho e da mulher,  
Ao ver que já não tinha uma illusão sequer,  
E ao ver ali, sem vida, a pobre companheira,  
(Tão fundo e tão de dentro uma saudade vinha!)  
Encostei-me a chorar á minha cabeceira,  
E chorei .. e chorei... como uma criancinha!



SEGUNDA PARTE

---

AS APOTHEOSES



## A SALOIA DOS CARNAVAES

(do Jacinto Candido)

Têm as Virtudes estrellado assento.

FILINTO.

1

Santa mulher, que pairas, como sombra,  
Tão doce e meiga onde a miseria chora !  
Sabe, mulher, que o teu amor assombra,  
E' como o sol d'uma candente aurora.

Sabe, mulher, que o teu amor aos pobres,  
Aos infelizes miseraveis, nús,  
E' um braço de Deus que tu descobres,  
Cahiu do céo, n'uma explosão de luz.

D'onde vens tu? Que regiões habitas?  
Não sei que chamma a tua fronte adorna:  
Sei que vem das auroras infinitas  
A urna de oiro que o teu braço entorna.

Ó cherubins, qual é o seu destino?  
Vós que lhe sois as fulgidas escoltas,  
Dizei, qual é? — Um solio adamantino! —  
Tu vens da luz, e á eterna luz tu voltas!

Deves de ouvir por lá muitos lamentos,  
Para que assim, meiga visão, te prives,  
D'esse paiz dos mil deslumbramentos,  
Das alvoradas santas onde vives.

Muito devem gemer peitos humanos,  
Para que venhas em missão de Deus,  
Transpondo em fogo os largos oceanos  
Que vão da terra aos infinitos céos.

Muito cheia de luz é a tua alma  
Para que olhando a terra n'um martyrio,  
Lá d'essa aeria região tão calma  
Deus te prefira, na mansão do empyrio.

Deus te prefira na caudal cerulea,  
E te diga: — « Visão ! O céu te ampara,  
Desce, vôa, desprende a aza herculea,  
E, quando achares um tormento, pára. » —

Deus te prefira na morada etherea,  
E te diga: — « Visão ! Caminha, ousa,  
Busca de noite os antros da miseria,  
E onde encontrares a miseria, poua.

Vae ao recinto onde vecejam flores,  
E diz baixinho aos bemaventurados  
Que sabes onde, em horridos clamores,  
Morrem de fome tantos desgraçados.

Diz, na romagem da paixão sublime,  
Quando a loucura ostente os seus matizes,  
Que sabes onde, ao patamar do Crime,  
Gelam de frio tantos infelizes.

Não morre nunca a urze dos caminhos;  
As nuvens negras andam mais de rastros . .  
Mas quebra, enfim, algum d'esses espinhos,  
Mas varre um pouco as nuvens pelos astros.

---

Nem te affrontes, mulher, n'essa aurea rota,  
Quando a tua missão cahir por terra :  
Se atraz d'um bem germina um mal que brota,  
Ao Mal, o Bem faz novamente a guerra. —

## II

Sabes, mulher, que a Caridade soffre,  
Chora, na dôr d'um sentimento fundo,  
Por ser pequeno o seu doirado cofre  
Para esconder as lagrimas do mundo.

E tu, nas dobras d'um mysterio santo,  
— Perdida sombra d'uma vaga estrella, —  
Vens, recolhendo um pouco d'esse pranto,  
Dulcificar o soffrimento d'ella !

Bem fazes tu, que n'um bafejo puro,  
Ouvindo os gritos d'uma dôr estreme,  
Vens amparar, em seu caminho obscuro,  
A tua irmã, que é pobresinha e geme.

---

Onde será que brilha, n'um sorriso,  
Entre os aromas d'um amor sem par,  
Esse escondido e casto paraizo,  
A perfumosa estancia do teu lar?

Filha? Bem hajam paes essa ventura!  
Devem florir tão cheios de fragrancia  
Os carinhos de angelica ternura  
N'essa perdida e luminosa estancia!

Esposa? Bem haja o companheiro, o esposo,  
Cuja vida, tão leve como a corça,  
Bebe, no olhar sereno e venturoso,  
A paz dos anjos e a caudal da força.

E Mãe?... Que doce e agasalhado ninho!...  
Que pennugenta aurora de delicias,  
Quando os labios abrires, de mansinho,  
N'um rumorar de beijos e caricias!

Como deve ser calmo o travesseiro,  
N'uma noite de placida vigilia,  
Quando a Dôr accomette o companheiro  
N'esta epopéa santa da familia!

Diz-me, Visão, nunca sentiste pena,  
Nem te assombrou uma funesta ideia,  
Vendo como na onda se envenena  
Toda essa extranha multidão que ondeia?

Como deve ser bello e santo e nobre!  
Correr n'um tremedal, pisando brazas,  
E, depois de sorrir ao triste e ao pobre,  
Voar, emfim, sem macular as azas!

Mulher, Deus te depare um bom thesoiro!  
Sombra, vive na luz d'um sonho ethereo!  
Anjo, entorna das mãos a urna de oiro!  
Visão, fica na paz do teu mysterio!

Possam cahir-te as mãos extenuadas,  
Quando, em nymbos de gloria, emfim voltares  
Ao clarão das eternas alvoradas  
Cantando e rindo e devorando os ares!

## D. JOÃO DE CASTRO

---

Sonho, sonho que vejo, em nuvem atra e densa,  
Ora alçando um clamor enorme e trovejante,  
Ora alagada em choro afflicto e soluçante,  
A sombria caudal da tua barba immensa.

Perde-se ao longe o sol, quando o bulcão se adensa ...  
E a tua grande barba ergue na treva hiante  
Uma onda que vae, faminta e supplicante,  
Esmolar no horisonte uma alvorada intensa;

Quebra, ás vezes, no ar, como um chicote em fogo...  
Mas, — Niobe que anciada aos filhos clama, — em bagas  
Rola do afflicto pranto a chuva quente; e logo,

Por entre os vendavaes e a nevoa dos invernos,  
Vejo-a alongar humilde as lacrimosas vagas  
Para dar-se em penhor aos vendilhões modernos.

---

## O MOSTEIRO DA BATALHA

---

Assim pois se acaba tudo !  
Quanta grandeza ! e que nada !

CASTILHO.

---

N'um banho de luar é que eu quizera vêr-te,  
— Branco sonho de fada em dulcido remigio. —  
Somnambulo padrão da nossa gloria inerte,  
Filigrana de pedra, ó divinal prodigio !

Tu que retratas hoje um povo adormecido,  
Na mudez espectral das arcarias tuas,  
Tu que alembra um sonho enorme, indefinido,  
No sonho em que fluctuas ;

Tu que és hoje, afinal, um cysne côr de neve,  
De aza crestada ao sol e ao rir das ventanias,  
Erguendo para Deus, n'um vôo immenso e leve.  
O alado canto em flôr das tuas harmonias ;

Tu, — estancia perdida, em soluçar funereo,  
Dos poemas que ao céu arrojam as nações, —  
Tu que vives na paz e no silencio ethereo  
D'ethereas regiões;

Tu, que na terra és hoje o pedestal truncado  
D'uma estatua de pó, — d'uma vaidade insana ;  
Tu, dulcissimo enlevo e gloria d'um passado  
Que ruiu, como rue toda a miseria humana ;

Tu que és hoje no céu mais uma nota froixa  
Da prece universal no côro immenso e vago,  
Que és, ao dubio clarão, quando o horisonte arroixa  
Um cysne sobre um lago :

Insopa-te na luz d'um bom luar saudoso !  
Abre serenamente as azas redoiradas,  
E vôa... e voga sempre em sonho luminoso.  
Como voga a minh'alma em noites estrelladas...

---

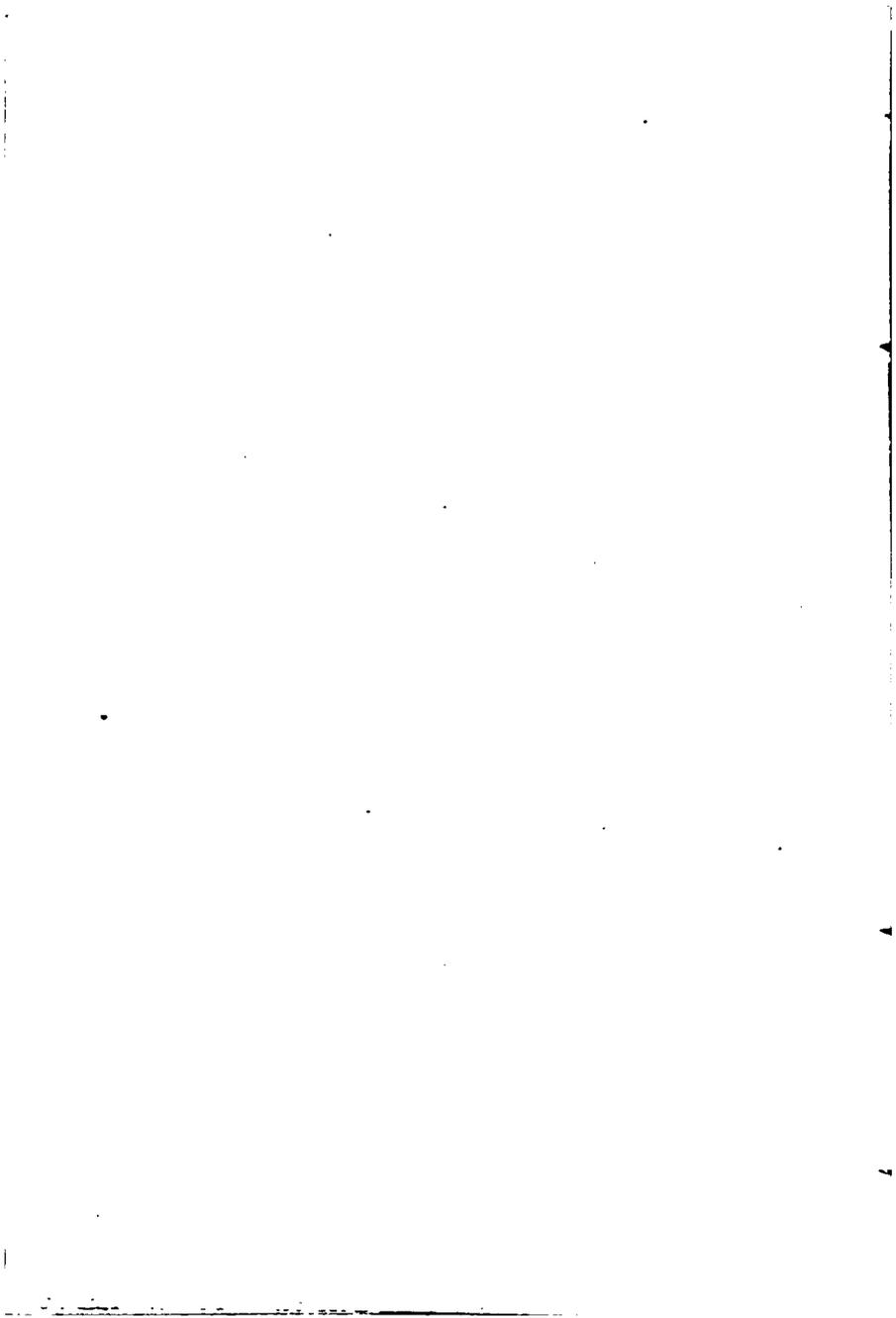
Desenha o teu poeta <sup>1</sup>, o sonhador altivo,  
O ousado portuguez, nos altos coruchéos,  
Grava-lhe bem na frente o sulco pensativo,  
Ergue-lhe a frente aos céos.

Verás ao grande cégo, então, subitamente,  
Encher-lhe a larga frente uma expressão tão calma,  
Quando o espirito azul do sonhador valente  
Passear n'amplidão os grandes olhos d'alma !

Insopa-te na luz do teu sudario algente...  
(Velho tempo que foi !...) E deixa-te ficar  
Ondulando... ondulando interminavelmente...  
N'um banho de luar...

---

<sup>1</sup> Allude-se a Affonso Domingues.



## MIRAGENS

---

A lua é doce e calma. Ao longe, o mar descança,  
Como que a refluir n'um marulhoso aneio.  
Occaso em chamma: o sol esconde a face a meio  
No leito da corrente enamorada e mansa.

No liso espelho em braza, onde o luar balança,  
O sol retrata um sol que á flor das aguas veio;  
Parece, ao vel-o assim, batendo o rio em cheio,  
Que um sol vae mergulhar, mas que outro sol avança.

Miragem singular que a Natureza encanta !

O poente é igual á aurora ! A noite alembra o dia ! . . .

Debalde ao meu olhar tu foges, Atalanta !

Quanto mais longe estás, doirada flor sombria,

Mais eu te sinto em mim ! mais eu te chamo santa !

Mais larga é toda a luz que o teu olhar me envia !

## PALAVRAS D'UM HOSPITAL

---

Uma esmola! Uma esmola! Aqui chora a Desgraça,  
E eu sou como um altar, crisol augusto e santo  
Que muda o choro em riso, e dulcifica o pranto  
Do triste a quem a Dôr convulsamente abraça.

Mas não posso abrigar, na minha sombra escassa,  
Todo esse mar que geme... eu não abranjo tanto!  
Debalde estendo e alongo o desfiado manto...  
Eu sou faminto e pobre, accuda-me quem passa!

Quando a blasphemia assoma ao labio d'um precito,  
Quando vasqueja a Fé, — a immaculada rola,  
Para arrastar a Deus um cantico infinito,

Para conter no peito a vaga que se empola,  
Para aclarar o céu, e suffocar um grito,  
Para açaimar a Dôr, vivo pedindo esmola.

---

## AURORA

---

Eu sonho. Um bando luminoso e grave  
De niveas pombas, onde o sol rutila,  
Erguendo as azas, na mansão que anila,  
Vae demandando a magestosa nave.

Manhã carminea. No pallor suave  
Do sol que abriu a morbida pupilla,  
Não sei que vago e fulvo mar scintilla,  
Onde se esbate a minha ideia, — uma ave.

Vejo um clarão de nuvens refulgentes...  
Um throno em chammas largo espaço em fóra...  
E na caudal das purpuras candentes

Lá vaes em nimbos... (Ah! Percebo agora!...)  
Na breve mão esses dragões ardentes  
E o carro azul da fabulada aurora!

---

## A VELHA CRUZ

---

Se ha hi alguém que te não veja!  
Em paz e amor toda embalada,  
A cruz dolente e resignada  
Eil-a defronte. Além negreja.

E dominando em toda a egreja,  
Sorrindo sempre, eil-a orvalhada  
A' luz primeira d'alvorada  
E á extrema luz que o sol dardeja.

O' doce cruz consoladora !  
O' velha cruz dos membros lassos !  
Quando eu dormir, ó redemptora,

Reza por mim, corta os espaços,  
Cae sobre mim, na minha aurora,  
Abre-me o seio, estende os braços !

## ANTONIO PEDRO

(NA MORTE DO GRANDE ACTOR)

---

Aqui, aqui dentro ardia  
o estro audaz que abarca os mundos.

CASTILHO.

Travando-te da coma laureada,  
Te arremessa entre os Tantalos famintos.

FILINTO.

---

Como um ebrio que marcha allucinado,  
Mal distrahindo as agonias tuas,  
Vejo-te ainda triste, esgrouviado,  
Atravessar em zigue-zague as ruas.

Debil corpo nervoso, friorento,  
Um desolado rir mal comprimido,  
— Antes o enygma atroz d'algum lamento  
Que em tu'alma acabasse n'um gemido ;

Olhar vago, indeciso, angustioso,  
Todo curvado e todo feito de ossos . . .  
Diria alguém que um sonho tormentoso  
Te arrojara de si, como em destróços.

No teu rosto cavado, e amarello  
Como o do Christo erguido no calvario,  
Ardia em chamma aquelle eterno sello  
Que do homem faz eterno visionario.

Foragido de mundos infinitos,  
Sagrado fogo e alma do proscenio,  
Tinhas na fronte o sello dos precitos  
D'esse dragão de luz que chamam — Genio.

Inconsciente d'essa luz enorme,  
Sempre envolvido n'esse eterno banho,  
Tu passavas no mundo afflicto, informe,  
E de ti mesmo envergonhado e extranho.

---

Nas tremendas batalhas de gigante,  
Quando arrancavas do teu estro a palma,  
Bem se via que o corpo exausto, arfante,  
Era um debil pretexto da tu'alma.

D'essa tu'alma tão sedenta e grande,  
Que ao despedir um grito de rainha,  
N'um aneio maior que o peito expande  
Quebrou emfim o vaso que a continha.

Dobrado horror d'uma visão sagrada  
Que em ti rugia n'um bramir insano !  
— Tinhas o genio audaz da gargalhada  
E o rouco uivar do soffrimento humano !

Toda a plateia, — como um tronco adusto  
Que uma serpente esmigalhando torça —  
Ao teu abraço colossal, robusto,  
Ah ! tu devias esmagar por força !

No *Saltimbanco* <sup>1</sup>, ó pae desventurado !  
Inda agora me assombra, inda me espanta  
Esse rugido atroz, despedaçado,  
Que te morria afflicto na garganta.

<sup>1</sup> Allude-se ao drama do sr. Antonio Ennes.

Quando a tu'alma desprendia as azas,  
N'um clamoroso arranco triumphal,  
Um mar immenso, a vagalhões de brazas,  
Se levantava, como em temporal.

E o teu gemido rouco, enorme, intenso,  
Quando estalava emfim, quebrando o peito,  
Era o de um rio estrepitoso, immenso,  
Que arrebantasse em convulsões o leito...

Foragido de mundos infinitos!  
Sagrado fogo e alma do proscenio!  
Tinhas na fronte o sello dos precitos  
D'esse dragão de luz que chamam — Genio.

---

## RESURREXIT

---

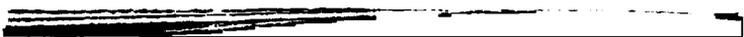
Agonisava o sol no horizonte,  
Quando tombara o Genio fulminado;  
Mandam fazer um esquife agigantado,  
Porque abrigasse o altivo mastodonte.

Alcançam pesadamente alem defronte,  
No mais agreste pinCARO lançado,  
Um catafalco enorme e sublimado  
Que abranja o céo e a vastidão affronte...

E' nado o sol. Beija-lhe a testa, mudo.  
Vão enterral-o quatrocentos braços...  
— Voara, emtanto, o adamastor membrudo!

E subindo e crescendo nos espaços,  
Galgando sempre e alastrando tudo,  
Rebentara o caixão em mil pedaços.

---



## A LARANJEIRA

---

Virgem dos fructos de oiro, eu te saudo!  
Essa verde roupagem que tu vestes  
Lembra-me a Fé, o Amor! — oh! tudo, tudo!  
Alado enxame de visões celestes!

Das tuas folhas o estylete agudo  
Tambem me alembra o topo dos cyprestes...  
Ah! mas a eburnea flôr, — doce velludo,  
E' bem que ao sonho virginal a emprestes!

Ah! mas a flôr do delicado aroma,  
Que afoga em ondas o teu vivo manto,  
E vae beijar-te a verde-negra coma,

Que sonho meigo, e que sagrado encanto!  
Augusto emblema da manhã que assoma  
Do que ha de bello e bom e casto e santo!

---

## O PESCADOR MAIO

---

Não vio aberto o barathro em cem bôccas ?

FILINTO.

### I

Tinhas morrido. Alguem mandou-me o teu retrato.  
O teu sorriso bom julgei-o d'um amigo.  
Confio, pois, em ti : façamos um contracto ;  
Eu preciso fallar-te e conversar contigo.

Eu creio bem que és tu (correram já seis annos !)  
Mesma garruça á banda, o mesmo olhar piedoso,  
Calça larga, ao sabor dos vagalhões insanos . . .  
Emfim, lobo do oceano athletico e bondoso.

Hombro forte e capaz de remover montanhas,  
A mão recurva em garra, o bronzeo peito nu,  
(A mão, que ao velho Mar cravavas nas entranhas...)  
O' domador valente! eu creio bem que és tu.

## II

O Estudo e a Razão têm-me apagado os astros,  
— Dois cyclopes travando um unico tentaculo, —  
Mas nenhum d'elles nunca ousou ferir de rastros  
Do Deus clemente e largo o immenso tabernaculo.

Eu sou, como tu foste, um radical na Crença;  
Quando da extrema dôr transponho os escarcéos,  
Ao roçar no paúl da tôrva Indifferença  
Eu creio, ainda assim, profundamente em Deus.

No grande e occulto Ser, todo o meu ser condenso.  
E tu podes varrer-me esse phantasma ingente  
Que, se pratico o bem, me pacifica immenso,  
Mas, se procedo mal, me fere horrivelmente.

Desce em espirito, ó velho, ás luctas da minh'alma!  
Jura que has de fallar em nome da Verdade!  
Quero ver se um trovão da tua voz me acalma,  
Dando um grito de horror que atroe a immensidade.

Quando arrojavas, diz, a vida ao desamparó  
Para salvar alguém, quero que me respondas  
Se nunca viste o céo distinctamente claro  
No glauco e tórvo azul das funerarias ondas?

Diz, quando tu sublime, em furia como um louco,  
Rolavas pelo Mar, sorrindo aos cataclysmos,  
Da guela do tufão ao grito immenso e rouco,  
Se nunca viste Deus no fundo dos abysmos?

Se quando ias morrer, para acudir ás magoas  
De tantos irmãos teus, o grande Deus eterno,  
Surgindo immenso e bom do turbilhão das aguas,  
Te não rasgava a treva horrivel d'esse inferno?

Tu, que tinhas mulher, e que terias filhos,  
Diz-me se ao desmaiar nos fundos redemoinhos  
Não jorrava em tu'alma a luz d'ignotos brilhos  
Da nivea crina astral dos vagalhões marinhos?

E diz-me, ó velho, emfim, se desde que morreste,  
Lá da outra mansão nos ambitos profundos,  
Uma infinita paz e um resplendor celeste  
Não embala a tu'alma em ineffaveis mundos?

A tua vida foi uma explosão de assombros;  
O teu viver de heroe foi um viver de santo;  
O' rude cabouqueiro! é bem que dos escombros  
Te haja Deus acolhido ao seu piedoso manto!

Foste na terra humilde. A tua companheira  
Ficou de vil repasto ao ventre da miseria;  
Tu foste heroe do Bem durante a vida inteira...  
Deves viver feliz na vastidão sideria.

## III

Se me dizes que um raio immenso d'outra aurora  
Nunca na tua cova obscura se perdeu,  
Que n'essa horrenda valla a eterna sombra mora,  
Grande e piedoso velho, aqui me tens atheu!

---

Se dizes que, do céo n'essa manhã ridente,  
Nunca chegaste áo labio o mel d'uma ambrosia,  
E que a tua grande alma, em febre e ancia ardente,  
Rola como um reptil na treva densa e fria :

Grande e piedoso velho ! Em nome dos tormentos  
Que na terra expungiu a tua mão sagrada,  
Em nome do rugir e do gemer dos ventos,  
Em nome da Rasão, — não acredito em nada !

Se me dizes que Alem, dos mundos infinitos,  
Nunca viste um sorriso e nunca viste os céos,  
De tantos irmãos teus em nome de mil gritos,  
E — em nome do bom Deus — não acredito em Deus.

Desce em espirito, ó velho, ás luctas da minh'alma !  
O teu sorriso bom julguei-o d'um amigo ;  
Quero ver se um trovão da tua voz me acalma ;  
Eu preciso fallar-te e conversar contigo.

---

---

---

## ALEXANDRE HERCULANO

---

(*oA Guerra Junqueiro*)

---

Aquella alta, e divina Eternidade,

.....

Te pague o que nós outros não podemos.

CAMBÓS.

### I

O' Rei, aventa ao céo a tua voz prophetica!  
Levanta-me do pó a grande sombra athletica  
    Involta em aureo brilho;  
O berço de teu pae, n'um choro fundo e amargo,  
    Mede o largo horisonte... e no horisonte largo  
    Não vê sequer um filho.

Se aquelle sulco audaz que te avincava a fronte,  
Como um jorro de luz galgando sobre um monte,  
Em larga e viva chamma,  
Inda podesse, ó Rei, cheio de indignações,  
Troar como um canhão, bramir como os trovões  
Sobre este mar de lama;

Se inda podesse, ó Rei, em fulgido thesoiro,  
A tua voz de bronze e a tua penna de oiro  
Desentranhar da terra  
Toda essa indignação prenhe de tempestades  
E todo esse tropel de rutilas verdades  
Que o teu caixão encerra;

Se a tua grande voz, em sonhos de propheta,  
Como um claro, um brilhante, um rubido cometa  
Do pavilhão infindo,  
Inda podesse vir, em sacrosanto exemplo,  
Para expulsar de nojo os vendilhões do templo,  
Clamando e rebramindo;

---

Se a tua penna de oiro e brilho adamantino,  
Como um astro de Deus, como um clarão divino,  
Ou qual uma granada!  
Inda podesse vir, do concavo do espaço,  
Rebentar sobre nós o ultimo estilhaço  
D'uma alma esbrazeada:

Oh! Que undosa torrente illuminada em furia!  
Como essa indignação, n'uma caudal purpurea,  
N'um vendaval informe,  
Cahindo sobre nós, lá d'altos escarcéos,  
Não viria chover em maldições de Deus!  
Oh! que poema enorme!

Mas, ó grande, ó honrado, ó solitario monge  
Que tens a consciencia a rutilar ao longe,  
Em dorso de christaes,  
Seria bem cruel, e triste e doloroso  
Ver que ninguem te ouvia o grito angustioso  
Na terra de teus paes.

---

Seria bem cruel que o povo allucinado,  
Como um jogral em pé, na rampa d'um tablado,  
Cheio d'immenso pasmo,  
Mal attingindo, ó Rei, que furacões bramias,  
Respondesse ao cachão das tuas ventanias  
Com riso e com sarcasmo!

E te dissesse: — «Vae! Deixa-me o céu aberto!  
Ninguem te quer ouvir; tu clamas n'um deserto,  
E n'um deserto nu...  
Vae-te, ó sombra do Mal, gemer a outra porta!  
Ninguem te comprehende essa linguagem morta...  
O vendilhão és tu!

O vendilhão és tu, que em gritos e clamores  
Andas a desdóbrar o manto dos horrores  
Por sobre os nossos lares,  
Como se alem, do Azul no pelago suspenso,  
Um diluvio de fogo universal, immenso,  
Rolasse pelos ares.

---

O vendilhão és tu, ó negra sentinella,  
Que em roncões de tufão, em brumas de procella,  
Na voz dos vendavaes,  
Como o Archanjo do Mal, em seu bramir titanico,  
Andas a derramar a maldição e o panico  
Na terra de teus paes.» —

## II

Como um Titan, fendendo as nuvens d'escarlate,  
O' Rei, tu abdicaste, em meio do combate  
O sceptro magistral,  
Quando a negra alcateas, olhando a transparencia  
Do claro solio teu, mordida de impotencia,  
Te mordeu, afinal.

Disseram-te orgulhoso, a ti, que eras apenas  
A Convicção, pairando em regiões serenas!  
O' portuguez que choras,  
Perdoa lá da paz do teu sepulchro, e dorme...  
Que culpa havia em ti de haver nascido enorme,  
Vidente das auroras?!

Disseram-te orgulhoso, ó Rei dos altos Andes!  
Qual era a tua culpa, aguia dos olhos grandes,  
De proporções tamanhas  
Que, para alimentar o jogo dos pulmões,  
Precisavas viver na aza dos tufões?  
Vivias nas montanhas!

Qual era a tua culpa, ó gladiador gigante,  
Se, para te alcançar, da aurora triumphante  
Nos arreboes vermelhos,  
Os mais altos, do sol aos rutilos fulgores,  
Desmaiavam no dorso altivo dos condores,  
Roçando-te os joelhos?

---

---

Mal haja quem depor te fez o aureo sceptro!  
E possa o nome teu, erguido como espectro,  
Coberto de grandeza,  
Afugentar na sombra a sombra do chagal  
Que o dente ousou quebrar na gloria colossal  
Da tua realleza!

## III

Poeta! Era de luz o teu roteiro ingente;  
Começava a rugir tumultuosamente  
Um vendaval nefasto;  
E, para não tombar na podridão da orgia,  
Ergueste a fronte audaz á grande luz do dia:  
O teu orgulho é casto.

Artista! Foi diamante essa alma illuminada;  
Para arrancar da treva uma riqueza alada,  
E dal-a ao vulgo, — um pobre,  
E facetal-a em brilho immaculado e puro,  
Era mister pairar por cima do monturo:  
O teu orgulho é nobre.

Athleta! Era de bronze a força do teu pulso;  
A Justiça, a Verdade, em fremito convulso  
Chispava do teu manto;  
Se em cada um de nós o orgulho é incomportavel,  
O que hei de emfim dizer, ó Mestre, ó Impeccavel?  
O teu orgulho é santo.

O' rijo athleta de aço, ó Rei, ó Impolluto!  
Fica-te ahi na paz, na solidão, no lucto  
Dos echos monachaes!  
E roga eternamente ao Deus em que acreditas  
Que nos lave ao tufão das vagas infinitas...  
Mas não accordes mais.

---

---

Mas não accordes mais, ó rabbido Isaias!

Deixa morrer a voz das tuas prophcias

N'este deserto nu...

Tu sabes muito bem que sobre os nossos montes

A aurora açoita em cheio os largos horisontes...

O vendilhão és tu.

Vive na intensa luz das mortas alvoradas;

Sonha no topo ideal das ogivaes arcadas...

Repassa na memoria

Todo esse vago, extincto, immensuravel drama:

O roteiro gigante, o Adamastor e o Gama,

A nossa velha gloria...

---



## ALVORADAS

---

*( A meus irmãos Viscondes de Proença-a-Velha )*

---

Fui hontem ver a minha sobrinhita.  
Brinquei tanto, meu Deus! Na despedida,  
Do seu labio purpureo, distrahida,  
Collou-me á face a pequenina fita.

Quando sahi, a aragem, — margarita,  
Levou no calix, urna diluida,  
Todo o rócio da face, humedecida  
N'uma frescura angelical, bemdita.

E eu fui pensando nas manhãs formosas,  
No velho ideal das moiras incantadas,  
E perguntei ás brizas olorosas

Onde iria fundir-se em madrugadas,  
Onde iria brotar jasmíns e rosas  
Este orvalho das santas alvoradas ?

---

## PCENITET...

---

De uma vez, perguntaram-me quem era  
O artista maior que eu conhecia;  
Vinha galgando o sol da primavera  
E a Natureza, em flor, cantava e ria.

Em novellos de pó, que traz o vento,  
Ouvi na terra aspirações famintas...  
E mergulhei com alma e pensamento  
No vasto mar das gerações extinctas.

Medi ao largo o horizonte immenso,  
Corri o tempo, atravessando o espaço,  
Mas fiquei n'amplidão como suspenso  
Depois d'aquelle enorme e longo abraço!

Fui levantando o meu olhar aos céos,  
Tentei fundir no sol vibrante a vista...  
E cahi fulminado aos pés de Deus!  
Deus! — o maior, o grande, o immenso artista!

## A CATHEDRAL

---

Não vimos mais enfim que mar e céu.

CAMÓES.

Emquanto abre as janellas do Oriente...

FILINTO.

---

*(Na partida do juiz do Ultramar, meu amigo,  
Alfredo de Mendonça David)*

O' viajero ! olha-me as vélas pandas;  
Passeia os olhos n'amplidão suspensa;  
E' largo o céu e o orbe em que tu andas,  
Vaes percorrer-lhe a cathedral immensa.

A cathedral da magestosa frente,  
Onde só rezam furacões e vento;  
Que tem o altar pregado no horisonte,  
Cujo levita enorme é o Pensamento.

Deixa o desalento e as magoas,  
Sonha paragens ignotas...  
Olha: — Além, á flôr das aguas,  
Sonham em bando as gaivotas.

A cathedral do lampario santo,  
Cujo nitente e caudaloso véo  
Banha e fecunda o orbe no seu manto,  
E varre e lava os ambitos do céo.

A cathedral da pregaria de oiro  
Que a noite encrava no docel profundo,  
E a noite esconde, como seu thesoiro...  
A cathedral das cathedraes do mundo!

Se a dôr te punge e te assalta.  
Sonha que sonhas voando...  
Olha, além, tão branca e alta.  
Aquella nuvem sonhando.

---

Oh! como é grande esse infinito côro  
Das orações que rezam os Atlanticos!  
Que largo canto! E que tremendo choro!  
Oh! Como é grande o cantico dos canticos!

Oh! Como é grande a portentosa nave  
Que o mar abrange, n'um profundo abraço,  
E onde o levita, immenso, enorme e grave,  
Paira, sorrindo e devorando o espaço!

No sal das brizas marinhas,  
No ar fino da manhã,  
Vôa como as avesinhas,  
Banha a tua alma pagã.

Que solidez nas arcarias bellas!  
E como á noite os sonhos esvoaçam  
N'esse throno de fulgidas estrellas,  
Entre os dois infinitos que se abraçam!

Como é pequeno esse recinto estreito  
Que torturas immensas te consomem!  
Tão grande o mar... e tão pequeno o leito!  
Sim! Como é grande o pensamento do homem!

Encara o tópo dos mastros,  
Bebe a viração do sul,  
E á noite sorri aos astros  
Na curva immensa do Azul.

Quando o mar em cachões espuma e canta,  
Toda a alegria humana e triumphal  
E' um grito de fé que se levanta  
E vae juntar-se ao côro universal.

Mas, quando elle em bulcão soluça e geme,  
Cada humano gemer, cada martyrio,  
E' um grito de dôr que em baixo freme  
E vae roçar em vagalhões no Empyrio.

Sonha, sonha, visionario!  
Espraia a vista risonha...  
Olha aquelle campanario...  
Coitado! Como elle sonha!

Deixa a saudade em pelagos distantes,  
Fecunda em ti o largo Amor disperso,  
E sacrifica ao Deus dos navegantes,  
E faz-te emfim levita do Universo.

Faz-te, afinal, um sacerdote aërio ;  
Sobe os degráus da cathedral infinda,  
E desvenda-me um pouco esse mysterio...  
Depois do mundo, ha muito mundo ainda.

Sonha que na luz te banhas  
Das eternas alvoradas...  
Olha, além, essas montanhas...  
Como ellas sonham, coitadas !

Ao largo, ao largo, ó viajero, avança !  
Corre a vaga batendo além, na prôa ;  
Tambem dentro de ti a vaga, — a Esp'rança,  
Bate a curva do céo. Não corre, vôa.

Abre-me as azas, na mansão dos ares !  
Nem te apavore um pensamento amargo !  
Olha a benção de Deus, cruzando os mares !...  
Vamos, ao largo, ó viajero, ao largo !

A alma, porque a torturas ?  
Entre o mar e o céo bemdito,  
O pae, — é o Deus das Alturas,  
E a familia, — é o Infinito.



# O HYMNO DA RESTAURAÇÃO

---

(1.º DE DEZEMBRO)

## I

Eu heide, emfim, morrer criança impenitente;  
Do moderno Ideal eu sou um verbo inutil;  
Se alongo a vista, abranjo (e bem difficilmente)  
O horisonte que abrange uma criança futil.

Se me fallam a mim n'um povo, — a Humanidade,  
N'uma bandeira só, que envolva o mundo inteiro,  
Eu recordo, evocando uma longinqua idade,  
Uma historia que li d'um lobo e d'um cordeiro,

De pendor natural um quasi pessimista,  
Não creio, a meu pezar, que um rumo novo tomem  
Os povos de amanhã. Por mais que alongue a vista  
Vejo que o homem é lobo e . . . garra para o homem.

O philosopho triste encontra em mim um adepto.  
Se alguém do Novo Ideal me tem por vil refugo,  
Prefiro muito mais que me supponha inepto,  
A curvar a cerviz, dando o pescoço ao jugo.

## II

Portanto, quando te ouço, ó hymno gasto e velho,  
D'esse frio Dezembro á luminosa entrada,  
Estremeço ao calor d'um furacão vermelho,  
Julgo ouvir um grilhão partido n'alvorada.

Velha imagem sabida! E todavia eu sinto  
Estalar dentro em mim como um vulcão rubente,  
Quando no ar estala, em doido labyrintho,  
O pregão triumphal da tua voz ardente.

---

E todavia és hoje um raro e forte banho,  
Onde o povo, accordando uns ideaes que tinha,  
Se galvanisa ainda ao arripio extranho  
Que o convulsiona todo e lhe percorre a espinha.

Eu, por mim, quando te ouço, ó hymno velho e gasto,  
Desenrolar no céu a aurora triumphante,  
Bebo a amplidão do ar n'um sorvo immenso e casto,  
Como um gamo na selva abro a narina hiante.

Não maculem do povo a austera virgindade!  
Não lhe manchem a fonte pura onde elle estanca  
Essa febre do ar, da luz, da liberdade,  
Que se perde no Azul como uma aguia branca!

---

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## REX!

---

No mais alto d'um ramo alcandorado,  
Toda a manhã um passarinho esteve  
Chalrando a outro, pipilante e leve  
Que vive agora sobre o meu telhado :

-- «Porque demonio foi, ó desalmado,  
Que, sendo tu quem mais no Azul se atreve,  
Hoje fugiste ao companheiro em breve,  
E te ficaste ahí, embasbacado?» —

— «Olha, estive a ralhar ao meu visinho,  
Mas foi debalde, e sinto-me nervoso...  
Renasce o dia, a Natureza canta,

(Em vão lhe digo) accorda, pobresinho!  
Anda, salta d'ahi, ó preguiçoso,  
Vem adorar o Rei que se alevanta!» —

---

## A' ESTATUA DO MARQUEZ DE SÁ

---

Acaba de fallecer o primeiro portuguez d'este seculo.

A. HERCULANO (carta escripta a um irmão do M. de Sá).

Que um trovão parecia a voz pesada,  
Traz elle um raio o fulminar da espada.

GABRIEL P. DE CASTRO.

### I

Marquez! Venho prestar-te as minhas homenagens.  
Foste valente e bom e foste honrado... Não?  
(Sei que o preto aos heroes se perde em mil voragens)  
Mas... corria que sim, nas epochas selvagens,  
No tempo em que eu beijava a tua ferrea mão.

E' mentira? Será! Mas, quando morreste,  
Ouvi dizer (ouvi, eu era muito povo)  
Que a Dôr, como um tufão nas azas do nordeste,  
Como a noite que envolve o concavo celeste,  
Encheu de magua intensa o coração d'um povo.

Ouvi dizer que aonde o feretro passava,  
O povo, em lucto e dó, tirando o seu chapeu,  
Como no altar da Honra humilde ajoelhava,  
Porque nunca ao fulgor da tua fronte brava  
Descobriria o vergão d'um unico labéo.

O peito não retráe a Dôr que o surprehende,  
A mágoa que é sincera, a mágoa que diz tudo;  
Pois bem: de muito rosto onde um sorriso prende  
Uma ironia eterna ao brio que se vende,  
Corria o pranto ali, saudoso, triste e mudo.

Isto ouvi eu dizer. Talvez que seja falso.  
E quem me diz a mim se todo o fundo amor  
Ao severo perfil que no meu peito exalço  
Não merece um tremendo, um rude cadafalso?  
Serias um bandido, um rabido impostor?!

Perdoa, ó mutilado, a vergonhosa affronta!

    Todo o sombrio fel que estas palavras têm  
 Não é um desvairar d'uma cabeça tonta,  
 E' um sarcasmo, um nojo, um tédio que desponta  
 Contra o mastim que morda a mão que lhe fez bem.

Que hoje em dia, marquez, na terra que foi tua,  
 E que um demonio a rir em tremedaes arrasta,  
 Quando a Vaidade estulta em sonho azul fluctua,  
 Ou quando, em fogo e lava uma ambição estua,  
 E' moda ser atheu. . . portanto, iconoclasta.

II

Mas não! O povo em massa ainda te respeita.

    Pode ahi rastejar o vendaval da Inveja,  
 Amparando na sombra a negregada seita:  
 Mas, quando altea a voz, rola no pó desfeita,  
 Cae, raivando a teus pés... sem que ninguem a veja.

Lembra-me ainda bem o teu perfil bondoso  
De militar aprumo e de altiveza recta;  
E a alegria infantil, aquelle immenso goso  
Com que eu ia roçar, humilde e respeitoso,  
Os labios de criança á tua mão de athleta.

Lembra-me ainda bem que essa cabeça altiva  
Tinha constellações de raios e de estrellas;  
Ali rasgara a Gloria a estrada primitiva,  
Andara ali a Morte em crua guerra viva,  
Bramira em torno d'ella o vento das procellas.

Cantos de immensa gloria! Um mar de cicatrizes!  
Os trovões do canhão, o estrallejar do obuz,  
Tudo isso rebentou em fulgidos matizes  
Sobre essa frente audaz... e lá criou raizes  
Para arrancar da sombra um vagalhão de luz.

Chrystallisou tudo isso em rutilo diadema;  
Bem pode reflectir o rebrilhar dos soes;  
Para vingar a Ideia, — a luminosa gemma, —  
O sangue d'um soldado é a venera extrema  
Que deve constellar o peito dos heroes.

## III

General! Ficas bem n'essa attitude ousada,  
A mão, valente e sã, cravada na bandeira;  
E' uma só... bem sei! (A outra mão, coitada!...)  
Mas, como ella é de bronze, e a vejo bem cravada,  
A honra nacional inda não morre inteira.

Se o teu peito, na dôr d'umas pungentes fragoas,  
Lá tem algum gemido a dystillar veneno,  
E, no arranco febril d'essas profundas magoas,  
Tu curvares a fronte, olhando a flor das aguas,  
O espelho de crystal pode ficar sereno.

General! Ficas bem entre esses dois leões.  
Quando o canhão jorrava um sanguinario vomito,  
Se um formoso ideal, em rubidos clarões,  
Te acenava de longe... á boca dos vulcões,  
Como um leão bramia o fogo teu indomito.

Vejo que ahi, na base, uma mulher escreve ;  
Inda não posso ler o que ella deixa escripto ;  
Mas ou ella perturba a onda azul que bebe,  
Ou o teu grande nome, em letras de oiro e neve,  
Immaculado e casto, ha de ficar bemdito.

(Que ás vezes, nem já creio essa mulher sùblime !  
Depois de muito crer, eu creio em muito pouco :  
Averguei ao tufão, como se fosse um vime.  
Mas não divulgues nunca o meu nefando crime . . .  
Riam todos de mim, como se ri d'um louco.

Pode o cynismo audaz cavar-lhes dentro a morte ;  
Mas convem affectar cordura e magestade ;  
Que, para maldizer um pouquinho a sorte,  
Só depois dos oitenta eu colho um passaporte ;  
E eu ainda não tenho essa funesta idade.)

Immaculado e casto ha de ficar tão puro,  
Que o Tempo, accorrentando emulações mesquinhas,  
Em vez de o denegrir no bafo quente e impuro,  
Ao transpor e ao galgar as ondas do Futuro,  
Ha de acendrar-lhe o oiro e depurar-lhe as linhas.

IV

Alem, outra mulher sustenta no regaço  
 Uma gentil criança, — um pequenino fructo;  
 Indica-te á filhinha, erguendo um pouco o braço;  
 Tu sabes o que diz, cortando assim o espaço,  
 D'aquelle dedo anciado o amoroso nuto?

Diz que uma raça humilde e triste como a Noite,  
 Olhando a medo a luz, toda banhada em pranto,  
 Vendo a teus pés quebrado um vergonhoso açoite,  
 E no teu largo peito a aurora onde se acoitte,  
 Entre benções de amor, vae levantando um canto.

Diz que bem longe e longe, e muito alem dos mares,  
 Para que o nome teu se grave na memoria,  
 Em bronzeos peitos nus, convulsionando os ares  
 Entre clamores mil, se vão erguendo altares  
 Onde rebrilhe em cheio o sol da tua gloria,

Diz que o pranto de amor que a raça humilde chora,  
E em cada face negra um bom sorriso estampa,  
Galgando em nuvens de oiro os horisontes fóra,  
Ha de chover do céo n'uma ridente aurora,  
Para cobrir de orvalho a tua nobre campá.

Diz que ao longe a tua alma em sonho azul respira  
D'uma raça infantil na alma que se expande;  
Que o hymno teu de gloria aos pés de Deus expira;  
E, porque foste heroe, o teu paiz te admira,  
Mas, porque foste bom, tu foste muito grande.

E diz, ó pensador, ó alma grandiosa!  
Que, do teu verbo austero ao metralhar fecundo,  
Quando ergueste um — perdão! — na lucta borrascosa,  
O pulso que arrancou a gargalheira odiosa  
Arremessou-te o nome á luz do novo mundo.

Vae arraiando agora a sarça que elle inflamma;  
O nome de chrystal novos humbraes invade,  
— Moysés da nova Lei, que a grande luz derrama...  
O' vasto coração! — vivo diamante em chamma  
Do escriptorio universal... tu és da Humanidade.

---

V

Marquez! Ergue mais alto a larga fronte pura.  
Fita as irradiações dos astros immortaes.  
Aguarda sem temer essa Manhã futura...  
Que a tua fronte audaz, onde um clarão fulgura,  
Pode bem resistir um pouco aos vendavaes.

General! Guarda bem essa bandeira mésta,  
Porque hoje é mais preciso o fogo dos valentes.  
E se alguem te partir a velha mão que resta,  
Quando tudo largar em fuga deshonesta,  
Não mordas inda o pó... agarra-lhe nos dentes.

,

↑  
|  
↑

## A MARQUEZA DA GRACIOSA

(NO SEU TUMULO)

---

*(A minha irmã, Viscondessa de Proença-a-Velha*

---

Grande mulher, que fizeste  
O orgulho de teu marido!  
Onde estás... se te perdeste? . . .  
Que o teu par anda perdido!

Talvez te siga na esteira...  
Que entre as dores que o consomem,  
Tu, ó grande companheira,  
Deixaste a sombra d'um homem.

---

Nunca o mais ligeiro enfado,  
A' flor do labio indeciso,  
Que não fosse, resignado,  
Desabrochar n'um sorriso!

Veio um anjo de embuscada  
E o teu sorriso apagou-se...  
O' grande mulher casada!  
O' santa, ó piedosa, ó doce!

Ninguém melhor cumpriria,  
O' meiga visão do lar!  
Moirejaste um largo dia...  
Agora, vae descansar.

Dorme no pó sacrosanto!  
Espera *alguem* que ha de vir!  
Quem trabalhou tanto e tanto  
Precisa bem de dormir!...

---

## OS TERRAMOTOS

---

*(Ao sr. Emygdio Navarro)*

---

Pois os vedados terminos quebrantas...

CAMBÉS.

Entre as sombras da squálida amargura.

FILINTO.

Parece que afinal o manto não se ajusta.

Ruge convulsamente o globo nos seus flancos;

E, para lhe exhaurir essa desgraça adusta,

E' força espedaçal-o em turgidos arrancos,

E' preciso quebrar-lhe o leito de Locusta.

No antro da Consciencia o mesmo arranco infausto:  
Range, no velho gonzo, o pensamento exausto;  
E a Idéa — a aguia branca, — erguendo as pandas azas,  
Em vão tenta, ao calor d'um sol feito de brazas,  
Reflorir de illusões no elixir d'um Fausto.

Eu não sei que traduz este agitar perplexo;  
Eu não sei onde leva este refolego indomito;  
Batem de chapa os dois, em turbido reflexo...  
Dois mundos!... que será do temeroso vomito?!  
Dão-se as mãos!... que será d'esse tremendo amplexo?!

Parece que um tropel de aspirações distantes  
Vae pedindo tambem um coração mais vasto...  
E o manto, ao comprimir, nas malhas crepitantes,  
O jogo muscular d'essas visões possantes,  
Esboroa-se e cae, feito pedaços, — gasto!

Mas, entre os mil cachões das negras derrocadas,  
Brame sinistramente a dôr que não tem nome...  
A's armas, cidadãos! Bandeiras desfraldadas!  
Nos arraias da Morte, em frente ás barricadas,  
Ha desgraça, ha miseria, ha desespero, ha fome!

\*  
\*   \*

Portanto, é caminhar em pelotões cerrados !  
O campo é este, olhae ! —A guerra contra a guerra !  
Chova um raio de luz sobre esses desgraçados  
Por cada estremeção que rebramir na terra !

Cada baga do pranto erguido das entranhas  
Seja colhida à flôr das desoladas fronte...  
Baixe o orvalho do céu á urze das montanhas.  
Chore a manhã de abril nos calcinadôs montes.

Podem viver ao pé dois vegetaes antigos  
Erguendo a côma altiva, independente e bella..  
Mas, se passam rolando os ventos inimigos,  
Mas, se ronca bramindo a bocca da procella,

Se passa o vendaval e o furacão perpassa,  
Levantam-se febris na abobada suspensa,  
E chorando e gemendo, unidos na desgraça,  
Confundem bruscamente a ramaria immensa.

Arrastam-se os bulcões, em céu de tempestade,  
Desenhando no dorso algum dragão informe...  
Olham-se torvamente, á dubia claridade,  
Ruminando no bojo um infortunio enorme...

Mas, se o tufão irrompe e o vento se desprende,  
Abraçam-se... e lá vão, sumidos na campina,  
—Desgraçados a quem a mesma dôr impende,—  
Chorar perdidamente a dôr que os allucina.

Debaixo d'este solo inda estremece e chora  
Um povo que pranteia a mesma desventura;  
E em cada tumba eu sinto alguém que ainda implora  
Rangendo a velha ossada em cada sepultura.

---

Desprenda a Caridade a limpida garganta !  
Chovam rios do céu... alguem de lá nos pede.  
Nem pôde o oiro ter applicação mais santa :  
Dar pão a quem tem fome e agua a quem tem sede !

Vamos! que *a vida é um sonho*, e o sonho dura pouco;  
A aragem sopra tanto em desvairado rumo !  
Tenho visto, Senhor ! tanta visão de louco  
Voar, uma por uma, e desfazer-se em fumo !

A Fortuna, afinal, é rosa de noivado  
Inundada de luz e de perfume em roda,  
Cujas petalas vejo, em sonho angustiado,  
Cair, uma por uma... e desfolhar-se toda !

\*

\* \*

A imprensa ergueu a voz. A Thebas das cem portas  
Levou, de pólo a pólo, o dobre funerario.  
A's armas! E' marchar sobre as cidades mortas!  
Paire o maná do céo ás gerações absortas,  
Como pairou a cruz no morro do Calvario.

Ergamos do Futuro os tumidos renovos.  
Cortemos pela base os troncos moribundos.  
Que a rama vae tapando os horisontes novos,  
E é já tempo de vêr o coração dos povos  
Fundir-se e mergulhar no coração dos mundos.

Volvamos do passado as folhas luctuosas.  
Ensombremos no olvido as velhas tradições.  
E, — Amphytrite que ri ás ondas marulhosas, —  
Rebente a Caridade entre montões de rosas  
Das boccas da miseria ás boccas dos vulcões.

---

---

Eu, que prezo o meu lar, e prezo a minha historia,  
Que prezo a minha gente, e prezo o meu paiz,  
Eu digo que é galgada a principal victoria,  
E em toda a sua gloria é esta a grande gloria:  
Abraçar e carpir um povo que o bemdiz!

Vamos! Guerra leal e o peito a descoberto!  
Nas largas proporções da lucta que se expande,  
Mostremos finalmente, aos povos do deserto,  
Como póde caber, em doloroso aperto,  
N'um povo tão pequeno um coração tão grande!

---



## O INFANTE D. HENRIQUE

---

Na sombra medieval de noite erma de estrellas,  
— Silente e negra esphinge, ou velho mastodonte,—  
Eu julgo ver-te em pé, cravado no horizonte  
Feito de nevoa e bruma e feito de procellas.

Teus olhos,—do alto Mar perdidas sentinellas,—  
Faroes de intensa luz erguidos sobre um monte,  
Procuram outra luz que muito além desponte,  
Do longinquo Oriente ás rutilas janellas.

Baixa, afinal, um raio á tua fronte pallida ;  
Tu vaes erguer a voz, immenso, altivo e forte . . .  
E eu imagino vêr, nas sombras illusorias,

Em vez d'esse Titan da longa barba esqualida,  
Do fero Adamastor profetizando a Morte,  
Um novo Adamastor profetizando glorias.

## CRYSTAL

---

Meu coração quebrou-se, como o roble  
Que percutisse o resvalar d'um raio;  
Nunca avergou a um sentimento dobre:  
— Cheio de sol, como as manhãs de maio!

Como a luz das manhãs, que de chapada  
Mergulha a fundo na caudal d'um rio,  
Eu, mergulhando á ultima camada,  
Posso rasgar-lhe a alma, fio a fio.

Teve o brilhar das aceradas lanças;  
Deslumbrou-se na luz d'um arrebol;  
Foi doce e meigo e bom como as crianças,  
E foi cheio de amor,— foi como o Sol!

Se eu quizera pintal-o, vivo e quente,  
Do largo Amor nas luminosas vascas,  
Dava-me a nota extranha e refulgente  
D'algum crystal que se partisse em lascas.

## HEBREA

---

Quem me dera ser hoje o hausto immenso  
Que em sonho morno, tropical, sanguineo,  
Ora hebesse o doido fogo intenso,  
A morte em chamma, e, no vulcão suspenso,  
Todo o coral do labio teu fulmineo.

Mais do que o Sol, no coruscante bojo,  
Na vaga ondeante das paragens cêrulas,  
Me queima o rubro e petulante arrojo  
D'esse fremente e pequenino estojo,  
— Doce morango cravejado a perolas.

Que antigo rei, ou patriarcha santo,  
Vendo-te o labio gotejante, em furia  
Te não roubara esse felino encanto,  
Por fabricar-se um luminoso manto,  
Para envolver-se na caudal purpurea?

Venha o da Lei rabbi meditabundo,  
Preguem rabbis, e que me gritem sabios!...  
Que verbo santo ha hi melhor no mundo  
Do que beber, n'um sorvo enorme e fundo,  
O vinho e o mel dos teus ardentes labios?

## REGINA PACCINI

---

Nunca sequer te vi, rainha da alvorada !  
Mas tem direito a vir saudar-te no arrebol  
Quem préza o teu paiz, e amanheceu na estrada,  
Saudando a mesma luz, bebendo o mesmo sol.

Faz-me bem o pensar que no decurso largo  
Da marcha, que ao triumpho o teu archanjo apreste,  
Has de evocar, na flôr d'algum sorriso amargo,  
A infancia... o teu passado... a terra onde nasceste.

---

E ao topetar no Ideal que o genio desabrocha,  
Depois de transcorrida a immensa trajectoria,  
Abrindo a mão febril, da alcantilada rocha,  
Arremessar ao berço um pouco d'essa gloria.

Neophita do Azul! se o teu olhar fuzila,  
Se o genio vive em ti (o que eu, Regina, creio)  
Mergulha bem no céu a rutila pupilla,  
Mas abre á dôr sangrenta as petalas do seio!

O monstro é como o raio, olha que o raio assombra;  
Has-de, ó alma! queimar-te em holocausto, a esmo,  
E, — faminta de luz — fugir da propria sombra,  
Como um doido que vae fugindo de si mesmo!

Ha-de inflammar-te o craneo o sopro d'um gigante;  
O abutre ha-de rasgar-te o coração exangue,  
E insufflar-lhe de novo a chamma agonisante,  
Para de novo o abrir e t'ó deixar em sangue.

Has-de sonhar no mundo, — o teu funereo leito!  
Trazer na frente audaz uma visão precita,  
E perguntar a Deus como é que pôde um peito  
Sentir dentro de si a Humanidade afflicta!

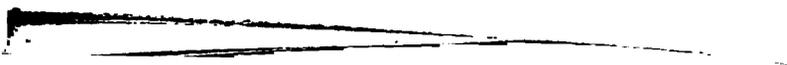
Artista, ensaia bem as tuas azas grandes !  
Criança, olha primeiro onde a visão te leva ! . . .  
Como a aguia real, has-de habitar nos Andes ;  
E, — derramando a luz — has-de viver na treva.

O genio, quando nasce, encara n'uma estrella ;  
Depois, torna-se em aguia e vae criando alento ;  
Até que um dia corta as vagas da procella,  
Gemendo e rebramindo e soluçando ao vento.

Regina ! affronta ao largo a estrella que ora fitas ;  
Alonga a vista em chamma á luminosa fada ;  
E alçando a envergadura ás ondas infinitas,  
Arranca-m'a do céo, na garra ensanguentada !

Mas antes de pairar e de fugir nas azas,  
Antes de erguer o vôo e de galgar no espaço,  
Sacode bem dos pés a lama em que te abrazas,  
E . . . crava bem no solo os teus jarretes de aço !

O genio, — esse Titan — é o furacão da guerra ;  
A Terra é sua mãe, — é como o velho Antheu :  
Precisa de firmar-se e de bater em terra,  
Para voar . . . subir . . . e mergulhar no céo.



## SOROR MARIANNA

---

Nem das maternas furias agitado  
Sento Orestes infernaes horrores,  
Quaes no animo revolve lacerado.

FILINTO.

### I

O Amor, o eterno Amor profundamente humano,  
O altivo desespero, o sentimento largo,  
O Amor, — o sempre doce, o Amor, — o sempre amargo,  
Como elle em ti rugiu, febril, cruel, insano !

Maldito o genio máo, o venenoso arcano  
Que de tu'alma abriu o dulcido lethargo  
Para verter-lhe dentro o Amor, o sempre amargo,  
O Amor, o eterno Amor profundamente humano !

Não! Mil vezes bem dita a vibora infamada!  
Sim! Mil vezes bem dito o coração informe!  
Elle vive na treva; e tu, desventurada,

Nas alvoradas de oiro é que a tu'alma dorme!  
Tu, que soubeste ser tão grande desgraçada,  
Tu foste uma mulher sublime, heroica, enorme!

---

## II

---

Tu que soubeste haurir do coração lanhado  
Essa epopeia atroz d'uma agonia extrema,  
Que não deixaste lettra onde uma dôr não gema  
Todo o sublime fel d'um peito ensanguentado;

Tu, que foste do -- Amor -- o angustioso brado,  
D'essa tortura d'alma a convulsão suprema,  
E que afinal és hoje o luminoso emblema  
D'esse abutre de fogo, ou sonho atormentado :

Que não pollua um riso a orla do teu manto !  
Martyr ! D'uma oração no fervoroso pranto  
Orvalhe a lagem tua o rumurar sequer !

Amaste, e o grande amor dos temporaes redime ;  
Soffreste, eis apagada a culpa que te opprime ;  
Tiveste um coração e foste uma mulher !

---

## D. AFFONSO HENRIQUES

---

D'esse condado altivo á nebulosa entrada,  
Vejo-te inda, rapace, erguer as mãos frementes  
Investindo e galgando os muros d'escalada,  
No silencio da noite e de punhal nos dentes.

Avançando hoje aqui, na desfilada heroica,  
Recuando depois, para avançar de novo,  
Tiveste dos heroes a pertinacia estoica,  
E assim fôste formando o coração d'um povo.

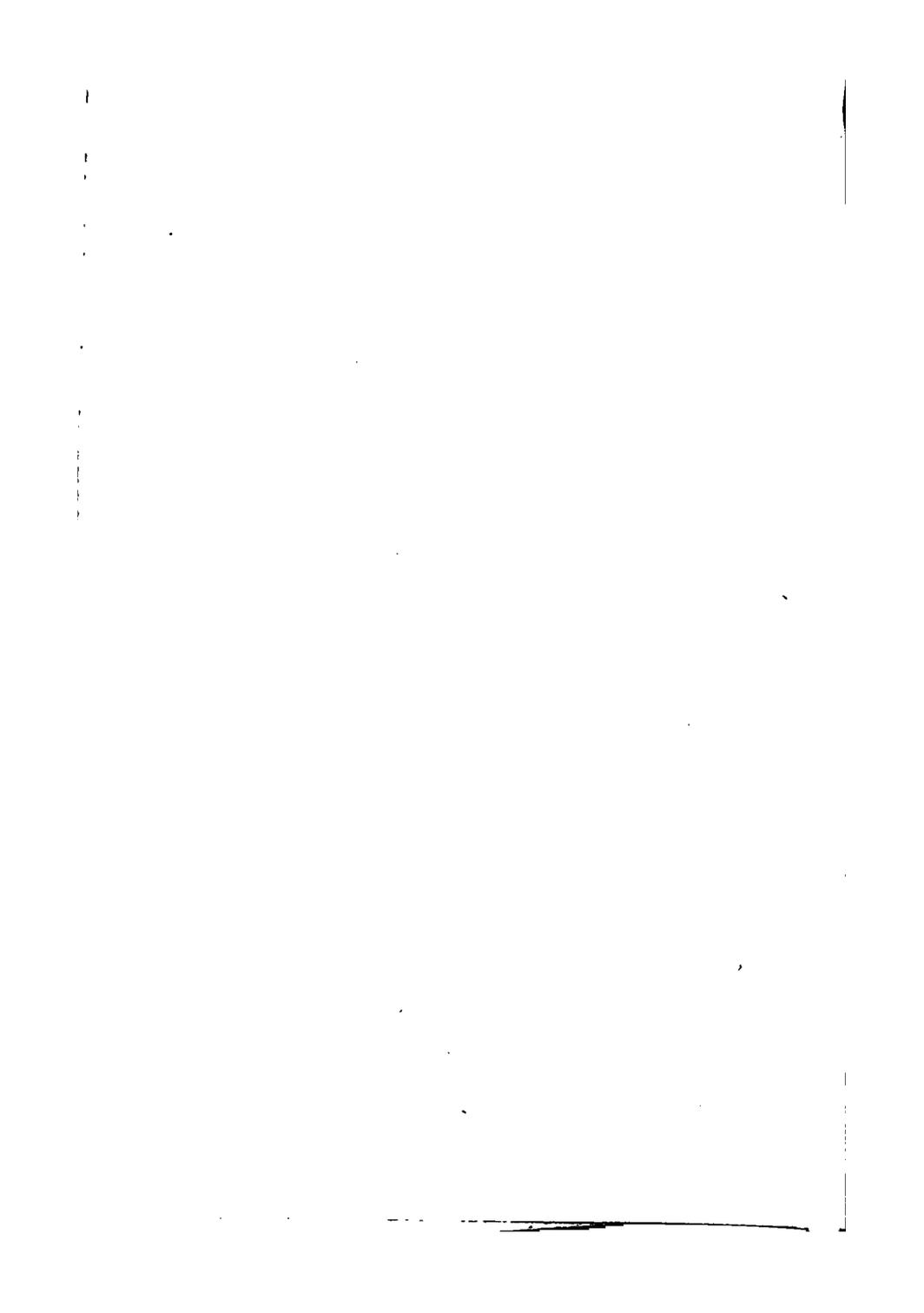
E o nobre coração cresceu-lhe depois tanto,  
Que, para se abrigar emfim de qualquer modo,  
Foi alastrando e erguendo o luminoso manto,  
E quasi precisou encher o mundo todo.

O bravo coração cahiu, extenuado,  
D'um raivoso destino aos pallidos revezes. . .  
Mas lá dentro um fogacho inda crepita ousado,  
E parece, afinal, que ainda bate ás vezes !

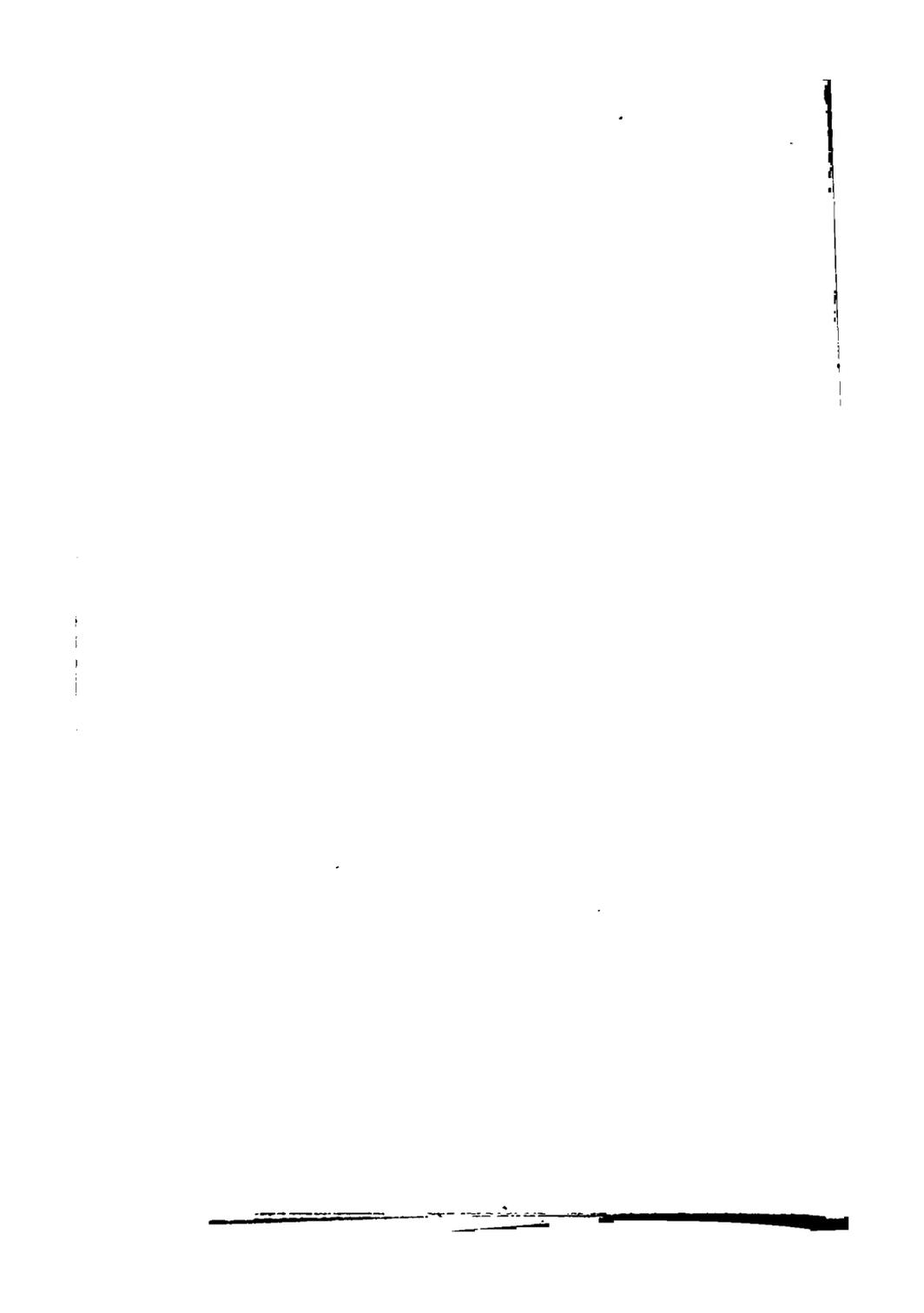
Ó guerrilheiro audaz ! De longe eu te agradeço  
O selvatico arrojo, a intrepida grandeza  
Que do teu sangue heroico ao rude menospreço  
Fecundou, germinando a alma portugueza.

---

# A TROMBA



*Ao João Valente*



## A TROMBA

---

Com fama grande e nome alto e subido.

LUSIADAS.

Ou de ousado a crueza fera e dura.

IBID.

Amplexo universal nas ondas do universo!

Não haver pela terra ou pelo Azul disperso  
Um rumor indeciso ou nota discordante,  
Desde as sombras da noite á aurora do levante,  
Do revolto Oceano ao mar do Pensamento!...

Magestosa harmonia! Unanime concento!

Do surdo resvalar das gerações no abysmo,

---

Aos combates do mar na voz d'um cataclysmo,  
Nem um rugido só no Azul fica disperso ! . . .

Amplexo universal nas ondas do universo !

Ha no eterno lutar dos vagalhões do Oceano  
(Escarcéo que deslumbra o pensamento humano !)  
Phenomenos brutaes da força omnipotente  
Dos ventos, encrespando a tumida corrente . . .  
O mar agita o dorso em raivas epilepticas,  
E, do açoite do vento ás convulções freneticas,  
Cuspindo pelo Azul imprecações de atheu,  
Lá vae . . . de vaga em vaga a topetar no céo !  
Baixam do alto ao mar vapores condensados  
Á formidanda voz dos ventos encontrados . . .  
Levantam-se depois formas pyramidaes,  
Destacando na sombra os vultos colossaes . . .  
E, unidas n'uma só, desenham as pyramides  
A torva negridão das tenebrosas chlamydes.

Domina em toda a altura a vastidão dos mares  
A columna cerrada erguida pelos ares

Lá dentro, — a morte, o nada !..

ante o furor suspenso :

— Um vazio tremendo, um sorvedoiro immenso ! —

E em rancos de trovão, na rabida passagem,

Abrindo ao vendaval a tunica selvagem,

Remoinhando n'altura e despedindo um berro,

A tromba arrasta a si n'um circulo de ferro,

Esmagando n'um amplexo, em contorsões violentas,

Tudo quanto arrancara ás vagas temulentas ! .

Formara-se um vazio ; e tudo além se inclina !..

Uma lei da Materia assim o determina.

A Humanidade é um mar.

E diz-nos a memoria

Que ha trombas colossaes nos vagalhões da Historia.

De longe vem soprando o vento do Passado,

Arrastando no tempo, em sombras conglobado,

Um doido amontoar de imprecações, de gritos,

Blasphemias collosaes e raivas de precitos,

Contorsões de agonia, angustias concentradas,

A Razão e a Justiça, emfim, despedaçadas

Ao peso esmagador da prepotencia bruta... .

---

Irrompe então na Historia a formidanda lucta.

Por entre o remoinhar d'aquella immensa dôr  
Começa a levantar-se um vento abrazador . . .  
Depois, entrechocando o vento que soprava,  
Faz explosão, — rebenta em borbotões a lava!

Se eu agora, afundando o extremo do escarpello,  
Chamar um pouco á luz o extranho paralelo ;  
Se eu pretender tirar do seio da penumbra  
A doida confusão que a minha vista obumbra ;  
Se eu quizer procurar na Historia alguma tromba  
Que em rajadas de luz o Preconceito arromba,  
Que pulverisa a treva e inda de longe avança,  
Tenho um paiz immenso : — apontarei a França!  
Tremenda convulsão?! Exemplo que o comprove?!

Esta legenda só : — chama-se *Oitenta e Nove!*

Pyramide brutal d'um seculo d'altura  
Que na maior distancia ainda mais fulgura!

Tem por base — um tropel de gritos e lamentos,

---

A Innocencia calcada ao embater dos ventos,  
O velho Preconceito ante a Razão cuspido...  
—Um mar d'imprecações n'um tumulto perdido!

Por cimento,—o labor da Intelligencia austera  
Que d'entre o sacrificio a força retempera...  
Zombeteiro Voltair', sombrio Machiavel,  
—A Ideia gargalhada e o Espirito revel,—  
Montesquieu, d'Alembert, Descartes e Rousseau,  
Phalange triumphal!... tudo por lá passou  
Como um tufão que arrasta a noite dos miasmas...  
E a Tyrannia, a Força,—os lividos phantasmas  
Que ensombavam de medo as multidões d'outr'ora,  
Dissipam-se ao romper dos vendavaes d'Aurora,  
Porque— a cupula enorme, a crista principesca,  
Desenhando no alto a fórma gigantesca,  
Despedindo clarões, espadanando raios,  
Espancando na treva os lividos desmaios,  
Revigora a esperança á lucta das nações,  
Apontando o Porvir ás novas gerações!

Na columna ideal que ante a memoria expendo,  
Ha tambem um vazio, um boqueirão tremendo!...  
Vazio onde não brota a aurora do Direito,  
Onde a Justiça dorme em funerario leito

A' sombra triumphal das opprêssões volvidas;  
De ha muito, para lá batiam attrahidas,  
N'um confuso tropel de doidas alvoradas,  
As azas do Talento erguido ás cumiadas...

Por isso, presidindo ao caminhar dos povos,  
— Aguia que vae rasgando os horisontes novos, —  
Como um grave obedece á Lei omnipotente,  
O Marquez de Pombal gravita na corrente.

\*

\* \*

O Marquez de Pombal! Ha n'este vulto enorme,  
— Sol que deslumbra a vista em céu tempestuoso,  
Reverbero de luz d'uma expressão disforme,  
Flamma que se despede ao mar do Tormentoso,—  
O sinistro esplendor da lividez sangrenta  
Como o clarão d'um raio em dias de tormenta!

O Sól tambem se tolda. E nunca póde a Historia,  
(Por que se veja em tudo o braço da Justiça)  
Ao desfaldar ao vento a sua immensa gloria  
Que em rajadas de luz a nova aurora atíça,  
Esconder ou lavar, na sombra adormecida,  
Esta mancha cruel:—o padre Malagrida.

---

Vacilla a Humanidade e treme a Consciencia,  
Se na praça, em Belem, uma fogueira alteia...  
Mas, da extrema cegueira á febre da demencia,  
Quando um homem attinge as proporções da Ideia,  
Provam que não ha dôr que a vista não descerre,  
Cromwel e Richelieu, Danton e Robespierre.

Exhumando na Historia a nota gemebunda,  
Uma nuvem de fogo, exemplo que me assombra,  
Rastro de heroicidade e abnegação profunda,  
Eu curvo-me ao altar da veneranda sombra  
Que na fimbria de luz leva a minh'alma presa :  
— A Gironda, morrendo á voz da Marselheza! —

É triste condição da natureza humana  
Que entre gritos de dôr e convulsões de morte,  
Entre o choro, que o brilho á nova Lei empana,  
Venha, como um pregão da miseravel sorte,  
Tingir sinistramente o magestoso ingresso  
A chancella do sangue á marcha do Progresso!

\*

\* \*

Houve em tempos alguém (e vive ainda agora,  
Rastejando na treva onde o Porvir descora)  
Que, pretendendo erguer um muro ao Pensamento  
Banhado á grande luz d'um fulgido arrebol,  
Como se a Noite audaz podesse, algum momento,  
N'um punhado de sombra obscurecer o Sol,

Ante o pasmo do mundo á insolita surpresa  
Arvorou um pendão na gruta de Manreza !  
Era treva a bandeira aos ventos levantada,  
E a divisa brutal que lhe revolve o craneo,  
Resurgindo depois na mão ensanguentada,  
Treva devia ser: — brotou d'um subterraneo.

---

Eu tambem creio em Deus. Respeito o sacerdote,  
Quando elle, erguendo um braço e desfraldando o archote  
Que ha de um dia accordar as regiões distantes,  
Chamando ao nosso gremio as almas innocentes,  
Na rajada cruel dos ventos sibilantes,  
Transpõe de polo a polo ignotos continentes.

Quando o padre mitiga a dôr dos infelizes  
N'este oasis— a Fé,— bordada nos matizes  
Com que a franjam de amor as folhas do Evangelho,  
Quando elle encaneceu a enxugar o pranto,  
Bemdito seja então o venerando velho !  
Bemdito seja então o jesuita santo !

Mas quando elle, olvidando as tradições robustas  
D'essa Fé que o levava ás regiões adustas  
Semear o Porvir sobre um terreno ingrato,  
Como um rio caudal que resvalou da madre,  
Abandona a missão, cuspindo no mandato,  
Que me perdôe o céu ! . . mas aborreço o padre !

---

Em Portugal tambem o filho de Loyola  
Baixara do altar para invadir a eschola;  
E, depois de a cingir, nos braços bestiaes,  
Como furtasse a vista á luz dos novos brilhos,  
Na treva sepulchral em que envolvera os paes,  
Procurava, de manso, ir envolvendo os filhos!

\*

\* \*

Inda bem que entre nós alguém se ergueu em face  
Ao navio infernal que ia surgindo á barra,  
E antes que o virus máu de todo se espraiasse  
Á truculenta garra oppoz uma outra garra !

Inda bem que Pombal — esse clarão sombrio !  
Convulsionando o mar e decepando os mastros,  
Rasgando a meio e meio o casco do navio,  
Rasgou tambem no céo a luz dos novos astros !

Inda bem que Pombal — a Ideia allucinada !  
Erguendo ás multidões a verdadeira cruz,  
Lascando como um raio a nau desmantellada,  
Afundou na tormenta os filhos de Jesus ! . . .

---

---

De Jesus?!... E' mentira! A Historia não aponta  
Que Jesus, o Homem-Deus, o bemfeitor do pobre,  
Cuspisse ao desgraçado o escarneo d'uma affronta,  
Curvando-se depois ante o solar d'um nobre!

De Jesus?!... E' mentira! A Historia nunca disse  
Que Jesus, o Homem-Deus, o pae das criancinhas,  
De dia as circumdava em nuvens de meiguice,  
Suffocando-as na treva ás intenções damninhas!

De Jesus?!... E' mentira! A Historia não registra  
Que esse vulto gigante, a encarnação do Bem,  
Baixando sobre o lar como visão sinistra,  
Desesperasse um pae, enlouquecendo a mãe!

De Jesus?!... Não são tal! Deus nos defenda a ideia!  
Estulta obcecação! Criterio irreverente!  
Aquelle que transpõe o abysmo que medeia,  
Desconhece o passado ou, de contrario, mente!

Respeito a quem do alto os afundou no olvido!  
Ao golpe que vibrara o punho de Pascal,  
Ganganelli obedece e cahe desfallecido,  
Porque surgiu na sêmbra o vulto de Pombal.

De certo, alguma coisa ao longe ia avultando  
Nas brumas do Porvir que um novo sol condensa...  
Rasgavam-se no escuro, enfim, de quando em quando  
Os primeiros clarões d'uma alvorada imensa!...

---

\*

\* \*

Portanto, presidindo ao caminhar dos povos,  
— Aguia que vae rasgando os horisontes novos,—  
Como um grave obedece á Lei omnipotente  
O Marquez de Pombal gravita na corrente...

Na corrente, arrancando a aurora diamantina  
Da treva sepulchral, d'essa ave de rapina  
Que esmagava a razão cravando a garra adunca,  
Gravou tambem na eschola esta palavra : — *Nunca !*  
Na corrente, enxugou as lagrimas do escravo  
Que o pulso erguia ao céo nas convulsões d'um bravo,  
Ululando a rugir n'uma expressão colerica  
Desde a plaga africana ás regiões d'America !

D'este palmo de terra a Europa inteira zomba,  
E... foi elle o primeiro a resvalar na tromba !

Uma gota do mar, que em catadupa avança,  
E' fragil... se o não é?! desfal-a uma criança...  
Mas, lançada depois do abysmo á immensidade,  
Lá vae nos vagalhões... produz a tempestade!  
Pode um sôpro do mar nas virações da aragem  
Quando muito, assustar a tremula folhagem...  
Mas, a massa brutal erguida em convulsão  
Arremessa a procella e traz o furacão !

Tambem d'aqui surgiu primeiro o enorme grito  
Que depois rebentou nos antros do infinito.

Esse grito que foi a aurora d'uma esp'rança  
No sangue o baptisou a generosa França.

Tremenda convulsão?! Exemplo que o comprove!?

Esta legenda só : — chama-se *Oitenta e Nove* !

---

---

## O ULTIMO CANTO

---

( *Aos meus amigos* )

---

### I

Rapazes! Vae já longa a epocha florida  
Em que nós, a cantar, e mergulhando as mãos  
Dentro d'essa Manhã de resplendor vestida,  
Com almas juvenis e como bons irmãos,  
Da cornucopia de oiro (enchida a trasbordar,  
Logo depois de a termos feito esvasiar)  
— Sisyphos d'Alegria, — arrancavamos rindo  
A papoila vermelha, o cravo, o tamarindo,  
A violeta escondida, o rosmaninho agreste,  
Toda a côr, — do escarlate ao claro azul-celeste, —

---

Da mais subtil essencia á mais inebriante,  
Para calcarmos tudo exausto, agonisante,  
Sem ouvir um gemido e sem ouvir um rogo,  
A' pressão triumphal dos nossos pés em fogo.

Onde está, hoje em dia, a vara de Moysés  
Que faça rebentar um jorro a nossos pés,  
D'essa lympha de prata arrulhadora e mansa  
Onde a febre esmorece e a alma azul descança?  
Agora nós, bom Deus, em vez de tantas flores,  
De tanto orvalho bom e de subtis olores  
Que espalhavam na estrada as rosas orvalhadas,  
Vamos atravessando (ó noite de mil dôres !)  
A charneca, o paul, as serras escalvadas !

Tão longe fica já essa florida estancia,  
Que até se vae perdendo a rumura fragrancia,  
O bom e dôce arfar d'esses jardins da Aurora !  
Quem me dera sentir-lhe o meigo aroma agora !  
Acreditam vocês que, por um anno inteiro  
Da minha mocidade, á volta dos vinte annos,  
Eu dera, até chegar ao dia derradeiro,  
O que resta colher de torpes desenganos,  
D'um momento feliz, de pequeninas glorias,  
— Bolhas de ar acenando em chammas illusorias,

---

Em cambiantes de luz, quando as redoira o sol, —  
D'algum sonho ideal perdido no arrebol,  
—Espectro de si mesmo, em pó quasi desfeito, —  
E que eu tenha trazido apunhalado ao peito ?

Acreditam vocês que, por um anno apenas  
Na aza multicôr das ideaes phalenas  
Da eterna juventude, eternamente cheia,  
Eu dava, — d'este Mar faminto Palinuro, —  
O que restasse ouvir do canto da sereia,  
E todo o meu passado, e todo o meu futuro ?

Onde irá d'esse enxame a esplendida cascata  
Que lhe tombou da aza em pó doirado e em prata ?  
Onde irá, do tropel das borboletas de oiro,  
Todo o aroma subtil do nosso bom thesoiro  
Da rosa, do lilaz, da madresilva em flôr ?

Sabe Deus onde irá, se inda no mundo fôr !

Quem me dera viver como vivia d'antes !  
A Mocidade ! a clava herculea dos gigantes  
Que arremessa por terra a Noite vesga e baça

---

E purifica o ar, por onde quer que passa !  
A Mocidade ! o eterno, o altivo D. Quixote,  
O cavalleiro ideal da branca flôr ao peito,  
Que perpassa brandindo o fulgido chicote  
Em defeza do Bem, do Bello e do Direito !  
A juventude ! a extranha, a alegre vivandeira,  
Que a sorrir e a cantar, na celere carreira,  
Vae passando aos galgões, cheia de magestade,  
Em defeza do Amor, da Luz e da Verdade !

## II

Rapazes ! Vae já longe a flôr das Primaveras,  
E o perfumado azul d'essas longinquas eras.  
Já nenhum de vocês encontra pela estrada,  
Embalsamando o ar do aroma que endoidece,  
A violeta, a sorrir á luz da madrugada  
Entre as visões subtis que a luz da Aurora tece.  
Vão fugindo e morrendo inexoravelmente  
A papoila gentil da rubra bocca ardente,  
O orvalho que dystilla a sombra das magnolias,  
A pervinca acenando ás virações eolias,  
E a lorangeira fresca a menear de leve,  
De copa verde escura e flôr branca de neve !

Imaginae commigo um sonho de criança :

— Na aza immaculada, uma pombinha mansa  
Leva-a, toda embebida, em regiões aereas . . .  
Em volta, nuvens de oiro e claro azul tambem  
Rolam no branco véo d'essas caudaes ethereas ;  
Columnatas de azul, docéis de pedrarias,  
Taças de oiro entornando as loiras ambrosias,  
Archanjos triumphaes de coma resplendente,  
E em torno d'ella, a rir, cortando docemente  
O tenuissimo pó do ar incoercivel,  
Avançando e fugindo, e sempre ao mesmo nivel,  
Involto n'uma gaze ideal de transparencia,  
N'um confuso ondular de vaga somnolencia,  
— Colibris cõr de prata, em sonho inda orvalhados, —  
Um bando meigo e bom de cherubins alados . . .  
E tudo isto embriaga a pequenina em sonho ;  
Mas, quando ella contempla esse vergel risonho,  
Estremece no ar . . . subitamente accorda ! . .

. . . Sente frio no chão enregelado e humido !  
E, da janella aberta, uma sombria corda  
Da chuva, que aos galões e em fio negro e tumido  
Se despenha do céo, — como um tufão que passe,  
Vae encharcar-lhe os pés, vae fustigar-lhe a face,

E bramir-lhe que o sonho azul d'esse momento  
Em fumo se perdeu, batido pelo vento!

E a criança que ali dormia sobre o chão,  
Como um gomo de flôr que ao rez d'um charco assome,  
Quando accordou, Senhor! chorava a pedir pão!  
Santo Deus! accordou sentindo frio e fome! ..

Da mocidade em flôr que passa como um raio,  
— Aureola que um momento a todos veste e cobre —  
A tremer e a chorar em funebre desmaio,  
A nossa alma accordou como a criança pobre.

## III

Penelope que um dia um manto azul fabrica,  
E que á noite rasgou todo o trabalho feito,  
A minh'alma serziu essa roupagem rica,  
Para a rasgar depois... quando accordou no leito!

Rapazes! E' já tempo! A Mocidade foge!  
Vinguemos febrilmente o largo dia de hoje!

Eu já sinto que além o dobre dos trinta annos  
Vae cahir sobre mim com vendavaes insanos.  
Tenho horror á Velhice e não me assombra a Morte;  
Mas emfim, é mister que a alma seja forte!  
Que o frescor juvenil da Honra e da Vergonha  
Se grave dentro em nós ao declinar da tarde  
Como quando a nossa alma em nuvem branca sonha!

Recuar e fugir tem muito de cobarde,  
E o cobarde inda têm um pouco do leproso.

Despovoa-se a testa ao dobre angustioso,  
Como da olaia cae no frio outomno a rama,  
E a neve chove emfim sobre a cabeça em chamma...  
Mas o olhar inda tem o primitivo brilho,  
E a perna inda se firma e não recusa o trilho;  
Pois bem: se elle é forçoso abrir caminho largo  
A' phalange que irrompe e com sorriso amargo  
Ha de um dia tambem seguir a nossa esteira,  
Guardemos d'essa Aurora um vago do perfume,  
E olhando cá de longe a doida vivandeira  
Cujo colo esmaece a côr dos alabastros,  
E cujo olhar de fogo a luz do sol resume,  
E' preciso avançar de frente erguida aos astros!  
Para onde? não sei; e qual o fim? que importa?

Sei que ao chegar um dia á tremebunda porta  
Onde o Mysterio emfim a nossa febre estanca,  
(E nos leva... quem sabe a que paiz nublado?)  
E' preciso chegar de coração lavado,  
E' preciso chegar de consciencia branca.

Vamos ! Vamos transpor esta charneca ardente !  
E' forçoso marchar inexoravelmente !  
Recuar e fugir é torpe, é vergonhoso :  
O cobarde inda tem um pouco do leproso.

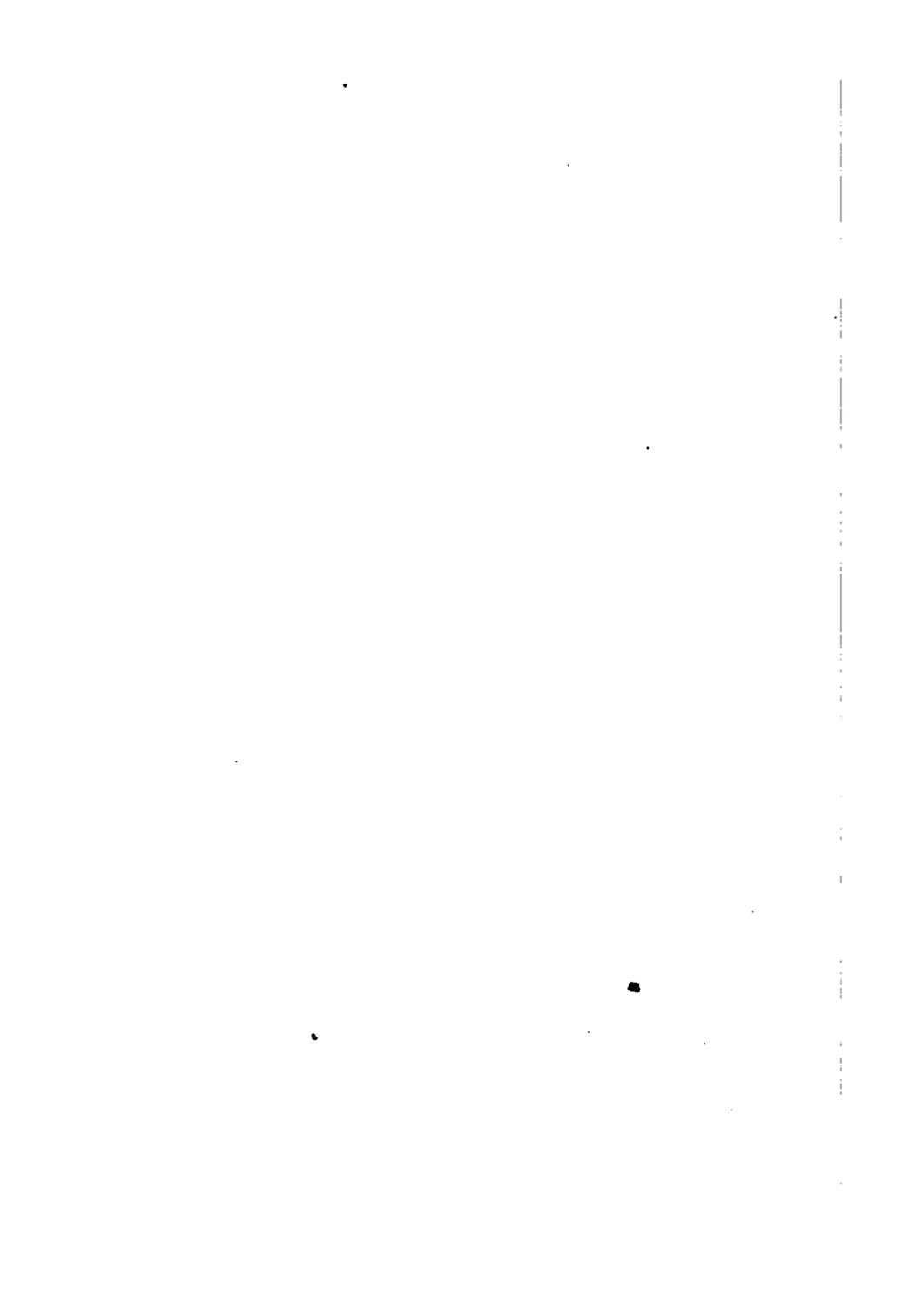
## IV

Eu, já agora, afastado e longe de vocês,  
Caminhando, e sorrindo ao termo da viagem,  
Não podendo voltar ao sonho inda outra vez,  
Quero viver emfim como animal selvagem :  
No mar da minha vida abrir as velas pandas,  
E dizer : — «Coração ! aqui és tu quem mandas ;  
Ao deus do Interesse e á deusa Conveniencia  
Ninguem lhes faz aqui a altiva continencia.» —  
E procurando ser humilde para os pobres  
Em cuja casa ha fome e ha sentimentos nobres  
Que resistem do Crime ao braço herculeo e rude,

---

Respeitando o Trabalho, a Honra e a Virtude,  
Admirando o Talento aonde quer que esteja,  
Olhando com desdem os tumidos vaidosos  
Que se adoram a si, ao penetrar na igreja,  
Orgulhoso tambem, — só para os orgulhosos,  
Curvando a minha frente apenas a meu Pae,  
Diante do qual ajoelha o meu orgulho todo,  
Saudando a luz do sol que do Infinito cae,  
Bebendo o azul do céo, entre caudaes e a rodo,  
Quero vêr se consigo ir abeirando a cova  
De corpo fraco e velho e alma valente e nova.

---



# NOTAS



## NOTAS

---

### PRIMEIRA PARTE

#### O VOLUNTARIO

Este conto e o ultimo — *No Segredo*, são, na base e no essencial do entrecho, absolutamente exactos. Assentam em factos, acontecidos na invasão franceza, e durante as convulsões da nossa politica interna.

Faço esta observação, porque, quem os lêr, muito principalmente ao ultimo, pôde attribuir a desvio de imaginação, desregrada e excentrica, o que não passou de quadro profundamente real, e bem mais doloroso por isso mesmo.

#### NHOR ABBADE

Na região que conheço da Beira Baixa, provincia d'onde sou natural, e supponho que n'outros pontos do paiz, empregam muito a expressão *nhor*, como abreviatura da palavra *senhor*. Na rapidez da pronuncia, eliminam a primeira syllaba. Fica esta nota para quem o ignorasse.

#### OS DOIS BANDIDOS

A lucta, que se descreve n'este conto, da faca, tendo por arma defensiva a manta, é o unico resaibo estrangeiro que existe no livro. Quero confessal-o, antes que a consciencia do leitor m'o censure.

Entre as vagas reminiscencias que conservamos, das historias ouvidas em creança, sem podermos dizer quando, e sem bem sabermos onde, fluctuava de ha muito esta na minha imaginação, e procurei dar-lhe vulto com a fidelidade possivel.

Nasci e passei os primeiros annos n'uma terra bem proxima da raia hespanhola; e é essa, provavelmente, a melhor explicação do conto e de todos os accessorios que desde então se me gravaram na memoria.

Garantem-me, ainda assim, que já no Baixo Alemtejo, pelo menos, se dão estas luctas.

### O CASTELLO DE FARIA

Termina este conto por oito quadras. O segundo verso da primeira quadra diz: — *Que o povo portuguez não quer morrer escravo*. A palavra *morrer* deve substituir-se por esta: — *viver*.

O verso tomou esta fórma um pouco mais afastada do original que acompanhava, por me haver dito um amigo que um poeta hespanhol de nome escrevera, em tempos, uns versos bastante offensivos para nós, em que se dizia que irmãos da Hespanha não podíamos ser, e que *para escravos nos não queriam*.

Sei bem que o nobre povo irmão e visinho não applaude nem perfilha este aggravo.

Consta-me que ao poeta hespanhol respondeu Gomes Leal com um soneto digno e magnifico.

Não tive conhecimento d'elle; de contrario, tambem teria respondido á aggressão injusta.

A proposito do ultimo acto de pirataria ingleza.

Parece que o santo e senha é hoje o seguinte: — «Cada um no seu logar! Fomentemos todos o odio, pelos meios ao nosso alcance, contra a nação que enxovalha o seculo, — roubando, e opprimindo apenas os fracos!»

Acato a palavra de ordem. Não vejo o partido que desce, nem vejo o partido que sobe. Faço inteira justiça aos nobres intuitos do sr. Barros Gomes.

Aproveito apenas um logar n'este livro, para levantar, em nome do meu paiz, mais um protesto contra o procedimento infame do governo da nossa velha alliada, — a Inglaterra.

Se estes actos de pirataria continuam, o que nenhum portuguez pôde, é deixar que a face da nação permaneça exposta a todo o esbarro, que o Capriho ou a Cupidez se lembrem de arremessar-lhe. N'este caso, faz-se mister uma resolução desesperada. E' preciso dar ao mundo civilisado um exemplo formidavel, e horrivel pelo sacrificio, do que pôde um povo pequeno e brioso, na defeza dos seus direitos, contra a hedionda sordidez d'uma nação enorme e cobarde.

O paiz, que não tem dinheiro nem força, precisa ter dignidade. Ao paiz que não pôde defender-se, e não tem juizo para se administrar, cumpre-lhe, ao menos, o saber ser doido: — saber morrer, cravando as unhas na face e no peito de quem o ludibriou! Ou então, rematando com a phrase d'um contemporaneo politico: — deixemos que nos expropiem por utilidade publica!

## SEGUNDA PARTE

### A SALOIA DOS CARNAVAES

Nunca entrei n'um baile de mascaras em Lisboa. Compreende-se, por isso, que eu não tenha ainda visto a *saloia dos carnavaes*. Será senhora de condição levantada? Será de origem modesta? Não sei. Já me disseram que era um homem! Tenho ouvido as mais oppostas opiniões. Quem quer que ella é, se anda n'aquella faina de todos os annos, unicamente animada de sentimentos de caridade, como creio, e parece ser o voto unanime da imprensa, — bem dita seja.

### A MARQUEZA DA GRACIOSA

Estes versos foram escriptos sobre uma phrase, que empregou, conversando commigo, no dia seguinte ao do fallecimento de sua esposa, a venerando marquez da Graciosa. A phrase foi a seguinte: — *Aquella grande senhora, que foi minha mulher!*

Como tantos que o conheceram, devi ao nobre e honrado velho uma fineza, que me impõe um eterno reconhecimento á sua memoria. Aproveito, pois, a occasião para fazer publicas as homenagens de todo o meu respeito, e de toda a minha saudade, sobre o tumulo do bondosissimo fidalgo, que era um caracter.

### OS TERRAMOTOS

Escrevi estes versos para scrêm recitados n'um sarau, em que ia

tomar parte, a convite da imprensa, por ocasião dos terramotos da Andaluzia. O sarau não chegou a realizar-se.

### REGINA PACCINI

Estava eu retido em casa doente, havia bastantes dias, quando li, em muitos jornaes de Lisboa, artigos d'um enthusiasmo excepcional e delirante, relativos á estreia de Regina Paccini, que eu nunca vira. Chamavam-lhe uma vocação decididamente genial. Diziam que a Patti era o sol que descia, e que Regina era o sol que despontava, etc.

Não são tão triviaes os genios, que parecesse extemporaneo, aos meus legitimos sentimentos de patriotismo, saudar o genio portuguez que apparecia. Reflecti, portanto, nos meus versos, todo o enthusiasmo que bebera directamente da imprensa. Oxalá realise no futuro a nossa gentil compatriota os aureos vaticinios de que foi objecto !

### A TROMBA

Este poemeto foi recitado em Lisboa, n'um sarau que realizaram os estudantes, pelo centenario do marquez de Pombal. Frequentava eu a Universidade. Publiquei-o primeiro n'um folheto, cuja edição se exgotou. Incluo-o n'este livro, tal como appareceu, com todos os defeitos que tiver, e com todo o calor da exaltação que a primeira mocidade empresta.

Olho de longe com saudade, para essa noite de enthusiasmos, em que mais uma vez fraternizou a juventude das escholas portuguezas.

---

## INDICE

---

	PAG.
Prefacio .....	IX

### PRIMEIRA PARTE

A maldição. ....	1
Os velinhos.....	9
A perdiz.....	15
O voluntario .....	23
Ambo.....	31
<i>Nhôr</i> abbade.....	37
As rozeiras brancas.....	49
O testamento d'um rei.....	55
No lago.....	63
Os dois bandidos.....	71
Margarida.....	79
O castello de Faria.....	91
A historia da visinha.....	101

	PAG.
O suicida.....	107
O juramento.....	115
Um mysterio.....	125
No segredo.....	133

## SEGUNDA PARTE

A saloia dos carnavaes.....	145
D. João de Castro.....	151
O mosteiro da Batalha.....	153
Miragens.....	157
Palavras d'um hospital.....	159
Aurora.....	161
A velha cruz.....	163
Antonio Pedro.....	165
Ressurexit.....	169
A laranjeira.....	171
O Pescador <i>Maio</i> .....	172
Alexandre Herculano.....	179
Alvoradas.....	189
Poenitet.....	191
A cathedral.....	193
O hymno da Restauração.....	199
Rex.....	203
Á estatua do marquez de Sá.....	205



